

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 2 - Número 11 - Abril de 1997

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 2 - número 11 - Abril de 1997

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Isa Bueno Costa e Silva

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

“**N**ada se cria de legítimo na arte de representar sem uma intensa busca e alguma ousadia”, afirma *Gianfrancesco Guarnieri* o sábio ator, diretor e dramaturgo que, nesta edição assina a seção “Como Fazer”, com o artigo “**A Construção da Personagem**”. Acredito que esta afirmação vá mais além da arte de representar e, além de se aplicar a todas as artes também vale para os trabalhos direcionados a atingir um objetivo maior: o de interferir diretamente na cultura e educação de seu povo. A **Teatro da Juventude**, pela resposta que tem recebido dos leitores, confirma que realmente, sem buscas, sem ousadias nada se cria de legítimo - na arte e na vida. Nesta edição, você irá encontrar as seguintes peças: **Em moeda corrente do país**, de *Abílio Pereira de Almeida*, o autor mais montado pelo TBC. Além de autor, ele também foi ator e cineasta. Suas peças geralmente abordam os conflitos da burguesia industrial paulista e, embora tenham sido escritas na década de 50, se aplicam perfeitamente aos dias de hoje, como *Santa Marta Fabril* (1955), *Moral em Concordata* (1956), e diversos filmes, como *Sinhá Moça* (1953). Várias de suas obras teatrais foram adaptadas para o cinema. A outra peça é a **Colombo - O novo mundo**, do talentoso *Walter Quaglia*. Indicada para adolescentes, aborda o universo da colonização sob um prisma moderno e ousado e induz à reflexão. Quanto ao terceiro texto, o infantil **O ovo de Páscoa Trincado**, de *Silvia Lee*, trata-se de um rápido exercício para crianças menores que possibilita jogar com cores e fantasias. Na seção *Livros*, nossa indicação não poderia ser mais apropriada a afirmação de Guarnieri. O livro **O teatro no mundo** é uma belíssima obra publicada pela Editora Melhoramentos que não pode faltar na estante de ninguém. Confira.

Erné Vaz Fregni

DIRETOR TEATRAL

 Gostaria de saber como e quando surgiu a função “diretor teatral”.

**Andréa Guimarães - atriz
São Paulo - SP**

Resp.: Data do séc. XIX as primeiras notícias que se têm sobre o diretor teatral. Antes disso era o próprio autor que, além de atuar, também dirigia. À medida que as técnicas teatrais foram se desenvolvendo, tornou-se necessária a presença de mais pessoas trabalhando e um diretor para dirigir o grupo.

SOLICITAÇÕES DA REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE (TJ)

 *Vimos através desta acusar e agradecer o recebimento dos quatro primeiros números da revista TJ. Consideramos de extrema importância esta publicação como interesse não só de atualização teatral como, num sentido mais amplo, o cultural. Gostaríamos de continuar a receber os demais números publicados.*

**Bene Trevisan - Diretor de Cultura
Museu Rio Pardense - Depto. de
Cultura São José do Rio Pardo - SP**

 *Em nosso município foi criada a Biblioteca Pública, que vem sendo muito freqüentada por alunos e professores da rede estadual e municipal de ensino. O acervo dessa biblioteca, no que se refere a material de teatro, é muito reduzido e temos*

encontrado dificuldade para atender de forma satisfatória os usuários.

Solicitamos, se possível, o envio de exemplares da revista TJ de 1996. Em se tratando de medida de grande alcance social, pois esta é a única Biblioteca existente no Município, agradecemos penhoradamente a atenção dispensada.

**João Bazílio Chagas
Prefeitura Municipal de Mairinque
Mairinque - SP**

 *Recebi de um amigo algumas revistas TJ, a qual achei muito interessante e, numa das respostas na seção Cartas, deparei com o seguinte texto: “falamos sobre Teatro de Animação na Edição Nº 2, na seção Como Fazer”. Ocorre que sou apaixonado por teatro de bonecos e este artigo, assim como a revista, é de suma importância para nós, pois temos um grupo de teatro amador. Gostaria, portanto, que me enviassem este número da revista.*

**Sebastião Alves dos Santos - ator
Vitória - ES**

 *Gostaríamos de receber todos os números editados da revista TJ, já que são muito procurados e, há tempo, pelos nossos alunos. Solicitamos que seja efetuado o cadastro dessa Biblioteca para que continue recebendo os futuros números desta esplendida revista.*

**Fábio - Secretário
Centro de Estudos Geográficos e
Agrários - CEGA Votuporanga - SP**

 Venho requerer os volumes 5, 6, 7, 8 e 9 da TJ. Tal revista é de muita utilidade para mim, uma vez que sou atriz formada pelo Teatro Escola Macunaíma e estou formando um grupo teatral.

**Ana Paula Ferreira - atriz
São Paulo - SP**

 Como atriz e integrante do Movimento Cultural de Caruaru - Pernambuco-Nordeste, solicito doações da revista TJ na intenção de repassar para grupos de escolas, grupos amadores e, em especial, para Associação dos Artistas de Caruaru. Agradeço em nome da classe teatral de Caruaru.

**Maria Alves da Silva - atriz
Caruaru - PE**

 Conheci a revista TJ através do jornal Estúdio Nº 3, elaborado pelas Faculdades Integradas Teresa D'Avila (Fatea), onde cursei Artes Cênicas em 96. Atualmente sou de um grupo de teatro amador de São Bernardo do Campo. Ficarei muito grata com o recebimento desta Revista e de outros materiais relacionado a arte, principalmente ao Teatro.

**Ednéa Santos Silva - atriz
São Bernardo do Campo - SP**

 Vimos por meio desta buscar materiais para teatro. Como nossa região aqui no Paraná é muito pobre nesses materiais, pedimos essa colaboração que, com certeza, mudará para melhor o rumo do nosso grupo. Gratos, despedimo-nos teatralmente.

**Rogério Matos Pires - Diretor
Cia Amadores do Teatro
Francisco Beltrão - PR**

 Somos professoras de 1ª. a 4ª. séries e acreditamos na eficiência do teatro para desenvolver eficazmente nosso trabalho em sala de aula. Para tanto, gostaríamos de receber bimestralmente a revista TJ (incluindo os números atrasados). Agradecemos a atenção, cumprimentando-os pela riqueza deste trabalho.

**Regina Célia Said Saud - professora
Maria Ferrone Correa - professora
Laura F. Santos Ciachero - professora
Vera Maria P. Nardi - professora
Jardinópolis - SP**

 Solicito os exemplares 2, 8 e 9 da revista TJ.

**Vicente Moroshima - prof. de Ed.
Artística - Instituto Tecnológico de
Osasco - Osasco - SP**

OUTROS SOLICITANTES DA TJ:

 **Maria Ângela L. Vilela Baggio
Hexágono
Centro de Estudos Integrados
Boituva - SP**

**Neide Esperidião - Diretora
Fundação Instituto Tecnológico de
Osasco Osasco - SP**

**Célia Ribotta - Prof. de Português
Escola Cooperativa de São Roque
São Roque - SP**

Pastor Ismael Andrade Leandro Jr.
Igreja Prebisteriana do Brasil
Rancharia - SP

Gláucia Lima - Coord. Pedagógica
EEPSG Dr. Benedicto Martins Barbosa
Rancharia - SP

Robson Fernando de Castilho
Coord. Pedagógico
EEPSG Prof. Edina A. B. da Fonseca
Valinhos - SP

Maricelida Candeias
Instituto Pentágono de Ensino -
Unidade 1 - Master
Santo André - SP

Edmilson Gaspar de Melo - Diretor
Grupo de Teatro Jabá com Jaca
São José do Rio Preto - SP

Antônio Luiz Pedroso Balint
Grupo Teatro Arcoiris
Itapetininga - SP

Durval Costa Filho - Presidente
Federação de Teatro Amador da
Região de RP
São José do Rio Preto - SP

Adalgisa Arruda Belintani - professora
UE São Paulo - SP

Altamiro Cruz Talma
Centro Cultural Teatro Salense
Sales de Oliveira - SP

José Aderaldo dos Santos -
Ator e Coord. de Textos
Biblioteca Monteiro Lobato
São Paulo - SP

Sérgio Candelaria - Ator
Cia. Teatral de Repertório
Zannisurbanus - São Paulo - SP

Ednaldo Caetano
São Paulo - SP

Natalia Nelli Passo -
atriz / estudante de jornalismo
Bebedouro - SP

Resp.: Felizes com a repercussão positiva da TJ que segue sua trilha cumprindo o objetivo pelo qual foi criada, esperamos continuar merecendo a credibilidade de todos e informamos que os exemplares solicitados já foram enviados.

ESCREVA PARA CARTAS

*A seção Cartas é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

Escreva para:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, no. 2333, 9º and.
São Paulo - SP
CEP 01301-980. - Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

A construção da personagem	10
Gianfrancesco Guarnieri	

Livros

O Teatro no Mundo	13
Série "As origens do saber"	

Textos

Maiores de 4 anos (aproximadamente)

O ovo de Páscoa trincado	15
Sylvia Lee	

Maiores de 10 anos (aproximadamente)

Colombo - O novo mundo	21
Walter Quaglia	

Maiores de 14 anos (e para amadores adultos)

... Em moeda corrente do país	53
Abílio Pereira de Almeida	

COMO FAZER

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Apenas tendo plena consciência e compreensão do que realmente está pretendendo o ator atinge a autenticidade, a veracidade da interpretação

Gianfrancesco Guarnieri *

Diria que cada ator tem seu modo particular de construir uma personagem. Não há regras definitivas para esse processo.

Alguns atores/atrizes podem chegar à perfeição em muitas de suas interpretações mas dificilmente conseguirão nos explicar de que modo chegaram a tal resultado. São intérpretes totalmente intuitivos que possuem o dom de representar e o fazem de modo generoso, descontraído, excitante, prazeroso. Para eles, representar é como respirar ou andar, nem lhes passa pela cabeça perguntar como respiram ou qual o método que usam para conseguir andar. Representando, divertem-se, jogam, brincam, sem nenhum esforço, percorrendo todas as gamas e fases desse extraordinário jogo, desde a mais catártica tragédia até o burlesco, a farsa, a comédia,

passando pelas várias nuances do drama, etc.

Esses artistas - atores e atrizes - especialmente dotados, em geral aliam tais qualidades inatas à paixão pela arte o que os deixa em uma permanente disposição para o "trabalho". Sempre estão observando tudo o que se passa ao redor, gestos e comportamentos das pessoas, expressões faciais, entonações, ritmos, cores, fatos, detalhes. Sensibilidade muito aguçada,

"Nada se cria de legítimo na arte de representar sem uma intensa busca e alguma ousadia."

conseguem absorver essas observações, registrando-as na memória. Em geral, sem nem mesmo se dar conta disso, inconscientemente.

Outros - atores e atrizes - sem possuir tais dons intuitivos, atingem resultados até mesmo aceitáveis em suas interpretações sem nem mesmo tentar

construir uma personagem. Contentam-se em adaptar qualquer personagem às próprias características pessoais, interiores ou exteriores, às vezes ambas. Usam e abusam de suas próprias qualidades, como ser singular, para dar carne à personagem que têm de representar. O ator, nesse caso, sempre se sobreporá à personagem. É um jogo de sedução de uma individualidade que não está nem um pouco preocupada em construir uma personagem ou contribuir para a

recriação de uma proposta artística, mas apenas em garantir um seguro brilho particular, sem riscos ou qualquer tipo de busca ou ousadia. Enfim, há inúmeras maneiras de enganar a si próprio e os outros. Nada se cria de legítimo na arte de representar sem uma intensa busca e alguma ousadia.

Mas, afinal, o que vem a ser a "construção de uma personagem"? Não será representar com propriedade o papel que é confiado ao ator em uma determinada peça? Está certo, beleza! E representar "com propriedade", o que significa isso? Ora, representar de forma apropriada, como se deve, de maneira correta o personagem criado pelo autor teatral, pelo dramaturgo! Então, existe uma, e somente uma, forma apropriada de se representar "como se deve" uma personagem de uma peça, da única maneira correta de acordo com o

texto do autor teatral!? Negativo. Existem sempre muitas e diferentes formas de se representar de "forma apropriada e como se deve, de forma correta" as diferentes personagens de uma peça teatral.

"O ator
consciente é
senhor absoluto
do seu espaço, do
seu ritmo, do seu
gesto."

O ator é um intérprete. Cabe-lhe, portanto, interpretar, ajuizar, transmitir um significado. Nesse caso, o significado de uma personagem no conjunto também significativo de uma peça teatral, o que se traduz no conhecimento profundo da referida peça e na análise

minuciosa da personagem que lhe cabe representar. Isso implica saber o máximo possível sobre o autor da peça e o restante de sua obra, suas idéias, biografia etc. além, evidentemente, de procurar conhecer em profundidade tudo o que diz respeito à personagem em si, à época e local ou locais onde viveu ou vive. Com esses elementos já existe um encaminhamento para a caracterização da personagem. Possuímos um modelo esquemático, resta agora dar-lhe vida, humanizá-lo. É a hora de mobilizar toda a nossa sensibilidade e afetividade, deixar que essa figura prestes a ser plasmada se misture a nosso próprio modo de ser. Neste ponto, sim, podemos emprestar-lhe peculiaridades nossas, já que é impossível criar alguém a tal ponto distante de nós que deixemos de ser nós mesmos. O que dará vida à personagem é o nosso entendimento, nossa consciência de sua trajetória

através do drama, a maior compreensão desse ser em ação no mundo, concordemos ou não, pessoalmente, com suas idéias e atitudes.

A aproximação ator/personagem vai modelando pouco a pouco a nova criatura, interior e externamente: seu modo de raciocinar, seus preconceitos principais, gostos, ojerizas, predileções, traumas, modo de andar, de articular as palavras, de olhar, de amar, de odiar, de sorrir, de enganar e assim por diante até lançar mão da maquiagem com todo seu arsenal de lentes de contato, barbas e bigodes, perucas, apliques, latex e demais produtos que operam transformações plásticas assombrosas.

Mas o principal disso tudo é a autenticidade, a veracidade da interpretação (não confundir com naturalidade, naturalismo etc.) que só se atinge, nunca é demais repetir, com a plena consciência e compreensão do que estamos pretendendo. O ator consciente é aquele que comanda a si próprio e a personagem, que jamais se deixa subjugar pela emoção, embora a desenvolva e transmita ao máximo. Ele é senhor absoluto do seu espaço, do seu ritmo, do seu gesto, comandando o corpo, a voz, a cena, como um piloto experiente e apaixonado procurando atingir o mais íntimo do espectador.

Limito-me a esboçar a importância da caracterização da personagem uma vez que, nas poucas dimensões de um artigo, não é possível determo-nos em aspectos importantes de tão vasto assunto. Os realmente interessados não poderão deixar de ler os paradigmáticos livros de Constantin

Stanislavski - *A Preparação do Ator, A Criação de um Papel, A Construção da Personagem*, basilares para um maior entendimento da arte de representar.

O teatro é ainda o local onde os atores podem conseguir a tranqüilidade e o tempo necessários para

a elaboração consciente de uma personagem, uma vez que devidamente assessorados e orientados nesse sentido. Ao contrário da televisão que, pelo modo como seus programas de tele-dramaturgia são produzidos, em nada estimula a busca e ousadia dos atores, na maioria das vezes repetidores de um repertório de clichês mais ou menos desenvolvidos, salvando-se as exceções de praxe.

* **Gianfrancesco Guarnieri** é uma dos profissionais mais relevantes das artes cênicas no Brasil, com reconhecimento no exterior. É ator, diretor e dramaturgo. Entre seus inúmeros trabalhos o que teve maior repercussão internacional foi o "Eles não usam black-tie", também transformado em filme e premiado com o troféu Leão de Ouro de Veneza (Itália). Além de autor, neste trabalho Guarnieri atuou também como ator.

O TEATRO NO MUNDO

Roteiro pelo mundo das artes cênicas, numa publicação mais visual que textual, que mostra a história do teatro através de acontecimentos e bastidores

O teatro no mundo, Editora Melhoramentos, 46 págs. Componente da série "As origens do saber", trata-se de uma tradução do título francês *Les Théâtres du Monde*, da Editions Gallimard Jeunesse. Ricamente ilustrado, o livro é uma viagem ao mundo das artes cênicas que agrada tanto às crianças quanto aos adultos. Traz informações preciosas sobre a história do teatro, num roteiro que envolve o teatro na antiguidade; a ópera chinesa; os anjos, os diabos e os bufões da Idade Média; os fantasmas no teatro japonês; o teatro nô e o kabuki; a commedia

dell'arte; o mundo das marionetes; o teatro de sombras; Shakespeare, Molière; cenários, efeitos especiais e maquinismos; o teatro visto por dentro; o teatro romântico do séc. XIX; a ópera; o surgimento de uma peça moderna e muitas outras informações importantes como quando surgiu a eletricidade e sua aplicação no teatro; o teatro do absurdo; índice cronológico dos principais acontecimentos que ocorreram entre a pré-história e o século vinte em artes cênicas, artes plásticas, literatura, ciências e história. Há também um resumo da vida de artistas que tiveram seu registro na história do teatro. Entre



eles, Beckett, Brecht, Corneille, Alexandre Dumas, Goethe, Ésquilo, Haendel, Mozart, Racine e outros.

Através de recursos como adesivos a serem fixados pelo leitor, páginas recortadas ou ampliadas por orelhas, o livro consegue aliar cultura e lazer e, deste modo, além de aumentar os conhecimentos sobre artes cênicas, estimula o fazer teatral.

Trechos do livro

*"Vistos das arquibancadas, os atores seriam reduzidos a figuras minúsculas. Então, eram ampliados com o auxílio de grandes máscaras e sapatos de sola alta. Com seus robes acolchoados, pareciam gigantes."
(ref. ao teatro na Antiguidade)*

*"O público não ia ao espetáculo pela história, que muitas vezes já conhecia, e sim para admirar a beleza, a perfeição da representação e sobretudo o bom desempenho dos atores.
(ref. à Ópera chinesa)*

"Num canto do palco, o céu está povoado de anjos de madeira cujas asas móveis são presas com fios, que os

elevam ao paraíso. Na outra extremidade, o inferno em chamas. Um maquinismo faz inundar o palco no momento do dilúvio."

(ref. à Idade Média)

*"A jovem Amaterasu, deusa do sol, esconde-se numa gruta por estar triste, privando o mundo de luz. Os outros deuses encenam um espetáculo na entrada da gruta para fazê-la sair, devolvendo a luz ao mundo. É assim que a lenda japonesa explica o nascimento do teatro."
(ref. ao Teatro Japonês)*

*"Acrobatas, músicos e oradores, eles improvisavam. Pertenciam aos famosos grupos itinerantes da commedia dell'arte, que, de cidade em cidade, de país em país, enfeitiçavam e divertiam a Europa inteira."
(ref. à Commedia Dell'Arte)*

*"Uma das idéias ambiciosas da Renascença foi unir em cena todas as artes: poesia, canto, dança, pintura... A invenção da ópera permanece como uma de suas grandes glórias."
(ref. à Renascença)*

Maiores de 4 anos

(aproximadamente)

O ovo de Páscoa trincado

Sylvia Lee

O OVO DE PÁSCOA TRINCADO

de Sylvia Lee

PERSONAGENS

Galinha Branca
Coelho Marrom
Coelho Cinzento
Coelho de Páscoa
Ovo Roxo
Ovo Alaranjado
Ovo Verde
Ovo Rosado
Ovo Azul
Pintinho Amarelo

CENÁRIO

Um campo em março

O Coelho Marrom puxa, enquanto o Coelho Cinzento empurra, um carrinho todo enfeitado, com um grande ovo branco trincado. A Galinha Branca corre aflita atrás deles, batendo as asas, nervosa.

GALINHA BRANCA: Cococó! Cococó!
Devolvam o meu lindo ovo,
coelhos!

COELHO MARROM: Lindo nada! É um
velho ovo branco rachado, dona
Galinha Branca!

COELHO CINZENTO: Ele não serve pra
comer, nem pra pintar para a
Páscoa!

GALINHA: Então, devolvam ele! Ele
não serve pra vocês! Cococó!

MARROM: Mas nós estamos lhe

fazendo um favor, Dona Galinha!

CINZENTO: Levando este ovo rachado
para o lixo!

GALINHA: Por favor, por favor, levem
ele de volta pro galinheiro!

MARROM (Coçando a orelha). O que
vamos fazer com esta galinha
agitada, companheiro Cinzento?

CINZENTO: Sei lá. (Olha para a direita).
Olha, aí vem o Coelho de
Páscoa! Ele vai saber o que fazer.
(A Galinha Branca fica aflita).

MARROM: Ele está trazendo os ovos
recém-coloridos!

(O Coelho de Páscoa dirige
cuidadosamente os Ovos Coloridos).

COELHO DE PÁSCOA: Fiquem aqui
secando ao sol, ovos. Mas não

encostem uns nos outros, senão vão manchar suas cores.

OVOS COLORIDOS (Andando de um lado para o outro). Tudo bem, está certo, Coelho de Páscoa!

COELHO DE PÁSCOA: O que é isto no carrinho, amigos Coelhos? Um ovo para colorir?

MARROM: Não, não, Coelho de Páscoa. Este ovo está trincado, tem uma rachadura. (Os ovos coloridos espiam, cuidando para não se chocar).

CINZENTO: Nós estamos levando ele embora. Pelo menos, estávamos.

GALINHA (Implorando, até de joelhos). Cococó, cococó! Por favor!

COELHO DE PÁSCOA O que é isto? O que foi, Galinha Branca? (Ajuda-a a se levantar).

GALINHA: Oh, Coelho de Páscoa! Os teus ajudantes levaram embora o meu Primeiro Ovo!

COELHO DE PÁSCOA Coelhinhos, eu já lhes disse para sempre perguntarem às galinhas quais ovos nós temos de colorir!

GALINHA: Cococó! (Corre para o carrinho). Eles estão levando meu lindo ovo para o lixo! Por favor, salve-o, Coelho de Páscoa! Cococó!

COELHO DE PÁSCOA Calma, calma, Galinha Branca. Coelhinhos, é verdade o que ela disse?

MARROM: É, mas é só um velho ovo trincado e rachado!

CINZENTO: E se nós o levamos embora, ninguém vai colori-lo por engano.

OVOS COLORIDOS (Exibindo-se). Nenhum de nós está trincado. Só ovos perfeitos podem ser coloridos.

COELHO DE PÁSCOA Cuidado, vocês

ovos! Vão estragar sua pintura. (Para Galinha Branca e os Coelhos). A pintura é nova para eles. Eu só acabei de pintá-los hoje de manhã.

OVO ROXO (Mãos na cintura). O Coelho de Páscoa me pintou de Roxo Real.

OVO ALARANJADO (Rebolando). Ele me fez tão alaranjado como uma laranja.

OVO ROSADO: Eu sou cor-de-rosa, para ser mais fácil de achar. (Faz pose).

OVO AZUL (Tímido). Eu sou azulzinho... que nem o céu.

COELHO DE PÁSCOA Vocês ovos nem secaram ainda e já tão exibidos!

OVO ALARANJADO: Por que esta galinha faz tanta onda por um simples ovo branco? Hein, Coelho de Páscoa?

(Os ovos se aproximam do carrinho).

OVO ROXO: Você quer dizer, um ovo trincado.

GALINHA: Vocês ovos coloridos não sabem o que um ovo trincado quer dizer!

OVO ROSADO: Não sei mesmo, o que eu sei é que eu não queria ser levado para o lixo.

OVO AZUL: Nem eu! Eu gosto daqui mesmo, com todos os outros ovos de Páscoa, tão coloridos.

GALINHA (Balançando a cabeça). Cococó! Cococó!

MARROM: Os ovos coloridos sentem muito, e nós também, Galinha Branca.

CINZENTO: Mas o seu ovo trincado não é bonito, nem serve pra comer.

OVOS COLORIDOS (Desfilando). E nós somos ambos bonitos e comestíveis.

COELHO DE PÁSCOA Cuidado, ovos coloridos! Vocês ainda estão úmidos!

(Ouve-se forte batida partindo do ovo trincado no carrinho. Espantados, os ovos coloridos arregalam os olhos).

GALINHA (Inclina a cabeça de lado). Cococó? Cococó? (Bate as asas). Vocês ouviram esta batida?

OVO ROXO: Alguém deve ter esbarrado neste ovo.

MARROM: Mas eu ainda nem comecei a puxar o carrinho!

CINZENTO: Eu não o empurrei por engano.

(Ouvem-se outras batidas. Os ovos cercam o carrinho).

GALINHA: Ouçam, escutem!

OVO ALARANJADO: Nós ovos não sacudimos o carrinho.

OVO VERDE: Se fizéssemos isto, não o racharíamos de uma vez.

(Batidas mais fortes. Galinha Branca se aproxima mais do ovo branco).

GALINHA (Enfuzada). Quietos, vocês ovos coloridos. É tarde demais para qualquer um de vocês rachar. Já estão coloridos e acabados.

(Os ovos coloridos olham espantados uns para os outros. O Coelho de Páscoa inspeciona o ovo trincado).

MARROM: Deve haver alguma coisa especial com um ovo branco.

CINZENTO: Um ovo branco trincado, com umas batidas estranhas por dentro.

GALINHA (Brava mesmo). Vocês não vão se calar, coelhos?

(Um piado fino se ouve do ovo trincado. Toda alvoroçada, a Galinha Branca bica o ovo branco, até abri-lo, e ajuda um PINTINHO AMARELO a sair da casca).

PINTINHO (Olhando em volta, curioso). Piu? (Encosta na Galinha Branca). Piu, piu?!

GALINHA: Cococó, cococó! Descansa, meu primeiro pintinho amarelo!

MARROM (Para o Cinzento). O tal ovo trincado estava chocando!

CINZENTO (Batendo na cabeça). Que coelhos bobos que nós somos!

COELHO DE PÁSCOA Vocês deviam ter pedido um ovo chocando, coelhos, porque este é o melhor presente de Páscoa.

OVOS COLORIDOS: Melhor do que ovos coloridos?

OVO ROXO: Melhor do que eu, que sou roxo-real?

COELHO DE PÁSCOA Ah, sim, melhor!

OVO AZUL (delicado). Eu sei por quê, Coelho de Páscoa.

COELHO DE PÁSCOA Por que, meu pequeno Ovo Azul?

OVO AZUL: Porque ele está vivo.

PINTINHO AMARELO: Piu? Piu? (anda desajeitado, Ovo Roxo ajuda-o a se equilibrar).

OVOS COLORIDOS: Oh, que gracinha de pintinho!

PINTINHO AMARELO: Piu! (Vai caminhando para a Galinha Branca, sozinho).

GALINHA BRANCA (Acariciando Pintinho Amarelo). Pronto, você já está quase seco. (Empurrãozinho). Agora cumprimento o Coelho de Páscoa.

PINTINHO AMARELO: Piu, piu? (Corre para Coelho de Páscoa). Piu!

COELHO DE PÁSCOA (Carinhoso). Pintinho Amarelo, você quer se dar de presente a um menininho ou a uma menininha? Como presente de Páscoa?

PINTINHO AMARELO (Assente com a

cabeça). Piu, piu!
(Ovos coloridos se aproximam).
COELHO DE PÁSCOA Você será o
melhor de todos os presentes,
Pintinho.

OVOS COLORIDOS: Porque você está
VIVO!

COELHO DE PÁSCOA É isto mesmo!

MARRROM: Mas quem podia
adivinhar? Um pintinho vivo!

CINZENTO (Coçando a orelha). De um
simples ovo branco!

GALINHA (Pondo uma asa orgulhosa
no Pintinho). Nem todos os ovos

conhecem a alegria de serem
chocados, mas o meu primeiro
ovo soube.

COELHO DE PÁSCOA (Mostrando os
ovos coloridos). E o que você
acha do meu trabalho com estes
ovos coloridos? Hein, Pintinho
Amarelo? Estes ótimos ovos
comestíveis que eu pinte e sequei
ao sol? Eles vão ser ótimos
presentes de Páscoa, também,
não é mesmo?

PINTINHO AMARELO (Concorda com a
cabeça). Piu, piu, piu!

FIM

Maiores de 10 anos

(e para amadores adultos)

Colombo - O novo mundo

Walter Quaglia

COLOMBO O NOVO MUNDO

WALTER QUAGLIA

PERSONAGENS:

GRUMETE
MARINHEIRO
MARTÍN PINZÓN
COLOMBO
FREI
GRANDE CÃ
RAINHA ISABEL
REI FERNANDO
LUIZ TORRES
ÍNDIO
GUACANACARI
INQUISIDOR

Obs.: Esses papéis podem ser dobrados da seguinte forma;
Martin Pinzón / Frei.
Grande Cã / Rei.
Luiz Torres / Inquisidor.

Figuração: marinheiros, mongóis, índios e índias, mulheres do povo e soldados.

CENÁRIO:

No plano real, a ação se passa no quarto do convento de Valladolid, na Espanha. Pelos sonhos, delírios e memórias de Colombo, no entanto, esse espaço, transforma-se em muitos outros, conforme descrito no texto e a critério da encenação.

A sugestão do autor, se usado palco Italiano, é que no quarto do convento haja apenas um leito e um banquinho, à direita do proscênio, e que o palco seja um espaço livre na frente, com praticáveis nas laterais e uma escadaria nos fundos, a qual termina em tela branca, onde através de projeções, ou melhor, de sombras chinesas serão sugeridos todos os cenários e mesmo figuras humanas e animais, quando necessário.

Os efeitos de luz e as rápidas mutações são indispensáveis.
O clima geral da cenografia, figurinos e da luz deve ser abstrato, do sonho, da memória...

Clima onírico da memória. O convés da nau "Santa Maria". É noite e há neblina. Um fogão ainda fumaceia no centro do convés. Uma bola de fogo risca o céu e cai no mar.

GRUMETE (com muito medo, escondendo-se num canto): Ai Jesus: Ai de mim!

MARINHEIRO (gritando do cesto da Gávea): Você viu aquilo?

GRUMETE: Ai de mim... Como fui me meter nisso?

MARINHEIRO (descendo): A bola de fogo? Cê viu?

GRUMETE: Vi. Não tenho mais esperança.

MARINHEIRO: É mais um aviso.

GRUMETE: Talvez o último. Ai de mim.

MARINHEIRO: Não sei o que era aquilo.

GRUMETE: Algum sinal de terra?

MARINHEIRO: De terra nenhum. De que devemos voltar, muitos.

GRUMETE: É eu sei, eu vi o fogaréu na montanha...

MARINHEIRO: E o que é pior, aquele monstro de navio naufragado.

GRUMETE: E agora mais esse fogo no céu. O que é?

MARINHEIRO: Não sei. Com tantos anos de mar, juro; nunca vi uma coisa dessas.

GRUMETE: Vamos morrer?

MARINHEIRO: Com esse vento forte... Não sei não. Sem rumo certo e com esse vento que só sopra contra a volta, que empurra cada vez mais pra longe da Espanha, não sei não.

GRUMETE: E o Almirante? O que é que

ele diz?

MARINHEIRO: É um louco!

GRUMETE: Se o senhor, que o conhece melhor, diz que é louco, o que é que devo achar eu?

MARINHEIRO: Conhecer melhor? Ah! Alguém sabe ao certo quem é esse Colombo? Um estrangeiro esquisito... Genovês? Judeu? Um espião do rei de Portugal? Sei lá. É um corsário louco...

GRUMETE: Mas há quem diga que o Almirante é um santo e abençoado pelos Reis Dom Fernando e Dona Isabel.

MARINHEIRO: Santo? Um lunático obcecado, é isso que ele é.

GRUMETE: Ai Jesus! Nunca mais vou ver minha terra.

MARINHEIRO: Porque não?

GRUMETE: Sinto que vou morrer longe de Palos, onde tenho minha noiva. Vamos morrer todos nós.

MARINHEIRO: Não precisamos...

GRUMETE: Mas o que se pode fazer?

MARINHEIRO: Antes tarde do que nunca. A gente vai conseguir... Antes que o mundo se acabe, ou que essas caravelas sejam engolidas para sempre por esse mar estranho, devemos voltar.

GRUMETE: Cuidado, alguém pode ouvir... O senhor pode morrer pelo que disse!

MARINHEIRO: Indo em frente vou morrer na certa.

GRUMETE: Não sei não... E o comandante?

MARINHEIRO: Esse Colombo pode cair no mar. Muitos acidentes

acontecem numa viagem como essa. E quem vai dizer o contrário?

GRUMETE (olhando o mar): O que é aquilo? Santo Deus! Veja!

MARINHEIRO: Calma, é apenas uma luz que se aproxima. (Grita.) Quem vem lá?

(Ruídos Inaudíveis.) Responda senão atiro. (Ruídos de vozes.) O que foi que disseram?

GRUMETE: Acho que é o Comandante da Pinta...

MARINHEIRO: É ele mesmo, Dom Martín Alonso Pinzón. O que será que ele quer?

(Voz de fora.) Baixem o escaler!

MARINHEIRO: Sim, Comandante!

GRUMETE: Pronto, já está aí.

MARTÍN PINZÓN (entrando arrogante): Onde está o Almirante Colombo?

GRUMETE: Na sua cabina.

MARTÍN PINZÓN: Chame-o!

GRUMETE: Pois não, pois não... Comandante!

(Colombo surge da penumbra. Já estava em cena. Ao vê-lo o Grumete e o Marinheiro correm para seus postos.)

COLOMBO (tranquilo e convicto): Aqui Alonso. O que você quer? Sabe que um Capitão não deve deixar sua nau?

MARTÍN PINZÓN: A situação é grave Colombo. Creio...

COLOMBO: Grave é a sua falta de fé.

MARTÍN PINZÓN (irônico): Porque não me delata para a Inquisição?

COLOMBO: Não. Não se trata dessa fé... Estou falando da certeza de que em frente está Cipango e todo o grande Oriente.

MARTÍN PINZÓN: Tive fé nas suas promessas até agora, Mas pela

sua palavra já devíamos ter chegado há muito tempo. E dia, após dia, além do mar, só o mar. Fomos longe demais.

COLOMBO: Devemos continuar. Direção Oeste.

MARTÍN PINZÓN: Está cego! Não vê que toda a tripulação já não lhe dá ouvidos. Que os homens querem voltar.

COLOMBO: São feitos de medo. E você?

MARTÍN PINZÓN (desembainhando a espada pela metade): Quer que prove minha coragem?

COLOMBO: Com a espada você é corajoso, disso não tenho dúvida, mas, mesmo assim seu medo é maior que sua fé.

MARTÍN PINZÓN: Colombo...

COLOMBO: Sem a certeza, a fé... Não passa de um covarde.

MARTÍN PINZÓN: Mas quem pode ter certeza? A bússola já não funciona, ou foi a Estrela Polar que enlouqueceu? Alguém pode dizer onde é o norte, onde estamos e quanto falta para chegar?

COLOMBO: Pode ser que Toscanelli tenha errado na distância, mas isso é tudo. Sei que, em frente e muito breve, encontraremos as Índias.

MARTÍN PINZÓN: Um pedaço de papel, um mapa de alguma coisa que ninguém viu, e você quer que eu aposte a minha vida nele? Na tua fé? Pra quê?

COLOMBO: Para chegar as Índias.

MARTÍN PINZÓN: As Índias, pelo Ocidente? O que se pode dizer mais para que os marinheiros não nos joguem ao mar e voltem? A

sua fé não convence mais ninguém. Abra os olhos, estão a beira de um motim.

COLOMBO: Fale... (Pausa.)

MARTÍN PINZÓN: Falar de quê, Colombo?

COLOMBO: A tripulação tem que obedecer. Tenho a autoridade que me foi dada diretamente pelos reis. Fale que se nos matarem, serão mortos. A morte inglória dos covardes que voltam.

MARTÍN PINZÓN: Isso tudo já foi dito, não adianta mais. Prezam mais suas próprias vidas aqui e agora. E todos sabem que voltar para a África, longe da lei, é uma alternativa...

COLOMBO: Nada podem fazer sem mim.

MARTÍN PINZÓN: Podemos, Colombo.

COLOMBO: Você e seu irmão também estão contra mim?

MARTÍN PINZÓN: Não temos escolha.

COLOMBO: Há uma razão... Uma boa razão que fará você e seu irmão prosseguirem e que levará todos os homens em frente...

MARTÍN PINZÓN: Qual?

COLOMBO: O Ouro.

MARTÍN PINZÓN: Vai ser preciso muito ouro.

COLOMBO: Ouro em quantidade além do que qualquer um jamais imaginou. Está tudo no livro de Marco Polo. Ele esteve lá, indo pelo Oriente. Telhados de ouro!

MARTÍN PINZÓN: Telhados de ouro...

COLOMBO: Cidades inteiras... Pérolas do tamanho de uma mão, safiras, rubis, esmeraldas, pedras preciosas nunca vistas, rios e montanhas de ouro! Tudo esperando. É essa a razão que

vai fazer você e todos os homens me seguirem... (Mais Alto.) o ouro! Em frente glória e fortuna, pra trás derrota e vergonha. (Gritando para todos.) Marinheiros! Homens corajosos e de valor! Vocês que estão nesta nau, a Santa Maria, e mais os da Pinta, e mais aos da Niña, todos irão se lembrar do dia glorioso que chegamos à terra com cidades de ouro. Se lamentarão aqueles que não fizeram esta viagem, os covardes que ficarem, os infelizes que continuarão pobres, porque os homens que aqui estão, vão ter muito pra contar aos seus filhos e netos e a eles deixarão infinitas riquezas. Eu juro. Juro pela salvação da minha alma. Como homem do mar eu também afirmo que é preciso atenção dobrada, porque estamos próximos a terra e logo em águas rasas, onde, com qualquer descuido podemos bater e ficar para sempre. Quero todos a postos! Com atenção e coragem! Velas abertas ao largo vento! Ao som do mar! Daí ao largo vento! Em frente! Fé em Santa Maria! Em frente!

II

(A cena se transporta para o quarto do convento de Valladolid, no plano da realidade. Colombo Está em seu leito, muito doente e febril e acorda sobressaltado.)

COLOMBO: Em frente! Fé em Santa Maria... (Sai do delírio, pausa.) Eu a perdi... Perdi. Era tão inesgotável, forte... e agora, o que me resta? Quem sou?

FREI: É a febre. Você esteve delirando.

COLOMBO: Porque tanta injustiça comigo? Porque tanto infortúnio. Tudo me arrancaram... Só fiquei com essa dor. A vida foi escorrendo como a areia do passar do tempo, e com ela a minha coragem e toda a esperança. Já não tenho mais fé.

FREI: Não acredita em Deus?

COLOMBO: Aquilo que era limpo, puro, luminoso, agora é um lodo escuro.

FREI: Colombo, responda a minha pergunta...

COLOMBO: O medo me dominou.

FREI: Disse que não tinha mais fé? Eu preciso saber a sua resposta.

COLOMBO (mais consciente): Disse? Não sei... Foi a febre, foi a dor...

FREI: Mesmo com febre, ou enfermo, não pode dizer isso. Cuidado, com a prática do Santo Ofício. Sabemos muito bem que é com a dor que os hereges mais confessam.

COLOMBO: A minha tortura é outra padre. Nada temo da inquisição. Em toda minha vida sempre fiz o que os reis e a Santa Igreja quiseram. Embora tenha discutido com Torquemada no passado, hoje todos sabem que eu tinha razão, a Terra é redonda e o Mar Oceano muito maior do que Santo Agostinho podia imaginar no seu tempo. Fique tranquilo, apesar dessa doença que me mata um pouco a cada dia, eu creio em Deus, não sou herege.

FREI: Não seria melhor você se confessar?

COLOMBO: Quando chegar a hora. Acho que tenho ainda algum tempo... E agora, já me sinto

melhor, padre, gostaria de ditar um novo testamento...

FREI: Mas você já ditou um ontem, ele ainda está aqui. (Mostra o livro.)

COLOMBO: Por caridade, leia.

FREI (lendo): Na nobre cidade de Valladolid, aos 19 dias do mês de maio, no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1506, perante...

COLOMBO: Nem 14 anos se completaram desde a primeira viagem, como fui mudar tanto?

FREI: Devo continuar a leitura?

COLOMBO (distante): Houve um erro. Um erro terrível aconteceu...

FREI: Creio que o testamento está correto. Para ser breve, nele o senhor nomeou seu filho, Dom Diego e seu irmão, Dom Bartolomeu, como inventariantes e executores da sua vontade...

COLOMBO (distante): Vontade...

FREI: A já expressa na escritura anterior, na qual consta que os seus títulos de Vice Rei e Governador perpétuo, mais o de Almirante do mar Oceano, bem como suas posses, incluindo o dízimo da renda integral serão herdados pelo seu filho, Dom Diego. Isso se o Rei Dom Fernando der seu beneplácido, naturalmente... Mas está bem justificado que seus direitos serão hereditários, não se preocupe mais. No último testamento, o que foi ditado ontem, a renda foi dividida em dez partes iguais, sendo que duas, dessas dez partes foram novamente subdivididas em trinta e cinco...

COLOMBO: Alguém deve entregar a carta?

FREI: Que carta?

COLOMBO: A carta ao Grande Cã.
Creio que ela ainda não foi entregue.

FREI: Descanse, Almirante, o senhor não está lúcido.

COLOMBO: Mas é preciso entregar.
Toda esta viagem não está sendo feita só pelo ouro. Eu prometi a Rainha Dona Isabel...

FREI: A rainha morreu. Já vai fazer dois anos.

COLOMBO: Não. A carta tem que ser entregue ao Grande Cã, ao Rei dos Reis, foi um pedido do Santo Padre. Essa viagem por esse mar desconhecido está sendo feita para levar a nossa fé cristã aqueles povos que se perdem em crenças idólatras, em seitas da perdição. Agora que encontramos terra, a mensagem tem que ser entregue.

III

VISÃO DAS ÍNDIAS

(A visão de Colombo corresponde a descrição do livro de Marco Polo. É todo fausto, riqueza e pompa da corte do Grande Cã que se aproxima em procissão, invadindo a cena. Tudo pode, também ser fortemente sugerido, a critério da encenação:

Música hindu

Chuva de ouro

Animais selvagens domesticados

Fogos

Incenso

Eunucos

Guarda chuvas

O Grande Cã é trazido numa cadeira suspensa.

(Voz.) Inclinaos e adorad!

Todos se põem de joelhos e se inclinam

a frente adorando o Grande Cã, exceto Colombo. Isso é repetido três vezes, após o que, os participantes da procissão passam a incensar uma tábua pintada de vermelho com caracteres chineses.

COLOMBO: Por Nosso Senhor Jesus Cristo, invoco pela vida, saúde e prosperidade do Grande Cã.

GRANDE CÃ (descontraído e esfuziante): Colombo! Há muito tempo esperava pela sua visita.

COLOMBO: É uma honra estar aqui, Alteza.

GRANDE CÃ: E nosso amigo Marco Polo, como vai?

COLOMBO: Temo que ele já tenha morrido Majestade.

GRANDE CÃ (pensativo): É verdade. Faz mais de cem, talvez duzentos anos que ele saiu daqui. Mas eu tenho escrito.

COLOMBO: Às vezes o correio demora.

GRANDE CÃ: Não o correio do Grande Cã. Tenho mais de duzentos mil cavalos dedicados ao correio. Ficam em dez mil hospedarias, que não distam mais de trinta e cinco ou quarenta milhas uma da outra. Dessa forma os estafetas, trocando de cavalos, cobrem por dia duzentas, ou trezentas milhas... Tenho escrito também para o Papa, qual a distância daqui até Roma?

COLOMBO: Agora bem mais curta, pelo Mar Oceano.

GRANDE CÃ: Pelo Mar Oceano? (Ri.)

COLOMBO: Sim, Alteza.

GRANDE CÃ: Não se pode ir a Roma pelo Mar Oceano. Fica em outra direção. (Ri.)

COLOMBO: O mundo, Majestade, é redondo como um peito de

mulher...

GRANDE Cã: Um peito de mulher?!

COLOMBO: É, dando volta, chega-se ao Oriente indo sempre para o Ocidente...

GRANDE Cã: Um peito de mulher. (Ri e todos riem.)

COLOMBO: É simples.

GRANDE Cã: Então é uma bola?

COLOMBO: É.

GRANDE Cã: E nós, os homens que vivemos do outro lado da circunferência, ficamos de pernas para o alto e de cabeça para baixo? É, é duma simplicidade...

COLOMBO: Simples como colocar um ovo em pé. Alguém quer tentar pôr um ovo em pé? (Mostra o ovo.)

(Tímidos, a princípio, e depois com destreza de equilibrista, vários tentam pôr o ovo em pé sem resultados. Por fim Colombo coloca o ovo em pé quebrando sua base.)

GRANDE Cã (aplaudindo): Assim é fácil. Onde aprendeu isso?

COLOMBO: É uma antiga brincadeira genovesa. Foi o jeito que arranjei para explicar aos cortesãos da Espanha que depois que se tem a solução é fácil. Fácil como se dar a volta ao mundo.

GRANDE Cã: Não posso acreditar...

MONGOL: Sua Alteza, sua Majestade o Grande Cã, permita-me falar. Eu vi, vi quando as grandes gaivotas surgiram no horizonte longínquo, mas, ao se aproximarem não eram pássaros, mas navios com grandes panos ao vento. Foram chegando até tocarem a terra. E eu juro: vieram do Mar Oceano.

COLOMBO: Reis dos Reis do Oriente, Majestoso Grande Cã, aqui está a

prova: uma carta dos mui augustos e poderosos soberanos das Espanhas, os Reis Católicos Isabel e Fernando.

GRANDE Cã: Ele veio pelo Mar Oceano!

TODOS: Oh!

GRANDE Cã: Pelo lado contrário.

TODOS: Oh!

(O Grande Cã se ajoelha e se inclina diante de Colombo.)

TODOS (inclinando-se as pressas): Oh! (Surge a Rainha Isabel e cai uma chuva de folhas douradas.)

COLOMBO: Eu não disse minha Rainha! Vocês conquistaram os Mouros pela guerra e eu, Cristóvão Colombo, conquistei o Grande Cã e com ele todo oriente, pela ciência e pela fé.

RAINHA ISABEL: Eu sempre acreditei na sua fé, Almirante!

COLOMBO: E tudo isso foi feito por você.

VI

(A chuva de ouro transforma-se em chuva de folhas de árvores. O dourado vira verde. Aquilo que era a corte do Grande Cã, acaba por ser uma paisagem de praia das Antilhas. Os hindus se despem no chão e ao se levantarem são índios. O Grande Cã já não está em cena. Martín Pinzón entra segurando uma das Bandeiras da Cruz Verde.)

COLOMBO: Em nome de El Rei Dom Fernando e da Rainha Dona Isabel, esta Ilha passa a pertencer aos reinos de Castela, Léon e Aragón e dela tomo posse, neste dia doze de outubro do ano da graça de 1492 (Pega a espada.) Agradeço ao Todo Poderoso por

nos ter trazido até aqui,
atravessando o vasto Mar
Oceano e nos livrando de todos
os perigos. Para que isso nunca
fique esquecido dou a esta Ilha, o
nome de San Salvador.

(Um índio se aproxima e toca na
roupa de Colombo, ficando muito
admirado por se tratar de um ser vivo.
Ele se inclina, no que é imitado por
todos os índios, a semelhança dos
hindus para com o Grande Cã. O
índio exprime, por gestos, a pergunta:
Vocês vieram do céu?)

LUIZ TORRES (surpreso): Pensam que
somos Deus! Que viemos do céu!
(Os índios trazem lã, vasos e cabaças
colocando como que em oferenda
aos deuses. Colombo dá um gorro
colorido e um colar de miçangas ao
índio que o tocou. Este e todos os
outros ficam muito felizes. Outros índios
também se arriscam na aproximação
e ganham seu gorro ou seu colar.)

RAINHA ISABEL: Cuidado com as
despesas, Colombo.

COLOMBO: Majestade, vamos ser
deuses generosos. Essas
miçangas, que tanta alegria
trazem, não custam mais que um
maravedi em Castela.

RAINHA ISABEL: Lembre que devido a
guerra que fizemos aos mouros
essa coroa ficou sem recursos. E
depois, esse pessoal aí, não é um
tanto esquisito... Afinal onde está
o Grande Cã?

COLOMBO: Estamos numa ilhota,
Alteza. Na certa a ilha de
Cipango deve estar próxima e de
lá, encontrarei Catai e o Grande
Cã.

MARTÍN PINZÓN: Majestade, não estou
vendo ouro nenhum. Não

podemos perder tempo por aqui.

COLOMBO: Mas estes índios pensam
que viemos do céu e demonstram
grande amizade. Vejo que são
pessoas que se entregarão, se
converterão a nossa fé pelo amor.

RAINHA ISABEL: Bem, essa intenção é
muito nobre e coincide com o
meu desejo, posso aguardar um
pouco mais.

(Luz exclusiva em Colombo.)

COLOMBO: E todo esse verdor, essas
árvores... Tal qual no mês de maio
em Andaluzia. Nunca vi coisa
mais bonita... Lindas, muito verdes
e diferentes das nossas, seja nas
flores ou nos seus frutos. Muitas
aves e passarinhos a cantar na
maior doçura. Creia-me
Majestade, esta terra é a melhor,
a mais fértil, temperada, plana
entre tantas que há no mundo.

(Martín Pinzón aproximando-se de um
índio.)

MARTÍN PINZÓN: Veja só! Este aqui tem
um pedacinho de ouro no nariz.
(Para Luiz Torres.) Pergunte onde
tem mais ouro.

COLOMBO: Não. Luiz Torres, pergunte
primeiro, qual é o nome dele.

LUIZ TORRES (aproximando-se com
pompa): Quid est nomen
tuum? (O índio responde
qualquer coisa. Bem articulado.)
Quid est nomen tuum?
(O índio ri.) Vou tentar o hebraico.
Ma hashen Shelrá? Ma shlomrá?
(O índio ri mais.) Qual és su
nombre? (O índio ri muito.)

MARTÍN PINZÓN: Estou perdendo a
paciência!

LUIZ TORRES: What's your name? (O
índio responde de forma
ininteligível.)

COLOMBO: Tente o arábico, Luiz Torres, que é a origem de muitas línguas.

LUIZ TORRES: Me permite Almirante, gostaria de tentar de outro modo. (Aproxima-se do índio e aponta seu próprio peito.) Luiz.

ÍNDIO (Entendendo, entusiasmado, aponta para seu próprio peito.)

MARTÍN PINZÓN (para o índio): Você é surdo? Qual o seu nome bosta. Cadê o ouro?

ÍNDIO (imitando): Bosta. Cadê o ouro?

MARTÍN PINZÓN: Soldados, preparar!

(As armas são apontadas para os índios que, ingênuos, não recuam.)

COLOMBO: Não! Parem! Calma Pinzón, é preciso ter paciência.

(Passado o momento de tensão, o índio que era interpelado se aproxima e indica o próprio peito.)

ÍNDIO: Luiz.

COLOMBO: Minha Rainha, temos que ter calma... Eles parecem tão diferentes de nós espanhóis, precisam aprender a nossa língua, a língua de cristãos. E se bem orientados, por pessoas devotas religiosas, podem se converter e noto que serão bons e habilidosos serviçais.

(Martín Pinzón retira o ouro do nariz do índio e guarda.)

RAINHA ISABEL: É certo Colombo que devemos fazer deles bons cristãos, mas...

REI FERNANDO: Nos dias em que vivemos o ouro seria de grande valia para a coroa. Confiamos em você. Investimos em você. E agora esperamos os resultados. Que esse ouro chegue rápido.

COLOMBO: Quirelas Majestade. Eu não saberia exprimir de quanto será o benefício que se pode tirar daqui.

Onde existem tais terras deve existir infinidade de coisas proveitosas... Não me parece que sob a luz do sol possa haver nada melhor.

RAINHA ISABEL (gentil): Poesia, Colombo. Mas não tem importância. O comandante Pinzón, na certa trará o ouro de que tanto precisamos.

COLOMBO: Majestade...

REI FERNANDO: Essas expedições saem muito caras.

COLOMBO: Confie em mim. Logo vou encontrar o Grande Cã e aí teremos todo o ouro do mundo. E depois, se o Grande Cã aceitar a nossa fé, como ele mesmo quer, segundo Marco Polo disse, poderemos deixar os mouros cercados por todos os lados e nunca mais haverá perigo, nenhuma vingança turca será possível.

RAINHA ISABEL: E as Cruzadas serão vitoriosas para sempre.

V

(A cena se translada para o quarto do convento de Valladolid. Ficam em cena apenas Colombo e a Rainha.)

COLOMBO: Perdoe-me Isabel. Minha vida já está no fim e ainda não consegui encontrar o Grande Cã. Você confiou em mim, e eu, eu o que fiz... Talvez possa fazer ainda! Uma nova expedição! A maior de todas! Minhas forças são poucas, mas vou recuperá-las, ainda posso, sei que posso, minha Rainha. E desta vez não haverá erro, a passagem para o Oriente será encontrada.

(Surge o fantasma de Martín Pinzón na

medida em que a Rainha desaparece.)

MARTÍN PINZÓN: Que bobagem. Lá é um continente: A América.

COLOMBO: Quem é você?

MARTÍN PINZÓN: Não me reconhece, Colombo?

COLOMBO: Você já morreu Pinzón.

MARTÍN PINZÓN: Mas sou eu.

COLOMBO: Se é você, só pode ser uma alma traiçoeira.

MARTÍN PINZÓN: Nunca fui traidor. Ir atrás das promessas devidas não é traição.

COLOMBO: Desertar é traição. E por cobiça. Pura cobiça!

MARTÍN PINZÓN: Minha, ou sua? É fácil falar, você que já tinha tudo assegurado.

COLOMBO: Não, eu não.

MARTÍN PINZÓN: Claro que tinha. Antes da viagem, bem antes de partirmos você já pensara em tudo. Tinha conseguido, com os Reis, o título de Almirante Mor do Mar Oceano, o título de Vice Rei e mais o de Governador Perpétuo de tudo o que viesse a ser descoberto ou conquistado. Não é, Dom Colombo?

COLOMBO: Promessas vocês também tiveram...

MARTÍN PINZÓN: E a nós, os navegantes e marujos da cidade de Palos, nós que entramos com as caravelas, com o dinheiro, com os tripulantes, a nós só foi assegurado o risco. Nenhum título, nenhum direito permanente, nenhuma terra.

COLOMBO: Inveja. Nada mais que inveja. Vocês tinham dívidas para com os reis, precisavam pagar.

MARTÍN PINZÓN: De tudo que se

achasse, colhesse, ou arrendasse os seus dez porcentos estavam garantidos. E o nosso?

COLOMBO: Teriam sua parte.

MARTÍN PINZÓN: Que parte? Graças a você o mundo até acabou sendo dividido com os portugueses: cem léguas depois dos Açores dez por cento seu e noventa dos reis de Espanha e prá cá tudo deles. É claro, eles não iam dar toda a informação a troco de nada. Deixaram aquele pedaço, longe demais, prá você e prá os reis de Espanha, e o mais perto prá eles. Tudo muito bem combinado, até traçaram uma linha imaginária...

COLOMBO: Não. eu não tenho nada com isso, problemas entre reis. Mas tanto os reis, como você e todos da cidade de Palos tem que reconhecer, nada seriam sem mim. Todos os planos foram meus e só eu tinha a certeza, a certeza absoluta de que o mundo era redondo. Eu arrisquei, eu tive a coragem...

MARTÍN PINZÓN: Coragem? Isso tivemos nós que seguimos sua loucura.

COLOMBO: Desertor. Um desertor, é isso que você é. Desviou a Pinta da nossa rota, separou-se, abandonou ao seu irmão e a mim.

MARTÍN PINZÓN: Mas é claro! Eu também precisava do ouro. Só o que conseguisse pegar seria meu, não tinha previamente garantida a minha parte.

COLOMBO: E também quis voltar prá Espanha antes de mim, não é certo?

MARTÍN PINZÓN: Você deve ter ficado

muito preocupado...

COLOMBO: Éramos muito poucos. Eu estava preocupado com nossas vidas.

MARTÍN PINZÓN: Mentiras e mais mentiras, Dom Colombo. Você ficou preocupado porque eu podia pegar o seu ouro e também a sua glória, voltando mais rápido e chegando antes na Espanha.

COLOMBO: E porque não fez isso?

MARTÍN PINZÓN: Merda! Lá não tinha ouro nenhum. Não tinha nenhum Grande Cã.

COLOMBO: Não achei a passagem, ainda, mas eu vou voltar. O Grande Cã está lá, eu vou encontrar.

MARTÍN PINZÓN: Ridículo.

COLOMBO: Ainda tenho forças...

MARTÍN PINZÓN: Vasco da Gama já esteve lá, Pedro Álvares Cabral também.

COLOMBO: Não importa. Deram a volta pela África, meu caminho é em frente!

MARTÍN PINZÓN: Em frente é o Novo Mundo, imbecil, a América.

COLOMBO: América?

MARTÍN PINZÓN: É assim que todos estão chamando lá depois do livro de Américo Vespúcio...

COLOMBO: Não lembro.

MARTÍN PINZÓN: Lembra sim, ele esteve se informando com você. E depois é um florentino, quase conterrâneo seu, tudo muito útil para a Itália.

COLOMBO: Mesmo que seja um novo continente, não poderá ser chamado de América. Ele me pertence.

MARTÍN PINZÓN (ri): Olhe só pra você?

COLOMBO: O que eu vejo é você, que morreu de ódio, ao ver a minha glória. Você está morto.

MARTÍN PINZÓN: Você também vai morrer aí mesmo nesse leito, sem honra, sem glória, sem títulos igual a mim... E também não vai reconhecer que descobriu um novo continente porque ele se chama América. E o que é pior, vai morrer sem fortuna, igual a mim.

COLOMBO: Cão imundo! Não somos iguais. Você só teve cobiça, só quis o ouro e nada mais... E eu amei aquelas terras, aqueles índios. Quando você me traiu, eles me trouxeram amizade, quando você desertou, eles vieram em meu socorro.

MARTÍN PINZÓN: Mais mentiras. o discurso não vai alterar a sua vida e muito menos vai salvar sua alma. Você Dom Colombo, vai perder tudo igual a mim: honra, glória, títulos e alma.

COLOMBO: Você quer me destruir? Quer arrastar a minha alma para onde você está? Saiba, eu me recuso a ficar para sempre nas trevas nessa noite eterna... Longe da luz que tive e que perdi! A luz, a grande luz bendita, eu a terei de novo, ainda estou vivo!

MARTÍN PINZÓN: Por pouco tempo, só o suficiente para você recuperar a sua memória... Quando você lembrar de tudo o que fez terá, sem dúvida, a convicção de que nos encontraremos, para sempre, no inferno.

VI

(Plano da memória. convés da Santa

Maria. Um grupo de índios alegres, curiosos e de boa vontade, sobem à bordo trazendo pão de inhame, cântaros de barro, cabaças e outros presentes. Guacanacari, um cacique índio de boa estatura e amigável, lidera o grupo e faz oferendas a Colombo. Índios e marinheiros estão felizes e mutuamente curiosos. Colombo oferece um lugar à mesa ao cacique e lhe serve um pedaço de carne seca. Guacanacari experimenta a carne e não gosta, mas dissimula com um sorriso. Come um pedaço, como se fosse bom e logo depois passa a carne para outro índio.)

COLOMBO (indicando um pássaro ao voar): Ave.

GUACANACARI (entendendo e indicando): Ave.

(Luiz Torres, que está presente, aprova o entendimento.)

COLOMBO (indicando um colar de ouro ostentado por Guacanacari): Ouro.

GUACANACARI: Colar.

LUIZ TORRES: Ouro.

GUACANACARI: Colar.

COLOMBO: Guacanacari?

GUACANACARI: Sim, Colombo.

COLOMBO: Gostaria muito de saber de onde vem o ouro.

GUACANACARI (encolhendo os ombros): Você só pensa nisso? Aqui temos muitas coisas boas...

COLOMBO: Eu procuro por Cipango. O Grande Cã.

GUACANACARI: Cubanacan?

COLOMBO: Um outro povo, com armas...

GUACANACARI: Caraíbas. Você gosta dos caraíbas?

COLOMBO: Não conheço os caraíbas. Quem são eles?

(Guacanacari faz um gesto para um índio se aproximar e mostra uma cicatriz no corpo dele. Guacanacari faz a mímica de morder, no local da cicatriz.)

LUIZ TORRES: Comem gente.

GUACANACARI: Nossos inimigos.

Guacanacari precisa do Deus (Aponta Colombo.) para defender meu povo dos inimigos que comem gente.

COLOMBO: E o Deus precisa do ouro.

GUACANACARI: Guacanacari tem fumo e outras coisas.

COLOMBO: Fumo?

GUACANACARI: Veja. (Tira um charuto fosco e acende num tição fumando pelo nariz.) Bom. (Luiz Torres experimenta o fumo.) Tem batatas, tem milho, pr'a comer, bom.

COLOMBO: O fumo, o milho e as batatas não vão ser suficientes para justificar todos os gastos.

GUACANACARI: Gastos?

COLOMBO: É todo o dinheiro que eu gastei nessa viagem, nessa expedição.

GUACANACARI: O que é dinheiro?

COLOMBO: Dinheiro é o ouro e precisa ser recuperado.

GUACANACARI: Porque precisa ser recuperado?

COLOMBO: Porque foi gasto.

GUACANACARI: Você gastou ouro para vir aqui?

COLOMBO: Bem não diretamente, mas eu preciso recuperar o ouro, essa é a regra.

GUACANACARI: Aqui a regra é outra. Tem árvores, folhas, flores e frutos... Elas nascem e morrem. Tem terra, tem água, tem ar... Veja os animais, eles vivem. E nós também vivemos. Ninguém

precisa de ouro. Ouro não dá prá comer. Aqui tem sombra, água fresca, fumo, batatas...

COLOMBO: Mas você tem ouro.
(Mostra o colar.)

GUACANACARI: Só prá enfeite. Tó.
(Dá o colar a Colombo.)

COLOMBO: Bom, mas eu preciso de mais. Onde ele nasce?

GUACANACARI: Vem do rio.

COLOMBO: Mas o rio tira da montanha, é nela que o ouro nasce. Aonde fica a montanha?

GUACANACARI: Se mexer na montanha o rio fica sujo e onde Guacanacari vai beber água e tomar banho? E como a árvore vai nascer sem a montanha?

COLOMBO: Mas eu preciso do ouro.

GUACANACARI: Você é Deus, faça o ouro aparecer.

COLOMBO: Na nossa terra, nesta época do ano, comemoramos o nascimento do Senhor o nosso Deus... (Colombo usando um casal de índios monta um presépio vivo.) Esta é Ave Maria.

GUACANACARI (apontando o céu):
Ave.

COLOMBO: Este é São José. E este é o nosso Senhor, Jesus. Hoje é a véspera do dia em que Ele nasceu. É Natal.

GUACANACARI: Bonito.

COLOMBO: Este é Deus.

GUACANACARI: Um Deus criança...

COLOMBO: Bem, depois ele cresceu.

GUACANACARI: Ele gostava de ouro?

COLOMBO: Não, ele gostava de gente como você.

GUACANACARI: Bonito.

VII

(A cena se transporta para o convento

de Valladolid, onde estão Colombo e o Frei.)

COLOMBO: Ele estava mais próximo de Deus do que nós.

FREI: Ele quem?

COLOMBO: Guacanacari, um cacique índio.

FREI: Isso é impossível. Quem não foi liberto do pecado original não pode estar mais próximo a Deus.

COLOMBO: Pecado...

FREI: E mesmo depois de batizados, temos que considerar que os índios são espíritos lentos, verdadeiras feras a serem submetidas ao império do homem.

COLOMBO: Ele foi meu amigo.

FREI: Estranho muito essas suas palavras, Almirante, devem ser frutos da sua atual condição. Sabemos, perfeitamente, que por volta de 1493 o senhor propôs a escravidão dos índios. Não é verdade?

COLOMBO: Dos canibais, eles comiam gente.

FREI: Não pense que sou contra a escravidão. E prá mim são todos iguais, comam gente ou não. O que conta é que o homem mais forte, mais evoluído, de espírito elevado, é naturalmente o senhor e a ele os homens mais fracos devem se submeter. Os índios são menos evoluídos, fracos e muito lerdos, é natural que sejam escravos.

COLOMBO: Ele foi melhor prá mim que os espanhóis.

FREI: Ele quem?

COLOMBO: Guacanacari. Ele não me abandonou... Na noite de Natal de 1492, já eram dois dias que eu

permanecia acordado, o mar estava calmo e então fui dormir. O marinheiro que pilotava a nau Santa Maria, infeliz, também foi e deixou o leme a cargo de um grumete...

VIII

(Convés da nau Santa Maria.)

GRUMETE: Socorro! Vamos encalhar, o casco bateu na areia. Socorro! Me ajudem.

(Correria de marinheiros por todos os lados.)

MARINHEIRO: Seu estúpido!

GRUMETE: Não vi.

MARINHEIRO 2: Não é areia, é um coral pontiagudo.

GRUMETE: Se moveu sem eu perceber...

MARINHEIRO: Está furando o casco.

COLOMBO: Verifiquem os danos!

Corram rápido, para bombordo.

MARINHEIRO: É um recife comandante.

MARINHEIRO 2: Estamos fazendo água!

COLOMBO: As bombas, as bombas! Icem o batel da popa! Desçam rápido...

GRUMETE: Fez um rombo.

COLOMBO: Levem uma âncora e coloquem longe, para servir de ponto de apoio, temos que puxar o navio para trás.

MARINHEIRO: Tarde demais...

COLOMBO: Não é tarde. Rápido, com o batel.

GRUMETE: Vai afundar!

COLOMBO: Para trás, para trás. Mas aonde vocês estão indo?

IX

(A ação volta para o quarto do convento.)

COLOMBO: Santo Deus! Ao invés de lançarem uma âncora atrás, eles

fugiram. O batel partiu veloz em direção a Niña, onde, eles, covardes procuraram abrigo. Fugiram, me abandonaram, minha tripulação me abandonou. (Tom.) Cortem o mastro! Joguem todo o peso na água!... Nada mais adiantou. Nossa nau capitânea estava naufragando. Os espanhóis abandonaram a Santa Maria a sua própria sorte, toda carga seria perdida. Nesse momento de desespero, em pleno dia de Natal, eis que surge rápido, Guacanacari com dezenas, centenas de barcos, de canoas vindo em direção a Santa Maria, em meu auxílio... E tudo foi transportado e posto à salvo na praia: os alimentos, as armas, a pólvora e toda a carga ficou em lugar seguro. Mas, como estou desolado pela perda do navio...

(Na praia, estão alguns índios, Guacanacari e Colombo que está muito abatido.)

GUACANACARI: Não fica triste Colombo... Muita coisa o mar não levou. Veja! A praia parece um armazém... Não chora... Vou lhe dar tudo o que tenho. Veja! (Guacanacari planta bananeira e Colombo passa do choro ao riso.) Chuque-chuque, chuque-chuque. (Mostra pedaços de ouro e dá a Colombo.) Toma.

COLOMBO (chacoalhando um guiso que faz o ruído de chuque-chuque): Toma.

GUACANACARI (pegando alegre o guiso): Amanhã vou trazer mais ouro para o Almirante. Pedras do tamanho da mão.

COLOMBO: Vocês são bons, vou

proteger seu povo dos caraíbas.
(Levanta-se e grita.) Atenção!
Preparem para disparar uma
bombarda! Mexam-se, temos
muito a fazer aqui...

(Um índio traz uma máscara com
pedaços de ouro nas orelhas e nos
olhos. Guacanacari põe a máscara
em Colombo. Ouve-se o disparo do
canhão, os índios atiram-se no chão.)

GUACANACARI: Está contente?

COLOMBO: Muito. Apesar de ter
perdido o navio, acho que isso
aconteceu para que a gente
pudesse conhecer este lugar. Luiz
Torres, isso não foi propriamente
um desastre, mas uma grande
sorte, foi Nosso Senhor que nos fez
parar aqui.

LUIZ TORRES: Por que, Almirante?

COLOMBO: Neste lugar vou construir
uma torre e uma fortaleza, tudo
muito bem feito. Será o nosso
primeiro povoado aqui nas Índias.
Quero que você escolha o nome.

LUIZ TORRES: Natividade. Hoje não é dia
de Natal?

COLOMBO: Natividade. Muito bom para
um judeu convertido. Esta ainda
vai ser uma grande cidade e é
bom que, desde logo, comece
bem. Quero construir, também,
uma grande vala de proteção...

LUIZ TORRES: Mas o Almirante acha que
precisa?

COLOMBO: Não por essa gente que é
de boa índole, mas porque os
que aqui vão ficar estarão muito
longe de Nossas Majestades...

LUIZ TORRES: E quem vai ficar?

COLOMBO: Trinta e nove colonos.

LUIZ TORRES: Mas não eu... Na certa
meus serviços de intérprete serão
muito necessários na volta.

COLOMBO: Serão mais úteis aqui, com
certeza. Luiz, você fica. Perdemos
um navio e tenho tantas coisas
para levar. Quero levar também
alguns índios. Na Espanha,
precisam conhecer essa gente e
eles devem ser batizados. (Tom.)
Tudo o que sobrou do navio tem
que ser aproveitado na
construção da cidade. Quero
que plantem aqui uma cruz. Não
percam tempo, vamos ao
trabalho! (Plantam a cruz.) Esse é
o marco do nosso primeiro
povoado nas Índias: Natividade.

X

(Convento de Valladolid. no quarto
permanece a cruz anteriormente
plantada. Estão Colombo e o Frei
encapuçado.)

FREI: Não! Definitivamente, não. Um
índio não pode estar mais perto
de Deus que um cristão!
Arrependa-se de suas palavras,
Almirante.

COLOMBO: Quero que saiba que foi
minha intenção... Que me
pareceu era para o bem da
minha alma, levar a nossa fé
aquela gente.

FREI: Quanto a isso não tenho
objeções, no entanto, cumpre
que se arrependa da sua
afirmação leviana. Um cristão,
certamente, está mais próximo a
Deus que um índio.

COLOMBO: Não estou convencido
disso...

FREI: A minha paciência tem limites, o
meu perdão tem limites. Cuidado
Colombo.

COLOMBO: Eles viviam pacificamente
em suas terras. Acaso não são

eles homens? Não possuem razão? Alma? Não é nossa obrigação amá-los como a nós próprios?

FREI: O Santo Ofício...

COLOMBO: Creio que perseguir a verdade é mais importante do que seguir a risca os estreitos caminhos que o Santo Ofício nos deixa.

FREI: A Igreja é o caminho, a verdade e a luz. Só o tribunal da Inquisição pode interpretar os Sagrados ensinamentos. Abdique de idéias perigosas e siga o verdadeiro caminho da fé.

COLOMBO: Acreditei nisso por toda a minha vida. Respeitei a vontade dos Reis e até mesmo a verdade da Inquisição...

FREI: Eu sei. E é só em consideração a isso, que posso esquecer suas palavras, desde que se arrependa delas.

COLOMBO: Não posso... Agora, eu duvido de tudo... Da vontade dos Reis, do que é dito pela Inquisição e até mesmo do que fiz da minha vida.

FREI: Heresia! Palavras do cão! Sua alma corre grande risco...

COLOMBO: Com que direito permiti que fosse desencadeada uma guerra atroz contra aquela gente? Qual é a verdade quando houve uma impiedosa destruição? O que fizeram os reis? Onde estava a Igreja?

FREI: Basta! Sua alma está dominada pelo mal. Não tenho mais o direito de lhe perdoar. Você terá que repetir, todas essas palavras malditas, para o Grande Inquisidor. Não posso mais ficar

aqui, Colombo. vou denunciá-lo.
(Sai.)

(O Grande crucifixo que estava contra a luz, é agora iluminado de frente e nele, como um Cristo, está Guacanacari.)

COLOMBO: Diga-me, o que aconteceu Guacanacari? Porque tudo acabou sendo assim como foi? Eu queria compreender, Guacanacari... Porque os trinta e nove homens que deixei morreram? Natividad, aquele lugar que parecia ser bom, onde pensei que os espanhóis e os índios pudessem iniciar uma nova vida... Porque foi totalmente destruído?

XI

(É uma festa popular, com ciganos, acrobatas, vendedores e vigaristas. Colombo, os marinheiros e índios, que retornaram com ele da primeira viagem, caminham vitoriosos pelas ruas de Barcelona.)

POPULAR 1: Ele chegou!

POPULAR 2: Estou tão emocionada, tenho vontade de chorar.

VÁRIOS: Viva!

POPULAR 1: É um orgulho para Espanha.

VÁRIOS: Los niños guapos!

POPULAR 2: Lá está ele, o Almirante.

POPULAR 1: E que farda, que postura!

POPULAR 2: Viva Cojumba!

POPULAR 1: Mas é esse o nome dele?

POPULAR 2: Ouvi dizer que é Cojumba, Colhumba?

POPULAR 1: Parece que ele não é espanhol...

POPULAR 2: Não importa. Ele é tão lindo!

POPULAR 1: Viva Cristófar!

VÁRIOS: Viva!

POPULAR 2: Salve os navegantes!

ÍNDIO: Aqui dói.

COLOMBO: Aonde?

ÍNDIO: Aqui. (Mostra entre as coxas.)

COLOMBO: É por causa das calças.

ÍNDIO: Vou tirar.

COLOMBO: Você está vendo alguém sem calças?

POPULAR 1: Viva o Cristóvão?

VÁRIOS: Viva!

POPULAR 2: Ele é napolitano?

POPULAR 1: Me disseram que é espanhol. É espanhol!

POPULAR 2: Viva Espanha!

VÁRIOS: Viva!

(Uma mulher chega até Colombo.)

MULHER: Almirante! Almirante, por favor... Não estou vendo um dos homens que partiu com a expedição. Será que ele morreu?

COLOMBO: Nenhum dos homens que foram comigo morreu, mas 39 ficaram nas Índias. Quem você procura?

MULHER: Luiz Torres.

COLOMBO: O nosso intérprete. Ele ficou em Natividade.

MULHER: Do outro lado do mundo?

COLOMBO: Fique tranqüila, ele está bem com os outros que lá ficaram.

MULHER: Ele teve sorte, escapou. Aqui, na Espanha, toda a família dele foi queimada na fogueira...

COLOMBO: Pela Inquisição?

MULHER: Eram judeus convertidos, mas foram acusados por Torquemada de que ainda praticavam a velha religião. Da família inteira só ele escapou, todos os outros foram queimados. Tem certeza que nas Índias ele estará bem?

COLOMBO: Cuidado com o que diz.

Ele estará bem, estará bem.

POPULAR 2: Ouvi dizer que lá tem rios de ouro?

GRUMETE: É, eu vi, vi um rio com espuma de ouro.

POPULAR 2: Mas o ouro não afunda?

GRUMETE: Lá o ouro é tanto que o fundo do rio não dá conta, joga pra cima.

POPULAR 2: Me dá unzinho, só uma pepitazinha.

GRUMETE: Vou lhe mostrar a cobra que matei, enorme, grande, imensa.

POPULAR 2: Ai que emoção!

VOZ: Assado das Índias! Olha o assado das Índias!

ÍNDIO (para Colombo): O que é assado?

COLOMBO: É o que você está sentindo no meio das pernas.

POPULAR 1: Almirante! Deixa eu tocar no seu casaco. Viva Cristóvão!

VÁRIOS: Viva!

XII

(O cortejo chega onde estão o rei Fernando e a rainha Isabel. É uma igreja, a multidão fica distante. Colombo e o índio se aproximam. Os reis convidam Colombo a ficar ao seu lado. O índio é batizado tendo os reis como padrinhos. Luz.)

REI FERNANDO (para Colombo, em segredo): E as índias?

COLOMBO: São terras maravilhosas, Alteza.

REI FERNANDO: Estou falando das mulheres, são gostosas?

COLOMBO: Majestade...

REI FERNANDO: É verdade que ficam todas peladas, que trepam à vontade?

RAINHA ISABEL (aproximando-se): Almirante! Devemos planejar o

que vamos fazer com nossas terras do outro lado do Mar Oceano e o senhor, como Vice-Rei...

REI FERNANDO: Talvez vice-rei.

COLOMBO: Perdão Majestade... Mas, talvez, porquê? Creio que já tínhamos tudo bem combinado, desde antes da minha partida...

REI FERNANDO: Soubemos que o senhor, na sua volta, passou por Lisboa...

RAINHA ISABEL: ...Por Portugal, e isso precisa ser melhor esclarecido. tem razão, Fernando, eu também não gostei nada disso.

COLOMBO: Altezas, foi um imprevisto, uma contingência que... Não pude evitar. A volta das Índias, foi uma viagem dura, difícil, e quando nossos dois navios estavam próximos a Portugal, fomos apanhados por uma terrível tempestade. As ondas investiam de ambos os lados, chuva, relâmpagos... As velas já estavam rasgadas, a tripulação esgotada... Eu não tive outra alternativa, a não ser o abrigo do Tejo.

REI FERNANDO: E do Rei...

RAINHA ISABEL: ...Aquele simplório do Rei João.

COLOMBO: Fui ao encontro do Rei de Portugal para prestar as honras de Suas Majestades.

RAINHA ISABEL: E ele?

COLOMBO: O Rei foi muito gentil, ordenou que me dessem, e também à tripulação, tudo aquilo de que precisássemos.

RAINHA ISABEL: Na certa, tentou seduzi-lo para trabalhar pr'a ele.

COLOMBO: Depois de tanto êxito... Mas

deixei claro que estava a serviço dos Reis de Castela.

REI FERNANDO: E o que mais?

COLOMBO: O Rei disse que, no seu modo de entender, pelo pacto existente entre os reis de Castela e ele, a conquista feita por mim lhe pertencia.

RAINHA ISABEL: Que atrevimento!

COLOMBO: No entanto, eu disse que desconhecia tal pacto e reafirmei minha fidelidade a serviço destes reis.

REI FERNANDO: Vamos ter problemas.. Ainda mais com o novo Papa.

COLOMBO: Há um novo Papa?

RAINHA ISABEL: Sim, há um novo Papa. O velho Inocêncio morreu já faz algum tempo e, para a sucessão, aconteceu uma disputa seríssima entre o Cardeal Borgia e o Cardeal Della Rovere...

REI FERNANDO: O Cardeal Borgia venceu, agora é o novo papa: Alexandre VI...

RAINHA ISABEL: E... Apesar de espanhol...

REI FERNANDO: Ele não quer nos dar sobre as Índias os mesmos direitos que foram dados aos reis de Portugal sobre a África, ou seja, o pleno monopólio do ouro e...

RAINHA ISABEL: ...Da exploração das colônias.

COLOMBO: Sendo assim, Majestades, convém que esta coroa se apresse. posso organizar, para suas Altezas, uma nova expedição. Bem maior que a primeira, com muitos e bons navios, levando soldados e cavaleiros para as Índias e trazendo todo aquele ouro, toda riqueza daquelas terras.

RAINHA ISABEL: É certo que tem muito ouro?

REI FERNANDO: Muito ouro mesmo?

COLOMBO: Tão certo como o mundo é redondo.

RAINHA ISABEL: Não podemos deixar, também, de levar a nossa fé cristã àqueles povos. Essa sempre foi a nossa intenção... Desde já, vou encomendar uma capela para lá ser construída.

COLOMBO: Levarei padres, colonos, marinheiros, soldados, cavalos e provisões para muitos meses. Como Vice-Rei, tomarei conta de tudo da melhor forma e em nome de Suas Altezas. Asseguro que vamos obter muito ouro, chegar a Cipango, Catai e ao Grande Cã. Quero expandir a cidade de Natividad e fundar muitas outras.

(Luz.)

XIII

(Quarto no convento de Valladolid. Estão Colombo, Guacanacari e o Fantasma de Martín Pinzón.)

MARTÍN PINZÓN: Quantos sonhos desfeitos, quantas promessas vãs, quanta desilusão... Logo ao voltar, nada havia restado de Natividad. Porque, Colombo, todos os homens que lá ficaram, foram mortos? Porque... não viveu sequer um para contar o que aconteceu? Nem mesmo o pobre Luiz Torres, que acabou por ter o mesmo destino da sua família... Da pequena Natividad, onde você depositou tanta esperança, só restou cinza.

COLOMBO (para Guacanacari): Eu preciso saber a verdade!

GUACANACARI: É pena que todos

tenham morrido... Quem sabe se alguém tivesse ficado vivo, para contar o que aconteceu, não teria sido evitado tudo que veio depois.

COLOMBO: Quero saber.

GUACANACARI: Meu povo dava, de bom coração, comida para os espanhóis. Mas cada espanhol comia ou estragava em um só dia, o tanto quanto uma família dos nossos comeria em muitas luas... Assim, quando a comida começou a faltar, porque já não tínhamos mais, eles se voltaram contra nós.

MARTÍN PINZÓN: E o que mais?

GUACANACARI: Veio a desonra.

Guarionex, um dos nossos chefes, foi humilhado, sua mulher foi violada à força...

COLOMBO: Por quê?

GUACANACARI: Ninguém entendia os deuses, eles eram muito diferentes de nós... Pareciam insanos, cruéis... Cada um dos homens de Natividad, tomou para si, seis ou mais mulheres índias e forçavam elas a trabalhar. Tudo, sem sentido. Escravisaram também as crianças e, ninguém reagia, porque os índios tinham muito medo e todos os dias, humilhavam os nossos... Socos, pontapés, coronhadas...

MARTÍN PINZÓN: Aí veio a vingança.

GUACANACARI: Não, Colombo, nós queríamos entender esses deuses que também brigavam entre si por nada, por um pedacinho de ouro, por uma choupana, para ficar com a mulher do outro... Eles se matavam, por qualquer coisa.

COLOMBO: Não pode ter sido só isso! O

forte de Natividade foi queimado!

GUACANACARI: Vieram também as doenças. Muitos espanhóis e muitos índios pegaram doenças... Doenças estranhas que não conhecíamos, que não sabíamos curar e, muitos morreram...

COLOMBO: Mas eu vi crânios perfurados!

GUACANACARI: Não foi a minha gente.

COLOMBO: Quem foi então?

GUACANACARI: Quando eles estavam mal acostumados com a nossa fraqueza e muito enfermos, chegaram os caraíbas. São índios diferentes, cruéis também. Quando Caonabó atacou com seus guerreiros, atirando flechas envenenadas, pondo fogo na palha e na madeira ninguém conseguiu resistir. Todos foram assassinados; deuses e índios... A cidade foi queimada.

MARTÍN PINZÓN: E depois você nunca mais conseguiu consertar, não é Vice-Rei?

XIV

(Guacanacari e Martín Pinzón desaparecem com a luz na medida em que surgem os reis. Colombo e os reis conversam a grande distância.)

RAINHA ISABEL: Colombo! A sua administração não anda muito bem, aí pela colônia.

REI FERNANDO: O nosso ouro não está chegando.

RAINHA ISABEL: Fizemos investimentos altíssimos nessa sua segunda viagem...

REI FERNANDO: Dezesete navios, 1.200 marinheiros...

RAINHA ISABEL: Comida para seis

meses...

REI FERNANDO: Cavalos...

RAINHA ISABEL: E até agora nenhum retorno.

COLOMBO: A propósito dos cavalos, Altezas. Quero que saibam que fomos enganados...

REI FERNANDO: Fomos? Que história é essa?

COLOMBO: Quando estava organizando a expedição em Sevilha, as montarias, da melhor qualidade, chegaram de Granada com toda a pompa, mas não pude ver o embarque e, ao chegar aqui, só encontro pangarés, tudo foi trocado. O melhor dos cavalos, na certa, não vale nem dois mil maravedis.

REI FERNANDO (para a Rainha): Mas nós pagamos tudo...

RAINHA ISABEL: Para que fosse da melhor qualidade. Deve ter sido você... (Para o Rei.)

REI FERNANDO: Porque eu? É a costumeira corrupção... Talvez dele próprio.

COLOMBO: E não foi só nisso. Nos alaridos de Sevilha, vi que a maior parte da tripulação era boa, até que os intermediários receberam o dinheiro do soldo, depois foi trocada. Aqui nas Índias acho, a toda hora, homens que nunca vi antes e que ou estão doentes ou sem vontade. Aqueles que eram altivos cavaleiros em Sevilha, aqui não querem montar e também não deixam que ninguém use os ditos pangarés.

RAINHA ISABEL: Não temos nada com isso Almirante do Mar Oceano. Isso tudo está aí, a cargo do Vice-Rei.

REI FERNANDO: O que queremos é o nosso retorno, o nosso ouro.

COLOMBO: Tenho achado ouro sim, tenho encontrado ouro...

RAINHA ISABEL: Finalmente. (Para o Rei.) Eu não disse?

COLOMBO: Desejava muito poder enviar a Suas Majestades maior quantidade de ouro, mas a tripulação, que aqui se encontra, na maior parte ficou doente.

REI FERNANDO: Então não vem ouro nenhum?

COLOMBO: Estou enviando sim, através de Antônio Torres, algum ouro e segue também este memorial (Colombo redige o memorial ao mesmo tempo que os reis lêem e reagem.) com algumas solicitações da maior necessidade. O ouro é para que Suas Majestades o vejam, recebam e com ele façam pagar o carregamento de duas caravelas...

REI FERNANDO: Mas isso é um toma cá e dá lá. Só pr'a ver?

RAINHA ISABEL: Explique-se Comandante.

REI FERNANDO: É que aqui, por causa dos doentes, precisamos muito de coisas que estão em grande falta: açúcar, amêndoas, mel, arroz...

RAINHA ISABEL: Tudo isso!

COLOMBO: É que deveria ter vindo em grandes quantidades, mas o pouquíssimo que veio não deu pr'a nada, já foi todo gasto, consumido.

REI FERNANDO: Que mais?

COLOMBO: Precisamos bastante dessas coisas aqui. São importantes para consolar e incentivar toda essa gente e também devido a

verdadeira multidão de doentes.

RAINHA ISABEL: Vá lá.

COLOMBO: Precisamos ainda de vinho, pois muito se perdeu na viagem pr'a cá, devido ao mau trabalho dos toneleiros de Sevilha, vazou. Biscoitos de trigo ainda temos, mas, além do vinho está faltando carne, digo toucinhos e outros defumados...

REI FERNANDO: Só?

COLOMBO: Precisamos, ainda, de carneiros vivos, ou melhor, cordeiros e cabritinhas, fêmeas de preferência...

REI FERNANDO: Fêmeas!?

COLOMBO: Pr'o leite. E alguns bezerras e bezerras pequenas. E que mandem também, toda vez que uma caravela partir nesta direção, umas mulas, asnos e éguas pra trabalho de sêmen...

RAINHA ISABEL: Chega! (Joga fora o memorial.)

REI FERNANDO: E o que vamos receber de volta?

RAINHA ISABEL: E como vai a nossa religião nas Índias?

REI FERNANDO: E o que ganhamos com tudo isso, enfim?

COLOMBO: Essa terra é com certeza maravilhosa e, pelo que já se pode ver, tanto o vinho como o trigo se desenvolverão muito bem aqui, entretanto, cumpre esperar o fruto.

RAINHA ISABEL: Esperar...

COLOMBO: Acreditem que a beleza da terra destas ilhas é tamanha, tão repleta de morros, serras e vales, por onde passam rios caudalosos, que nenhuma outra banhada pelo sol pode ser melhor ou parecer tão bela.

RAINHA ISABEL: Outra vez poesia...

REI FERNANDO: Vamos ser bem objetivos, capitão: precisamos do ouro.

COLOMBO: É certo que o ouro que encontramos nos rios nascem na terra, por isso seria bom que enviassem alguns garimpeiros. Aí em Almaden tem alguns ótimos para o serviço.

RAINHA ISABEL: Mas com você já foram 1.200 homens.

COLOMBO: Outrossim, é bom saber que mais de 200 estão sem soldo.

REI FERNANDO: Mandamos até um médico.

COLOMBO: Outrossim, o doutor não está recebendo. Peço-lhes que me remetam o salário a que faz jus, afinal ele tem trabalhado muito, são muitos os doentes.

REI FERNANDO: Que administração!

COLOMBO: Outrossim, e por falar nisso, preciso que Suas Majestades confirmem a designação que fiz do prefeito mor e definam o salário dele.

RAINHA ISABEL: Salário!

COLOMBO: Outrossim, peço...

REI FERNANDO: Basta!

RAINHA ISABEL: Não peça mais nada.

REI FERNANDO: E o nosso retorno? Quando vamos ter os nossos maravedis de volta?

COLOMBO: Para aliviar as despesas, sugiro que os navios que para cá vierem tragam, além dos remédios e dos mantimentos, algumas quinquilharias, como por exemplo, camisas comuns, gibões, calças, lenços, botas, que fossem comprados a bom preço aí e que aqui descontaríamos dos salários. Com esse proceder, nos moldes

do que fazem outros reis, suas Altezas poderiam economizar muito.

REI FERNANDO: Essa idéia não é de todo má, no entanto, só ela não vai resolver.

RAINHA ISABEL: Mas, não há nada que se possa fazer para termos mais algum lucro?

COLOMBO: Bem... Se suas Majestades derem licença e permissão, cada caravela que vier para cá, trazendo mercadorias ou gado, poderia voltar... A título de pagamento das mercadorias... E do transporte... Cheia de índios... Canibais, que seriam escravos.

(Ouve-se o riso de Martín Pinzón.)

RAINHA ISABEL: Francamente eu detesto essa sua proposta Almirante. O que nós vamos fazer com esse pessoal que come gente aqui em Castela?

COLOMBO: Esses índios são bem proporcionados e de muito bom atendimento se forem libertos dessa desumanidade. Creio que perderiam esse hábito e até se tornariam bons cristãos, quando se virem longe de suas terras... E mesmo que se tenha que usar algum chicote, eles se mostrarão superiores aos outros servos.

RAINHA ISABEL: Você sempre foi contraditório. Porque não mandar logo as caravelas cheias de ouro? Seria muito mais prático.

REI FERNANDO: Lógico, os índios podem ser escravizados aí mesmo nas colônias...

RAINHA ISABEL: Não foi o que eu disse.

REI FERNANDO: Mas querida, com esse proceder vamos suprir toda mão de obra para o plantio e para

cavar as minas.

XV

(Somem os Reis. Colombo está com Guacananacari no quarto do convento.)

GUACANACARI: Foi o que aconteceu... Primeiro com os canibais, depois com os outros e mais outros... Uma escravidão que nunca mais cessou. Os que chegaram às novas terras poderiam ter vivido como no paraíso, mas eles eram indignos... Não foram para ajudar, ou para ensinar o tanto que sabiam, nem tampouco para aprender conosco, que lá vivíamos, mas, ao contrário, chegaram como se fossem os legítimos donos e, tudo o que fizeram, foi tirar partido dos mais fracos, oprimir e explorar.

COLOMBO: Eu não...

GUACANACARI: Você sabia.

(Colombo e Guacananacari observam dois colonos conversando.)

COLONO 1: Aqui se pode fazer a vida fácil...

COLONO 2: É, vir pr'a cá é o remédio para os pobres da Europa.

COLONO 1: É só arrumar dois pares ou quem sabe meia dúzia de índios e pô-los para trabalhar a seu serviço, que logo se tem remédio para a sustentação. Uns lhe pescam, outros lhe caçam...

COLONO 2: E outras lhe fornicam.

COLONO 1: E se pode descansar e enriquecer.

COLONO 2: E a Coroa que não se queixe, pois leva muito para lá.

(Os Colonos desaparecem, ficam Guacananacari e Colombo.)

COLOMBO: Eu não queria, não queria que tivesse sido assim...

GUACANACARI: Mas foi assim e muito pior. Quando os colonizadores se deram conta que, com seus canhões, cavalos, cães ferozes, espadas e mosquetões, eram muito mais fortes do que nós, usaram toda essa força, todo o seu conhecimento contra nós.

COLOMBO: Era para defesa.

(Através de sombras é visto todo o massacre dos índios pelos soldados, enquanto Guacananacari fala.)

GUACANACARI: Foram usadas para o ataque. Matanças e crueldades sem fim. Os espanhóis entravam em nossos povoados e não poupavam nem velhos e nem crianças. Sem dó nem piedade matavam até mulheres grávidas, abrindo seus ventres como se fossem as vísceras de um animal. Dos homens faziam escravos para trabalhar nas minas, na extração do ouro. As mulheres eram forçadas a trabalhar no campo. Nem a eles, nem a elas davam comida suficiente e o leite secava nos seios das mães. Aos poucos os índios, que eram os verdadeiros possuidores das terras, foram morrendo de fome, de doença ou mesmo até por mera crueldade. E ainda hoje em dia, outra coisa não fazem ali senão despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir esse povo.

(Surge o fantasma de Martín Pinzón e aplaude.)

MARTÍN PINZÓN: Belo discurso, belo discurso... Mas convém lembrar que as pessoas daquela região são naturalmente inúteis, de pouco trabalho, corrompidas, covardes, sujas e mentirosas. Elas

não têm nem constância e nem firmeza. Algumas até preferem se envenenar ou se enforçar só para não pegar no trabalho pesado. Ao invés de nos culpar, conviria pensar antes se o Nosso Senhor não permitiu, devido aos enormes e abomináveis pecados desses selvagens, que eles fossem eliminados e banidos da superfície da terra.

GUACANACARI: Não existia culpa, não sabíamos o que era o pecado. Tínhamos nossa própria forma de vida.

MARTIN PINZÓN: Muito atrasada, sem dúvida. Sempre será justo e de acordo com a lei natural, que as pessoas mais preguiçosas sejam submetidas ao império de príncipes e de nações mais cultivadas e humanas de modo que, graças as virtudes dos mais desenvolvidos e a prudência de suas leis, os menos desenvolvidos abandonem a barbárie e se adaptem a uma vida mais digna...

(Com um efeito de luz Guacanacari desaparece e colocando o capuz, Martín Pinzón torna-se o Frei que está só com Colombo no convento de Valladolid. Colombo começa a escrever.)

FREI: ...E se recusarem esse império é permitido impô-lo por meio das armas e essa guerra será justa. Concluindo, é justo que todos os homens fortes, inteligentes e virtuosos, dominem os fracos que não possuem essas virtudes. Foi isso que o nosso mestre inquisidor mandou lhe explicar, Colombo. O senhor não deve perder essa rara

oportunidade...

COLOMBO: Qual?

FREI: Aceite esses dogmas, que são também o senso comum e, excepcionalmente, lhe perdoaremos, esquecendo, mas só desta vez a heresia cometida. É uma oferta generosa.

COLOMBO: Eu sou fruto do meu tempo... E só agora percebo.

FREI: Então, você se arrepende?

COLOMBO: Quantos erros cometidos!

FREI: Então, sabe que errou.

COLOMBO: Percebo, agora estou mais próximo da verdade... Alguma esperança ainda me resta.

FREI: Devo confessar que eu não era muito favorável que lhe dessem mais essa oportunidade, afinal, o senhor disse coisas terríveis, gravíssimas.

COLOMBO (para de escrever): E por que me deram?

FREI: Foi em consideração ao senhor ter levado a fé cristã, a fé dos reis a milhares de pagãos infieis.

COLOMBO: É disso que me arrependo.

FREI: Como?

COLOMBO: Eu me arrependo de ter levado para lá pessoas que outra coisa não fizeram a não ser mandar e se deixar adorar pelos índios. Arrependo de ter dado início a uma guerra, sem tréguas, para satisfazer a ambição e de não ter percebido que o que pensava ser justiça é iniquidade, do que supunha ser ajuda é tormento, do que acreditava ser liberdade é jugo e dominação. Não podemos ser melhores se o nosso lema é oprimir, espoliar. Como podemos ser melhores se nada damos sem querer muito

em troca, se para obter cada vez mais ouro impomos a destruição, a miséria e a fome?

FREI (petrificado): Você é mesmo herege nojento, eu tinha razão. Vim aqui para lhe oferecer sua própria vida, mas você não a merece. A sua palavra ofende a Igreja, ataca os Reis, agride os poderosos. Só o Santo Ofício pode salvar sua alma e ele, console-se, nunca falha. Só o fogo poderá purgar seus males e ele chegará bem rápido.

(Frei sai e surge Guacanacari.)

COLOMBO: Pensam que somos deuses? Nos adoram pelo esplendor das nossas caravelas, pelo ruído dos nossos canhões, pelo brilho de algumas quinquilharias? Não percebem que somos um bando de velhacos a escravizar e explorar. Vocês olham para cima, pensando que a solução de seus males está em nós, não vêem que a solução está em vocês?

(Colombo chora. Guacanacari desaparece. A corte do Grande Cã passa como que se despedindo. Surge a Rainha.

XVI

COLOMBO: Minha rainha, fiz tudo para servi-la enquanto tive forças. Foi inútil. Tentei, por todos os meios conciliar as necessidades da coroa de obter ouro e expandir a fé cristã, mas isso é o mesmo que servir a dois senhores.

RAINHA ISABEL: Todas as promessas de ouro foram suas, Almirante, não é verdade?

COLOMBO: Tornei-me um escravo da minha própria empresa... E persegui o impossível. Quis mesmo encontrar o paraíso na terra e desejei que nele, houvesse mais ouro do que já teve o rei Salomão, só assim, pensei, poderia resolver o insolúvel e compensar o caos que se instalou nas terras da Espanha de além mar.

RAINHA ISABEL: Eu sempre apoiei as suas iniciativas. Mesmo depois do fracasso da sua segunda viagem, permiti que o senhor fizesse a terceira viagem para as Índias.

COLOMBO: Em que condições? Se na segunda viagem fui com dezessete caravelas na terceira só obtive seis.

(Surge o Rei Fernando.)

REI FERNANDO: E ainda foi muito. Essa sua viagem de 1498 foi um desastre total, pior que o da segunda, tivemos que intervir enviando alguém mais confiável...

XVII

(Colombo está acorrentado, no porão de um navio, com outros dois.)

COLOMBO: Porque me mandaram prender? A mim e aos meus irmãos? É essa a recompensa que tenho por tantos anos de serviços dedicados a Suas Majestades? Sete anos estive na corte real tentando provar que era possível ir para o Oriente pelo Ocidente. Era um embuste todos diziam. Hoje, até os alfaiates imploram para descobrir terras. deveriam me receber de braços abertos; eu ofereci-às Suas Majestades terras que são mais ricas e maiores que todos os outros domínios cristãos. E

o que acontece? Sou lançado com meus irmãos ao porão de um navio, posto a ferros, com o corpo nu e recebendo maus tratos e tudo isso, sem ter recebido julgamento ou sentença de tribunal de justiça.

REI FERNANDO: Você é um estrangeiro...

COLOMBO: Dediquei o melhor de minha vida à Espanha!

RAINHA ISABEL: Estamos em guerra com cidades da Itália, onde o senhor e seus irmãos nasceram e, as suas designações por parentesco, em altos postos em Hispaniola não foram nada acertadas. Seus irmãos cometeram os maiores desastros na administração das terras novas.

REI FERNANDO: E o caso das pérolas? Obtive informações que o senhor, Almirante, quando da sua expedição mais pra oeste, conseguiu com os índios um bocado de pérolas que guardou essa enorme quantidade de pérolas, mas, até hoje, nenhuma delas apareceu na corte.

COLOMBO: Intrigas, Majestades. Alguém roubou as pérolas para causar danos a mim, para provocar essa grande desonra. A intenção, que tive a serviço de Suas Majestades sempre foi a mais honesta e a afronta que me causam é tão desproporcional que não permite que minha alma se cale.

RAINHA ISABEL: Mesmo que aceite essa explicação sobre as pérolas, ainda resta o fato de você ter mandado enforcar um espanhol

pela morte de um índio.

COLOMBO: O índio que foi morto era como meu filho e era preciso também manter a disciplina, a ordem.

REI FERNANDO: Você é um péssimo administrador.

COLOMBO: Reconheço que talvez tenha cometido erros no governo, mas o que isso importa. Meu caminho é o mar, minha sina é descobrir e, desta minha terceira viagem, trago a certeza de ter encontrado o caminho para o paraíso na terra.

REI FERNANDO: Não podemos mais dar ouvidos a esse homem.

RAINHA ISABEL: Espere...

REI FERNANDO: E os portões do paraíso são de ouro? Você partiu para trazer ouro e volta com penas de anjo.

COLOMBO: Mais além do Trópico de Capricórnio há uma terra habitável que é a parte mais alta e nobre do mundo...

RAINHA ISABEL: Conte-me, Cristóvão.

COLOMBO: A Sagrada Escritura, atesta que Nosso Senhor criou o paraíso terrestre, nele colocando a árvore da vida. Desse lugar brota uma fonte, da qual surgem os quatro maiores rios do mundo: o Ganges, da Índia, o Tigre, o Eufrates e o Nilo. O mais fantástico dessa minha terceira viagem é que encontrei a foz de um grande rio, águas de forte ímpeto que vem do Oriente para o poente. Ilhas, jamais terão um rio como esse, então é certo que cheguei a um outro mundo, ao continente oriental e minha convicção é que esse rio emana do paraíso

terrestre, de terras infinitas... Mas ninguém conseguirá chegar lá, a não ser pela vontade divina.

XVIII

(A cena passa para a sala do trono, onde Colombo está de joelhos diante dos reis.)

RAINHA ISABEL: Fizemos mal ao dar poderes excessivos a Dom Francisco de Bobadilha. Levante-se Almirante, o senhor está livre e perdoado.

(Colombo ergue as mãos que estão sangrentas e desmaia.)

REI FERNANDO: Que é isso, Santo Deus!

RAINHA ISABEL: As chagas de Cristo!

REI FERNANDO: Que doença esquisita. (Os reis socorrem Colombo e o levam para o leito, onde ele permanece desfalecido. Luz somente para os Reis.)

RAINHA ISABEL: Quero destituir de todos os poderes o imbecil do Bobadilha. Ninguém o mandou prender o Almirante.

REI FERNANDO: E quem vai administrar as terras novas?

RAINHA ISABEL: Colombo, é claro. Quero que ele faça a quarta viagem. Quem pode afirmar que ele não encontrou mesmo o paraíso na terra.

REI FERNANDO: Não se precipite. Pense, não seria melhor aproveitarmos a oportunidade da situação criada por Bobadilha. Se Dom Colombo permanecer na posse de todos os seus títulos e direitos vai se tornar um grande entrave. Pense bem...

RAINHA ISABEL: Mas, e se for o paraíso? Esse fato mudará nossas vidas e o destino do mundo.

REI FERNANDO: Não posso acreditar nisso.

RAINHA ISABEL: Os acordos que fizemos com o Almirante estão em documentos intocáveis. Pense bem... O que não vão dizer de nós?

REI FERNANDO: Querida, você quer que ele fique dono do monopólio de todas as viagens e ganhe porcentagem sobre tudo? Ao invés de Vice-Rei de fato, diremos que esse é um título honorífico. Isso é muito melhor do que deixar todos esses direitos hereditários, em prejuízo do que é nosso... (O rei começa a sair e suas palavras ficam cada vez mais distantes.) ...Isso seria total estupidez, quantas oportunidades de negociações com os nobres da corte e até com outros reis estaríamos perdendo, quanto ouro deixaríamos de ter nos cofres? Para que nos serve, agora, esse Cristóvão Colombo? Já está velho, delirante, doente e todas aquelas terras e mais outras...

(Na medida em que o rei se afasta a rainha chega até Colombo que continua desfalecido.)

RAINHA ISABEL: Sempre tive uma grande admiração por você, Cristóvão... E agora, longe da vida como estou, compreendo, através dos seus sonhos, muito do que não entendi enquanto rainha. Aqui, não preciso de ouro algum e os títulos não fazem falta. Almirante, você nada me deve e eu lhe perdouo mas sobretudo espero pelo seu perdão. Sinto nada mais poder fazer por si em vida. Não posso lhe devolver os títulos ou as posses mas posso lhe afirmar que aqui eles nada

valem. Descanse Colombo,
pouco tempo lhe resta,
descanse...

(A figura de São Cristóvão, um gigante carregando um menino no colo, cruza a cena.)

XIX

(Ruídos de ventos que se aceleram. É uma grande tempestade. Colombo está num espaço diferente daquele do Marinheiro e do Grumete, pode vê-los submetidos a tormenta, mas não pode atuar naquela cena.)

MARINHEIRO: A tempestade nos arrebatou e nos deixou sozinhos.

GRUMETE: Muita água, trovões e relâmpagos inacabáveis.

MARINHEIRO: O navio está com rombo, as velas rasgadas, as âncoras, enxardias, cabos, tudo perdido.

GRUMETE: Os barcos, as provisões também foram perdidas.

MARINHEIRO: As ondas são gigantescas.

GRUMETE: Parece o fim do mundo! (O vento agora atinge Colombo e Guacanacari aproxima-se dele.)

COLOMBO: O meu desespero é que nada mais posso fazer. Já não tenho mais forças. O céu e a terra estão separados e distanciam-se cada vez mais...

GUACANACARI: Observe como o trovão e o vento fortalecem um ao outro. Você compreendeu: governar, na verdade, significa servir.

COLOMBO: Mas a minha compreensão de nada adianta.

GUACANACARI: O sacrifício do superior é para o engrandecimento do inferior, assim, você é, agora, um espírito capaz de ajudar o mundo

e está pronto para se apresentar diante de Deus.

(O vento atinge Colombo e Guacanacari que passam a fazer parte da mesma cena onde estão os marinheiros.)

MARINHEIRO: O mar e o vento se agitam de tal forma que somos arrastados para onde eles nos levam...

GRUMETE: Nunca vi o mar tão agitado, tão feroz.

MARINHEIRO: Já não temos mais fôlego, vamos chegar a qualquer destino, não há nenhuma esperança.

COLOMBO (vacilante): Não desistam.

GRUMETE: O vento e a corrente nos impelem com fúria para trás.

MARINHEIRO: Devemos voltar, Comandante?

COLOMBO (com fé): Em frente! Em frente! A tormenta é passageira, esses tempos escuros também. Em frente! A nau já se eleva suave para o céu, vamos vencer o espaço e superar o tempo, rumo a uma nova era, uma era de luz e de magia. Deixaremos para trás a negra herança e os tristes costumes que espalhamos pelo mundo. Que tudo isso seja descartado, posto fora. Nessa era luminosa, que logo alcançaremos, homens melhores do que nós, sem cobiça, sem impor vontades, sem opressão, vão agir pelo amor aos outros e para o crescimento de todos. Assim, seremos livres e sem medo, com tempo para viver a paz e desfrutar deste mundo imenso, que apenas comecei a descobrir e que, expandido com essa fé alegre e luminosa,

finalmente, será o tão sonhado paraíso.

(Na medida em que Colombo diz o texto acima os outros personagens aproximando-se dele. Música. A luz cresce e apaga. Entram soldados carregando tochas no quarto do convento de Valladolid. O Frei encapuçado e o Grande Inquisidor acompanham o grupo. Colombo está caído no chão segurando um papel.)

INQUISIDOR: Pesam sobre você acusações gravíssimas. Você confirma?

FREI: Levante-se, Almirante.

INQUISIDOR: Sabe que a fogueira é o remédio para a purificação da sua alma? (Para os guardas.) Ponham este homem de pé.

(Os guardas suspendem Colombo.)

FREI: Ele está morto.

INQUISIDOR: Não é o primeiro. Muitos morrem antes de confessar a culpa.

FREI: *(pegando o papel):* Ele deixou um escrito.

INQUISIDOR: Leia.

FREI: "Eu me arrependo de ter levado a outros povos todos os nossos vícios e pecados... E o que mais lamento é que tenham aprendido que a riqueza se faz através da escravidão..."

INQUISIDOR: Nada pior para a estabilidade da igreja que esses iluminados pelo demônio.

FREI: Podemos condená-lo por isto. Queimar seu corpo e salvar sua alma.

INQUISIDOR *(pegando o papel):* Podemos mas não vale a pena.

FREI: Mas ficaríamos com suas propriedades, e quem denuncia tem direito a uma parte.

INQUISIDOR: Mas, neste caso, o Santo Ofício deve considerar melhor... Essas heresias, se divulgadas poderão corromper muitas mentes, afinal, ele já teve um certo prestígio... É melhor sermos cautelosos. Não devemos colocar em risco mais nenhuma consciência. Que somente a alma dele se perca... Queimem isso.

FREI: Ele deixou um testamento. *(Pega o livro do testamento.)* Aqui ele descreveu suas posses e detalhou, minuciosamente, como elas deverão ser divididas.

(Um soldado queima o papel, o inquisidor lê o testamento.)

INQUISIDOR: Ótimo, este convém divulgar... Vamos dizer também que ele morreu proferindo as últimas palavras de Cristo. Nada mais tenho a fazer aqui. Vamos. *(Todos saem.)*

XX

(Convés de uma caravela com o céu muito estrelado. Colombo permanece no chão.)

GRUMETE *(alegre e suave):*

Comandante! Veja, há uma enorme diferença no céu e nas estrelas...

MARINHEIRO: E na temperatura do ar, e nas águas do mar.

GRUMETE: Comandante! Veja, o mar está cheio de algas, lembram raminhos e pinheiros...

MARINHEIRO: Vejo também, que ao chegar ali, o mar é muito suave e liso e mesmo que vente forte, ele nunca se agita.

GRUMETE: Comandante! Sinto que a temperatura do céu é bem amena e sem grandes

mudanças quer seja inverno,
quer seja verão.

MARINHEIRO: Quando passo por aqui,
já sei que a estrela do norte
descreve um círculo que tem

cinco graus de diâmetro.

GRUMETE: Comandante! Você fundou
um novo céu e uma nova terra e
não mais se pensará no que era
antes.



FIM

Maiores de 14 anos

(e para amadores adultos)

... Em moeda corrente do país

Abílio Pereira de Almeida

...EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS

Abílio Pereira de Almeida

Comédia em 3 atos

PERSONAGENS E SEUS CRIADORES

FLORIPES
GUIMARÃES
EDWIGES
DALVA
GERVÁSIO
D. HERMENGARDA

CENÁRIO:

Sala de estar-jantar de um apartamento, num desses edifícios de habitação coletiva, construídos por uma instituição de previdência social. É um apartamento de fundo e a janela central da sala dá para uma área promíscua. Entradas à direita e à esquerda. Decoração moderna, pobre e de gosto duvidoso. Mesa, cadeiras, um móvel ao longo da parede para várias serventias, bibelôs, livros etc. Um aparelho de televisão.

PRIMEIRO ATO

Mais ou menos 10 horas da manhã. Um rádio funciona furiosamente no apartamento vizinho. Guimarães trabalha, sentado à mesa. Escreve, anota, faz contas, numa pequena máquina de calcular, compulsiva processos e examina papéis espalhados pela mesa. É homem de seus 35 anos, sem mocidade, tipo normal, classe média. Trabalha em mangas de camisa, sem gravata. O

paletó está no espaldar de sua cadeira. É difícil concentrar-se no serviço com aquele locutor gritando desesperadamente os "slogans" publicitários. E que publicidade!

LOCUTOR: Senhoritas! Atenção! Halitol é a garantia de um noivado! O mau hálito acaba com qualquer namoro! Halitol acaba com qualquer mau hálito! Halitol, pela manhã, Halitol ao deitar-se. Vai ver a noiva? Halitol. Halitol,

sempre Halitol. À venda em todas as farmácias e drogarias, que se prezam! Halitol!

LOCUTOR: Prisão de ventre?! Laxativos Trovão. (Barulho de trovão.) Não há mais prisão de ventre! Em pílulas, ora pílulas! Laxativos Trovão - é a solução.

LOCUTOR: Dentifício Pérola! A pérola dos dentifícios! Use dentifício Pérola e seu sorriso serão pérolas!

LOCUTOR: Senhoras e senhoritas! Loiras e morenas! Para o cheiro de corpo não basta só água e sabão! Usem Cecedida! Com sabão ou sem sabão, Cecedida é a própria expressão de seu nome - Cecedida mata qualquer cecê.

LOCUTOR: Número um - escassez. Número dois - excesso. Regulador Gesteira.

LOCUTOR: E agora um pouco de música oriental. O programa que passaremos a ouvir - Ritmos do oriente - é patrocinado pelo comércio da Rua 25 de Março. Ritmos do Oriente é a hora da saudade levantina. Façam suas compras na Rua 25 de Março. Medidas exatas. Pesos exatos. Preços sem redução. Os mais baixos da praça. Comprando na 25 de Março, o senhor, a senhora, a senhorita, levará um embrulho, sem ser embrulhada. E por pouco dinheiro. O dinheiro não interessa. O que interessa é que o freguês saia satisfeito para voltar. E vamos ouvir o primeiro número do programa - Ritmos do Oriente - Saudades de Beirute - Música de Wadih Chama - Letra de - Farid Derah.

(E segue uma langorosíssima música

síria. Guimarães esboça um gesto de impaciência. Não pode trabalhar com esse barulho. Resolve levantar-se. Dirige-se à janela para fechá-la. Na ação de fechar a janela é interrompido pela voz da vizinha, dona Hermengarda, com pronunciado acento nordestino.)

D. HERMENGARDA: Bom dia, seu Guimarães.

GUIMARÃES: Bom dia, dona Hermengarda.

D. HERMENGARDA: Dona Floripes está?

GUIMARÃES: Como? Não entendi?

D. HERMENGARDA: Dona Floripes está em casa?

GUIMARÃES: Não, senhora. Foi à feira.

D. HERMENGARDA: Foi aonde?

GUIMARÃES: À feira. Mas volta já.

D. HERMENGARDA: O quê? Fale mais alto, seu Guimarães.

GUIMARÃES: É o rádio.

D. HERMENGARDA: É o quê?

GUIMARÃES: O rádio.

D. HERMENGARDA: Espera um pouco. (O rádio é desligado. Guimarães suspira aliviado.)

D. HERMENGARDA: Seu Guimarães: o Senho pode me fazer um favor?

GUIMARÃES: Às ordens, dona Hermengarda.

D. HERMENGARDA: É de me emprestar o último número de "Grande Hotel". Dona Floripes tem. Ela comprou ele.

GUIMARÃES: Pois não. Vou ver se está aqui.

D. HERMENGARDA: Vou buscar, então. Aí na porta.

(Guimarães sai da janela. Procura pela revista. Encontra-a. Sai da sala. Ouve-se o diálogo, no vestibulo.)

D. HERMENGARDA: É essa mesma. Hoje de tarde devolvo para dona

Floripes. Estou acompanhando a novela - "Honestidade de amante." - Muito bonito. Real. O Senhor não leu?

GUIMARÃES: Ainda não, senhora.

D. HERMENGARDA: Adoro história em quadrinhos. É a coisa melhor que tem. Cinema e fotonovela! E é instrutivo, o senhor não acha?

GUIMARÃES: Acho, sim senhora.

D. HERMENGARDA: Muito obrigada. Pode ficar sossegado que hoje de tarde, o mais tardar, de noite, eu devolvo. Até logo. Obrigada.

GUIMARÃES: Até logo, dona Hermengarda.

(Guimarães, volta à sala. Silêncio. Não se ouve mais o rádio. Guimarães senta-se à mesa e vai reiniciar o trabalho, mais esperançado. Nem bem recomeça o serviço, entra furiosamente o som do rádio de dona Hermengarda. Guimarães não se agüenta. Vai à janela e chama, com veemência.)

GUIMARÃES: Dona Hermengarda, Dona Hermengarda!

D. HERMENGARDA: Que é, seu Guimarães?

GUIMARÃES: A senhora pode me baixar um pouquinho o rádio, por favor?

VOZ DO LOCUTOR: Sal de frutas Demo alivia o seu ventre e melhora o seu mau humor.

D. HERMENGARDA: O senhor precisa tomar sal de frutas Demo, seu Guimarães. O senhor anda muito azedo.

GUIMARÃES: É o meu fígado. Suco hepático.

D. HERMENGARDA: O quê?

GUIMARÃES: Hepático.

D. HERMENGARDA: O senhor é

simpático, mas tem mau humor.

Quem tem mau humor não pode morar em apartamento.

(Baixa sensivelmente o som do rádio. Mas fechou a janela e cerrou a cortina, abafando completamente o som. Uns instantes após, entra Floripes, vinda da feira. É mulher de seus trinta e poucos anos. Tipo de mulher nervosa e agitada que fala, fala sem parar. Veste calça comprida e malha. Não é elegante, mas está bem, na sua indumentária de ir à feira. Traz um carrinho com os mantimentos que comprou. Floripes entra em cena e ataca logo a fala, não parando de falar.)

FLORIPES: Não sei como não rebenta logo uma revolução nesta terra. Nós somos mesmos uma carneirada! Uma carneirada! Um absurdo! Não se pode mais ir à feira! Uma barbaridade! Não há dinheiro que chegue. Da semana passada para agora tudo subiu! Os preços sobem de semana a semana! Você se lembra de que quando nos mudamos para este cortiço... Porque isto aqui é um cortiço... Não é prédio de apartamento... Um cortiço! Eu me casei com você e acabei morando num cortiço! Mas não há de ser por toda a vida, não. Nem que você queira. Isso é que não. se você pensa que eu vou morar neste viveiro, neste galinheiro, o resto da vida, está muito enganado... Mas que calor! Isto aqui está abafado! Também com a janela fechada! Só você mesmo!

GUIMARÃES: Fechei por causa do rádio, ali, da Hermengarda. Não

podia trabalhar com o barulho.

FLORIPES: É o que eu estou dizendo!

Uma gatinha!

GUIMARÃES: São funcionários públicos!

Colegas nossos!

FLORIPES: Que colegas! Você pensa

que por eu ser funcionária

pública...

GUIMARÃES: ...Você é melhor que os

outros?

FLORIPES: Que essa gente aí sou. Pelo

menos tenho educação. Se não

nasci rica, pelo menos fui bem

educada. Essa gente não tem

educação para morar em

apartamento. Onde já se viu

botar o rádio alto? Gatinha.

Gentalha. É isso. Pobreza é isso. Eu

podia ser rica...

GUIMARÃES: ...Era só fechar os olhos...

FLORIPES: E que adiantou? Não casei

com ele porque era feio...

GUIMARÃES: ...Feio é apelido!

FLORIPES: E que é que eu ganhei me

casando com você?! Você é

bonito, por acaso? Que é que

adiantou? Ele está lá morando no

Jardim América, automóvel e

tudo. Acabou casando com

mulher bonita... E eu... Eu aqui...

Indo à feira... Trabalhando...

GUIMARÃES: Até que de trabalho

você não pode se queixar.

FLORIPES: E eu me queixo? Não estou

me queixando! Não adianta. Eu

não sou de falar. Suporto tudo

quietinha. Mas um dia eu estouro.

Ah! Isso eu estouro! E ninguém

me segura. Vou agüentando,

calada... Mas um dia a casa cai.

Hoje na feira já dei o "show"!

Não se pode mais ir à feira

sozinha! Uma senhora não pode

mais ir à feira! É tudo uma

roubalheira e além do mais é falta de educação geral. É só palavrão. Não respeitam mais ninguém. A gente passa perto do guarda, de fiscal, ouve-se palavrão, e o polícia não faz nada. Nem o fiscal. O fiscal não fiscaliza nada. Está ali para agradar os feirantes e ir ganhando suas gorjetas. Eles pagam, mas abusam. E afinal de contas quem paga é o povo!

GUIMARÃES: Alguém lhe faltou com o respeito?!

FLORIPES: Que faltou com o respeito nada! Eu é que dei uma lição. Na barraca tinha uva. Cem cruzeiros o quilo. Um absurdo! Nem que fossem de ouro! Cem cruzeiros o quilo. Peguei uma, uma uva só. Para experimentar. Não ia comprar uva ordinária por cem cruzeiros. E o galego gritou comigo. - "A um cruzeiro o bago." - Falou gritando. Malcriado. Eu disse: "Ah! É! Um cruzeiro?" - Me deu uma raiva! Eu já estava esquentada... Não agüentei... Peguei o cacho todo joguei com força no chão, esmigalhei... Esmigalhei os bagos todos. - "Agora conta. Conta, quantos são. E vai cobrar do meu marido. Quer saber em que repartição ele trabalha? Quer?" - O homem não disse nada. Também, se ele abre a boca eu jogava outro cacho na cara dele. São uns covardes. Quando viu que eu estava disposta, que não tinha medo, ficou quieto... Ah! Eu tinha que ter nascido homem...

GUIMARÃES: Daqui a pouco vem o homem encrencar aqui na porta.

Você deu nosso endereço?

FLORIPES: E era para vir, mesmo.

GUIMARÃES: E você me punha na fogueira, com os seus bagos de uva?

FLORIPES: Não precisa ficar nervoso, que ele não vem, não. Ele ficou com medo é de mim! Eu tinha que ter nascido homem!

GUIMARÃES: Acho melhor você não ir mais à feira. Você é muito briguenta. Um dia acontece qualquer coisa de muito desagradável. O melhor é você não ir mais.

FLORIPES: Você pensa que vou à feira por gosto? E quem é que vai? Você? A Dalva?

GUIMARÃES: Não. A empregada.

FLORIPES: E onde é que está aquela desgraçada? Ainda não veio!! Se vou esperar por ela, ficamos sem almoço. E nós vamos ficar sem almoço mesmo, porque vou mandar ela embora... Ela pensa que sou idiota! Que horas são? São dez horas! Mais de dez horas! E ela ainda não veio. Justamente dia de feira. É uma vergonha! Não faz nada!

GUIMARÃES: Como não faz nada?! Faz almoço e jantar. Limpa a casa.

FLORIPES: É claro. Eu não vou esperar que você me dê razão! Você nunca me deu razão! Eu vou morrer e você nem no caixão vai me dar razão. Eu sei que é assim. Não adianta me queixar. Por isso que eu não abro a boca. Você defende a criada. Você defende aquela sem-vergonha, contra mim. É claro. Mas ela vai embora. E é hoje. Nem vai fazer o almoço.

É chegar, fazer meia volta e cião mesmo. Tua irmã que faça o almoço. Tua irmã, que é folgada, que vá para a cozinha. Eu nunca é que não vou fazer força. Não me casei para ser sua criada.

GUIMARÃES: Está certo. O melhor é você não despachar a empregada, até arranjar outra.

FLORIPES: E onde vou arranjar outra? Ninguém quer trabalhar neste cortiço. Só a peso de ouro!

GUIMARÃES: Pois vamos aumentar o ordenado...

FLORIPES: É. Vamos dar todo o dinheiro para a empregada. Você é que devia tratar de ganhar mais. Você é mole. Molenga. Trabalha... Trabalha... Trabalha. O expediente é só de tarde. Você traz serviço para casa. Fica enchendo a mesa com essa papelada. A gente nem pode ouvir televisão. Não se pode fazer mais nada.

GUIMARÃES: De manhã não há televisão.

FLORIPES: Você devia trabalhar na repartição. Assim lhe pagavam tempo integral. Mas você é mole! O que é que se vai fazer? Na sua repartição todo o mundo está bem. Ninguém faz nada e ainda ganham por fora. Mas você há de trabalhar de graça...

GUIMARÃES: Floripes! Não fale mal de meus colegas. Todos trabalham e muito.

FLORIPES: Conversa. Trabalham meio expediente e olhe lá! E não me venha dizer que não comem por fora! O dinheiro deles não é de borracha. Se ganham como você, não podem ter automóvel

e nem jogar nas corridas. Você ganha, eu ganho... A Dalva ganha e o nosso dinheiro dá apertado! Se alguém fica doente eu não sei como é que vai ser! E lá o pessoal a viver folgado. Boa casa; a mulher luxando. D.K.W. Cinema todo dia... Teatro... Nós nem podemos ir a teatro, que é caro! Não, Guima: aquilo não é só ordenado, não. Essa não passa por aqui... Aliás, todo mundo sabe...

GUIMARÃES: Você não deve estar falando sem saber. Eles têm outras fontes de renda... Você não deve estar falando...

FLORIPES: Estou falando para você, que é meu marido. Também se não posso, me desabafar com meu próprio marido... Aliás não sou palmatória do mundo. Nós é que somos idiotas. Nós, não. Você. Você é que é um perfeito idiota. Me desculpe a franqueza, mas é...

GUIMARÃES: ...Idiota, não. Honesto, é o que você quer dizer?

FLORIPES: Homem... Não sei... Por isso me calo... Mas, nos tempos que correm... Honesto e idiota é quase a mesma coisa.

GUIMARÃES: Mas tem o - quase - que atrapalha.

FLORIPES: Atrapalha você, mas tem ajudado os outros. O que eu sei é que todo o mundo se vira e vai para frente. E nós aqui nesta dureza...

GUIMARÃES: Não acho que seja tanta dureza. Vivemos decentemente... Não devemos nada a ninguém. Temos nosso teto...

FLORIPES: Teto?! Você chama isto de -

teto -?! Está bom não vou discutir esse assunto com você. Você nunca me deu razão. Mas que está na cara, está. Isso ninguém diz o contrário. Só você. O mais cego é aquele que não quer ver. Não é, não quer ver. É que você não tem peito. Peito, Guima, peito. Você nasceu é para isso: trabalhar, trabalhar, ganhar uma mixaria, viver uma vida mixa e quando morrer, nem lugar no cemitério tem. É na vala comum. Viver assim não é vantagem. Vantagem é ganhar a gaita. De um jeito ou de outro, a gaita é que vale. O dinheiro é que manda, Guima. Porque que eles não bolem com quem tem dinheiro? A corda sempre rebenta do lado mais fraco. Bem, não adianta falar. Estou pregando no deserto. O melhor é levar isto para dentro... Uma dúzia de ovos, oitenta cruzeiros! E você vem me falar em honestidade! Quanta gente não roubou para o ovo chegar a este preço! Vou te contar! Não é só o dono da galinha não. É todo mundo! E para pagar o ovo a oitenta cruzeiros a dúzia, só com dinheiro roubado! Na semana que vem vai estar cem! Vou te contar...

(Floripes sai com o carrinho da feira. Guimarães observa a sua saída, no mais absoluto conformismo e volta para seus estudos e cálculos. Entra a empregada, Edwiges, negra ou mulata pernóstica.)

EDWIGES: Bom dia, seu Guima. A patroa está, não está, não?

GUIMARÃES: Está na cozinha. Acabou de vir da feira.

EDWIGES: Hi! Hoje é dia de feira! Dia de feira é espeto! Não é que eu me atrasei por ser dia de feira. Até que eu gosto de ir à feira. Mas a patroa vai pensar que eu manquei só por ser dia de feira...

GUIMARÃES: É melhor você explicar tudo diretamente a ela.

EDWIGES: Eu careço de dar explicação. Minha obrigação é fazer a comida e limpar a casa. Tenho tempo para tudo. A comida chega sempre na hora e a casa está sempre arrumada. Obrigação de ir na feira não tenho. Vou porque me apraz. Gosto de espiares um pouco...

GUIMARÃES: Não sei se você deve explicar ou não. Vá entender-se com ela.

EDWIGES: O senhor não acha que estou com a razão, seu Guima?

GUIMARÃES: Não sei. Só sei que você entrou muito tarde, hoje.

EDWIGES: O senhor também já quer dar bronca, seu Guima?

GUIMARÃES: Eu não quero dar... Esse assunto não me interessa. Me deixe trabalhar um pouco...

EDWIGES: O senhor está azedo hoje, seu Guima...

GUIMARÃES: E faça o favor de não me chamar de Guima. Meu nome é Guimarães.

EDWIGES: Está certo, Doutor Guimarães...

GUIMARÃES: E não sou doutor.

EDWIGES: O negócio que está azarado por aqui hoje está. Até seu Guima, seu Guimarães, que é uma moça... É. É noroeste de banda errada. Quando o noroeste vem de lá, está bem. Mas quando sopra de cá, então

é andar de figa e se benzer. Eu figa não trouxe e me benzer não posso...

GUIMARÃES: É. Então a coisa vai mal para o seu lado! Prepare-se, que vem pé de vento.

(Entra Floripes.)

EDWIGES: Bom dia, dona Floripes. A senhora me desculpe de eu chegar atrasada, mas não foi por causa da feira, não.

FLORIPES: Não é questão de atraso, é que há muita coisa aqui que não está certo.

EDWIGES: O que é que não está certo?

FLORIPES: Em primeiro lugar, isso não é horário. Você sabe muito bem que você deve entrar às oito...

EDWIGES: Às oito, não senhora, às nove. Quando a senhora me tratou foi às oito, mas depois a gente viu que às oito não adiantava nada e passou a ser às nove.

FLORIPES: Mas são mais de dez.

EDWIGES: É que deu galho lá em casa. Houve briga. Tive que ir na delegacia prestar declarações.

FLORIPES: E ainda por cima criando caso com a polícia...

EDWIGES: Ah! Isso é com a minha vida particular, ninguém tem nada com isso. O que acontece aqui, nesta casa, está certo, quer dizer, tenho que dar satisfações... Mas fora daqui, na minha vida privada... A coisa é comigo... Se a casa está limpa e a comida na hora...

FLORIPES: Mas eu soube que na nossa ausência, durante o expediente da repartição, você recebe pessoas aqui em casa. E isso não

é possível! Não posso admitir uma coisa dessas!

EDWIGES: Já foram fazer fofoca para a senhora! Vejam só! Foi uma vez... Uma vez não... Foram duas vezes... Juro que foram só duas vezes... Quero cair dura aqui de ataque, se foi mais de duas vezes...

FLORIPES: Então? Recebeu, não é? E você acha que isso está direito? Eu ser chamada a atenção pelo zelador do edifício?!

EDWIGES: Mas não foi para safadeza não, dona Floripes. Quero morrer torrada agora mesmo, se não é verdade. Foi meu primo...

FLORIPES: É sempre a história do primo...

EDWIGES: Está bem... Essa de primo não pega mais... Mas não foi para safadeza... Eu respeito a moral da casa dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros... Eu tenho minha moral e respeito a dos outros. Não é como muita gente que conhece. Não me faça falar...

FLORIPES: O que você quer dizer com isso?

EDWIGES: Nada. Não quero dizer nada.

FLORIPES: Vamos. Explique-se. o que você quis insinuar? Não gosto das coisas assim. Trata-se de alguém desta casa?

EDWIGES: Não, senhora. Não é nada. Não é com esta casa.

FLORIPES: Você não pode receber ninguém nesta casa, na nossa ausência. Está certo?

EDWIGES: Está bom, dona Floripes.

FLORIPES: E tem mais. É melhor a gente falar as coisas, para não haver mal entendidos. Não

adianta depois vir me dizer - eu pensei que - Isso não. Comigo é tudo combinado, esclarecido e tratado...

EDWIGES: Eu estou dizendo que a coisa está virada hoje...

FLORIPES: O que é? O que foi que você disse?

EDWIGES: Não foi nada. Prossiga, dona Floripes.

FLORIPES: Pois é. Eu sei que você leva coisa para casa. Mantimentos. Comida que sobra. Você leva tudo. Isso eu não quero.

EDWIGES: Como é que eu levo coisas para casa? Aqui nunca sobrou nada! Cozinha numa marreta desgraçada!

FLORIPES: Leva, sim senhora. Leva pouco, mas leva. E eu não quero que leve nada. Ora essa! Ontem você levou dois ovos. Isso que eu sei, porque contei. Fora o que eu não sei.

EDWIGES: Puxa, vida! Que mixaria!

FLORIPES: Pode ser. Não é pela quantidade. É que não está direito! Você tem que respeitar a propriedade alheia. O que está na cozinha não lhe pertence, seja pouco ou seja muito.

EDWIGES: Estou vendo que a senhora quer que eu vá embora.

FLORIPES: Não estou lhe mandando embora. Mas se você quer continuar, tem que ser conforme combinamos. E tem mais uma coisa.

EDWIGES: É a última?

FLORIPES: É. Eu sei que você, assim que a gente sai, você abre a televisão a tarde toda. Isso também não quero. Não quero que bula na televisão.

EDWIGES: Sabe o que mais, dona Floripes. A senhora quer mesmo que eu vá embora. Pois, vou. Prefiro catar papel na rua que trabalhar nesta mixaria! Puxa vida! Nem televisão! A televisão fica aí mofando! É. Eu vou me embora. Vou catar papel na rua.

FLORIPES: Está muito em moda. Depois você escreve um livro.

EDWIGES: Quero ver a senhora arranjar uma empregada paciente como eu?! Está tudo trabalhando em fábrica.

FLORIPES: Se não arranjar, paciência. Eu sei me virar. Fui educada no trabalho e não na dependência de empregada.

EDWIGES: Não é pela senhora. É pelo seu Guimarães que se acostumou com o meu tempero.

FLORIPES: Ele se acostumará com outro, não se incomode.

EDWIGES: Ele se acostuma com tudo, coitado! Que remédio, não é seu Guima? Bom. Então, eu vou me embora mesmo. Aqui não venho mais, nem morta. Pode fazer minhas contas.

FLORIPES: Só no fim do mês. Você é quem vai sair. Não lhe mandei embora. O ordenado só no fim do mês.

EDWIGES: Deixa. Meu marido vem buscar o dinheiro.

FLORIPES: Pois que venha. Só no fim do mês. antes, podem vir seu marido, seu pai, sua mãe, toda a sua família, que não recebem nada. Não pense que eu tenho medo. E pode ir embora já. Se é para ir, que vá já.

EDWIGES: Tá. Depois nós acertamos. Até logo, seu Guimarães. Te agüenta

aí, seu Guimarães.

(Edwiges sai.)

FLORIPES: Ah! Eu devia ter nascido homem!

GUIMARÃES: Para quê? Deus nos livre?!

FLORIPES: Para encher a cara dessa negrinha! Viu o que ela disse? Como se eu fosse alguma jararaca! Você acha que está certo passar o dia todo ouvindo televisão? Está certo? Levar coisas para casa? Receber pessoas aqui? Você viu o que ela insinuou?! Garanto que isso é com a Dalva!

GUIMARÃES: O que é que há com a Dalva?

FLORIPES: Não sei. Mas o que a Edwiges insinuou foi com a Dalva. Com sua irmã e o Gervásio. Ela recebe o Gervásio aqui. É isso.

GUIMARÃES: E o que é que tem que o Gervásio venha aqui. Ele é meu amigo. Meu colega.

FLORIPES: É que ele vem aqui, sozinho com ela. Ela é moça solteira. Isso não está certo. Eu não tenho nada com a vida dela. Ela é maior, livre. Tem você que é irmão. Mas mora aqui em casa. Isso não está certo.

GUIMARÃES: Você põe veneno em tudo!

FLORIPES: Eu não estou dizendo nada. Quem devia ver isso é você. Mas você fecha os olhos. É como a avestruz. Prefere fechar os olhos. Eu não gosto de falar. Mas o caso já está na boca da negrinha.

GUIMARÃES: Ela não disse nada.

FLORIPES: Não disse nada, mas estava na cara. Eu devia ter apertado ela, que ela se explicava.

GUIMARÃES: Para quê?

FLORIPES: Pelo menos você ficava sabendo. Você teria que tomar uma atitude.

GUIMARÃES: E que atitude iria eu tomar? Vou expulsar minha irmã de casa?

FLORIPES: Não sei. Isso é com você. Aqui em casa é que não quero que se encontrem. Isto aqui não é "rendez vous".

GUIMARÃES: Como você é maldosa! Floripes! Porque você fala assim, de sua cunhada? Ela trata você tão bem! Trabalha. Ganha sua vida! Decentemente! Não teve a sorte de se casar.

FLORIPES: Sorte de se casar? Como eu!? Quer me enganar que tive a sorte de me casar? Com você! Sorte de se casar, eu!

GUIMARÃES: Eu não disse nada, Floripes. E vamos dar o assunto por encerrado.

FLORIPES: Eu falo quanto quiser! Engraçado! Diz o que quer e depois quer dar o assunto por encerrado! Essa é boa!

GUIMARÃES: Então, fique falando sozinha.

(Guimarães levanta-se, começa a arrumar sua papelada para retirar-se, quando se ouve uma discussão no apartamento vizinho. A voz de dona Hermengarda e possivelmente a de seu marido, ou do homem que vive com ela.)

VOZ DO MARIDO: Vamos acabar com isso! Você é uma vagabunda! Uma cachorra! Uma cadela! Cala a boca!

VOZ DE HERMENGARDA: Cala a boca a sua mãe, ouviu?

VOZ DO MARIDO: Repita, aí, sua vaca!

VOZ DE HERMENGARDA: Me bate! Me

bate!

VOZ DO MARIDO: Olha que eu te quebro a cara! Um dia ainda te dou tanta pancada! Sua cachorra! Eu que te pegue de novo com ele! Não sei como não te esgano!

VOZ DE HERMENGARDA: Cachorro é você seu canalha!

VOZ DO MARIDO: Cala a boca!

VOZ DE HERMENGARDA: Me mata! Me mata!

(Ruído de pancadaria. O marido bate em Hermengarda. Esta põe a boca no mundo. Pancadaria e gritos. Floripes não se contém. Vai à janela e grita.)

FLORIPES: Vou chamar a rádio patrulha! Vou chamar a rádio patrulha!

(A pancadaria e a gritaria cessam.)

VOZ DE HERMENGARDA: Cuida da vida da tua cunhada que é melhor!

(Floripes fecha imediatamente a janela e cerra a cortina. Momento de expectativa. Floripes considera Guimarães.)

FLORIPES: Você está vendo? Está na boca do povo!

GUIMARÃES: Você fez muito mal em intervir. Devia ter fechado a janela e pronto.

FLORIPES: E eles a darem escândalo aí?! E eu sou obrigada a ouvir essas coisas? Vou me queixar com o zelador. Isso não pode continuar. Que gentinha mais réles! E você ouviu o que ele disse? Foi bom que você ouvisse. Está na boca do povo. Falam no edifício. Falam na repartição. E eu ter que morar neste cortiço! Mas não há de ser para toda a vida, não. Não tem perigo! Eu não agüento isso! Nem morar com tua

irmã, de vida irregular. Vida suspeita! Suspeitíssima! E muito menos morar neste cortiço, a ouvir pancadaria e palavrões. Deus me livre! Isto não é vida! E agora aquela estúpida foi-se embora. Eu é que não vou ter empregada para ouvir televisão e levar comida para seus homens. Isso não. Quer ir se embora, que se vá. Comigo aqui tem que andar direito. Não tem ninguém para fazer almoço. Eu é que não vou para a cozinha! Também é demais! Agüentar o que eu agüento e ter de fazer comida?! Não. Nunca! Não vou para a cozinha. A Dalva que vá. Onde está ela? Está dormindo! Leva a vida mansa! Não tem marido para chatear! Vida mansa! Está dormindo! Qual é a dela? Mas comigo, não. Almoço eu não vou fazer. Não tenho fome. Tomo um copo de leite, um pedaço de pão com manteiga e pronto.

(Entra Dalva. É uma moça bonitinha simpática, de seus vinte e oito anos. Veste saia esporte e está sem blusa, apenas de soutien. Traz a blusa na mão, para passar.)

DALVA: Bom dia. Bom dia, Guima. Bom dia, Floripes.

GUIMARÃES: Bom dia, Dalva.

DALVA: Onde está Edwiges? Queria que ela passasse esta blusa. É a única que tenho para hoje.

FLORIPES: A Edwiges despediu-se.

DALVA: Quando?

FLORIPES: Hoje, agora. Chegou tarde. Levou pito. Achou ruim e foi-se.

DALVA: E agora?

FLORIPES: E agora! E agora! E agora! Arranja-se outra. Que o mundo

não vai se acabar, só porque a negrinha foi se embora. Hoje não tem almoço. Que eu não vou para a cozinha. Só se você fizer, Dalva. Faça para o Guima, porque eu não preciso.

DALVA: Você quer que eu faça um almocinho para você, Guima? Faço num instantinho. Um bife, ovos...

GUIMARÃES: Pode deixar, Dalva. Como de leiteria. E o jantar?

FLORIPES: Eu janto com papai.

DALVA: Jantar não é o problema. O almoço é que é para agora.

GUIMARÃES: Não tem importância. É que precisamos arranjar outra empregada.

FLORIPES: Pode deixar que eu arranjo. Isso é comigo.

(Floripes sai.)

DALVA: Você ainda vai trabalhar na mesa, Guima? Eu queria passar a blusa.

(Guimarães pega um processo e vai para a cadeira onde se senta. Dalva, com certo método, faz lugar na mesa, enquanto liga o ferro elétrico, que estava guardado no móvel ao longo da parede. Prepara-se para passar a blusa.)

DALVA: Se você quiser, podemos almoçar juntos. Eu, você e o Gervásio. Ele vem me buscar. Nós entramos na repartição, assinamos o ponto e saímos para almoçar. Você quer?

GUIMARÃES: Não vai dar tempo. Estou muito ocupado com o levantamento destes débitos. Vou ter muito serviço, por estes dias.

DALVA: Aliás, o Gervásio queria muito falar com você...

GUIMARÃES: Sobre que assunto? Quer

pedir você em casamento?

DALVA: Antes fosse. Mas sei que é assunto sério e que te interessa.

GUIMARÃES: Com o Gervásio é o assunto que mais me interessa é o casamento com você.

DALVA: Ora, Guima! Deixe eu com o Gervásio assim, que está muito bem.

GUIMARÃES: Está bem, mesmo, Dalva?

DALVA: Isso é comigo. Sou maior de idade, não tenho pai nem mãe a quem dar satisfações, ganho a minha vida...

GUIMARÃES: ...Está certo. Não se fala mais nisso. Eu só queria que você se casasse, se fixasse na vida, se definisse.

DALVA: É... Eu também queria... Fala é fácil... Você já terminou esse levantamento? São muitas empresas?

GUIMARÃES: São todos os maquinistas.

DALVA: Todos?

GUIMARÃES: Todos... Bem entendido... Os que não exportam.. Os que vendem aos exportadores.

DALVA: A cifra é grande?

GUIMARÃES: A sonegação é enorme. É total.

DALVA: Você tem medo de investir contra uma classe?

GUIMARÃES: Medo de quê? Cumpro a minha obrigação. Eles não pagaram o imposto! Eu não estou investindo contra ninguém. Estou apurando. Fazendo um levantamento fiscal de acordo com o serviço que me é atribuído.

DALVA: Mas você ainda não apresentou o serviço.

GUIMARÃES: Não. Ainda há muito o que fazer. Quero apresentar o levantamento integral. Completo.

E encerro o caso. Depois, é com os outros. É sobre isso que o Gervásio quer me falar?

DALVA: Acho que sim.

(Dalva experimenta o ferro elétrico. Vai passar a blusa.)

DALVA: Que calor Como aqui está abafado! Também, com a janela fechada! Porque fecharam a janela, com este calor?

GUIMARÃES: É que lá, com a Hermengarda, estava mais quente que aqui.

DALVA: Brigaram novamente?

GUIMARÃES: Para variar. Pancadaria da grossa. E xingação.

DALVA: Quem sabe se já acabou? Vou ver.

(Dalva abre a janela com cuidado. Silêncio.)

DALVA: Reina paz em Varsóvia.

GUIMARÃES: Depois da tempestade vem a bonança.

(Dalva volta ao seu mistér. O diálogo prossegue, enquanto Dalva passa a blusa.)

GUIMARÃES: O Gervásio está bem de vida?

DALVA: Não sei bem. Deve estar. Por quê?

GUIMARÃES: Porque você não força um pouco a situação?

DALVA: Que situação?

GUIMARÃES: Você não gosta dele? Ele não gosta de você? Você gostaria de se casar com ele?

DALVA: Naturalmente.

GUIMARÃES: Então? Porque você não força um pouco a situação?

DALVA: Não é assim tão fácil, não. Já falei a respeito e refalei. Não quero insistir. Ele diz que não tem condição para se casar.

GUIMARÃES: Mas, ele ganha bem!

DALVA: Não tanto quanto deseja. E, além disso, ele diz que não está preparado psicologicamente para o casamento. Diz que é contra o casamento.

GUIMARÃES: Contra o casamento, ora bolas? Uma situação bem cômoda essa!

DALVA: Então? Se é cômoda, para que se amolar? Qual é a dele?

GUIMARÃES: Mas eu pergunto: qual é a sua? Afinal de contas você é uma moça solteira...

DALVA: Pois é. Mas ele não quer, não é? Eu devia terminar, não é? Isso é fácil de falar... Mas eu gosto dele. E depois... A esperança é a última que morre... Não é?

GUIMARÃES: Você ainda tem esperança de casar-se com ele?

DALVA: Naturalmente. A gente vive dessa esperança. Sou uma moça absolutamente normal. Gostaria de me casar, ter filhos...

GUIMARÃES: É. Principalmente ter filhos...

DALVA: Desculpe. Saiu sem querer...

GUIMARÃES: Desculpar o quê? É isso mesmo. Eu não tenho filhos. Floripes não tem filhos. É um mal. Um tremendo mal para um casamento. A gente deve ter filhos. Pelo menos dois filhos. Um só também é mau. É mau para o próprio filho. Muitos também é exagero.

DALVA: Se a Floripes fizer um tratamento, ela poderá ter filhos... O médico disse...

GUIMARÃES: É. Quem sabe? Agora já perdi o elan. O que está feito, está feito. É muito tarde para começarmos.

DALVA: Tarde nada. Floripes é moça.

Você é moço. Há tempo para tudo.

GUIMARÃES: Somos casados há mais de oito anos. Mais um, para tratamento. Outro para ter filho e já lá se vão 10 anos.

DALVA: Que é que tem?

GUIMARÃES: Agora eu falo como o Gervásio: é psicologicamente tarde para ter filhos...

DALVA: Por quê? Não acho.

GUIMARÃES: A minha vida com Floripes já desencantou. Não tem mais jeito. É melhor deixar as amarras soltas. O barco que tome o seu rumo, o seu destino. Filho seria complicar demais a coisa. Assim, como estamos, vivemos sem compromissos. Isto é: ela não tem compromisso. O dia que quiser: porta da rua é serventia da casa. Eu assumi um compromisso e não fugirei dele.

DALVA: Também não acho que seja assim. Não há razão para os dois estarem se suportando...

GUIMARÃES: Há razão, sim, senhora.

DALVA: Não acho. Ao contrário: acho que imoral é viver junto sem se gostar. Só porque casou. Isso é que é imoral. Se tem filhos, vivem juntos por causa dos filhos. Mas se não tem filhos, não tem nada e não se amam; que besteira é essa de viver juntos?

GUIMARÃES: É, talvez você tenha razão. Mas cada qual tem seu modo de pensar. E... Principalmente... Sua maneira de encarar a própria responsabilidade...

DALVA: Você é que sabe.

GUIMARÃES: Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

DALVA: O que é?

GUIMARÃES: Vou perguntar. Você responde se quiser; se não quiser, é igual.

DALVA: Está bem. Pergunte.

GUIMARÃES: Você vive com o Gervásio?

DALVA: Como vivo com o Gervásio?! Pois, não aqui sozinha. se vivesse com ele, iria morar com ele!

GUIMARÃES: Você entendeu muito bem a minha pergunta. Você vive com ele?

DALVA: Não. Sou apenas namorada dele.

GUIMARÃES: Jura?

DALVA: Juro. (Pouco convincente.)

GUIMARÃES: E eu tenho que acreditar no que você está dizendo?

DALVA: Acho que você deve acreditar.

GUIMARÃES: Está certo.

DALVA: Afinal de contas, porque toda esta conversa a meu respeito com Gervásio?

GUIMARÃES: Nada. Porque sou seu irmão. Acho que devo me preocupar um pouco com a sua vida. Ou você não acha?

DALVA: Você nunca tocou no assunto! Não. O que é que está se passando aqui? Conheço você muito bem. Alguma coisa se passou por aqui. Seja franco comigo. Nós somos amigos. Somos ou não somos amigos?

GUIMARÃES: Somos.

DALVA: Então, me conte. Falaram alguma coisa?

GUIMARÃES: Já se comenta no edifício. Floripes soube que você recebeu o Gervásio em casa, na nossa ausência. E ela não gostou!

DALVA: Bem. O Gervásio esteve aqui. Duas vezes.

GUIMARÃES: Você acha que isso é direito?

DALVA: Nós não estivemos sozinhos. A Edwiges estava em casa. E não fizemos nada de mau. Nem poderia ser.

GUIMARÃES: Mas falam, não é?

DALVA: E o que é que você quer que eu faça? A casa é minha, também. Pago pensão. Não estou aqui de favor. Não sou criança. Ganho a minha vida. Acho que posso receber um amigo em minha casa, sem ter que dar satisfações. De mais a mais, não fizemos nada de mau.

GUIMARÃES: Eu não tenho a menor dúvida. Mas dá margem a comentários maliciosos. Isso dá.

DALVA: Que me importa que falem. Se a Floripes acha ruim, eu posso me mudar. O que pago aqui, posso pagar num apartamento pequeno, de sociedade com uma amiga ou colega. Se vivo aqui, é por sua causa. Aliás, você também não precisa de minha pensão. Podem viver muito bem vocês aqui só com o que ganham. É melhor eu ir me embora. Assim ninguém mais vai falar. O que eu não posso é perder o direito de receber um amigo em minha própria casa. Sobre esse ponto eu não transijo.

GUIMARÃES: Fica o dito pelo não dito. Pronto. Não pensei que você fosse tão brava! Ninguém falou nada, pronto!

DALVA: A gente tem que se defender, ora essa! Já levo uma vida besta. Sem graça nenhuma. Não me casei. Não sou rica. Só tenho você. Você e minha liberdade.

Minha liberdade é meu consolo e esse eu defendo.

GUIMARÃES: Naturalmente, ninguém quer brigar com você. E eu peço que você continue comigo. Você há de reconhecer que morar comigo e Floripes é sempre uma situação para você. Você não é nenhuma moça abandonada. Eu prefiro que você more comigo do que sozinha. E também para o meu caso pessoal. Eu lhe peço. Nós aqui precisamos de você. Você, sem querer, ou sem sentir, é o anteparo de muita coisa que pode acontecer aqui.

(Dalva veste a blusa e vai abraçar o irmão. Faz um carinho no irmão e o beija no rosto.)

DALVA: Guima: eu gosto de você, Guima. Você é a própria vítima de sua boa formação moral. Engraçado! Acontece cada coisa nesta vida! Você é o conformismo em pessoa! Conheço muito bem você. Não é medo. Não é falta de energia. É educação. É formação moral. É o senso de responsabilidade. Deixa estar, meu irmão: não há bem que sempre dure e nem mal que nunca se acabe...

GUIMARÃES: Dalva: você está muito enganada. Eu não estou me queixando, nem lamentando...

DALVA: É como diz o Gervásio: a araruta também tem seu dia de mingau.

(Toque de campainha.)

DALVA: Deve ser o Gervásio.

(Dalva sai para abrir a porta de entrada. Momentos depois, volta, com Gervásio. É moço de seus trinta e poucos anos, alegre, jovial, bem posto.

Não faz muita cerimônia. É de casa, como se diz.)

GERVÁSIO: Que tal? Como leva?

GUIMARÃES: Bom dia, Gervásio. Sempre firme?

GERVÁSIO: Mais ou menos. E você? Muito serviço? Quando é que você vai perder essa mania de trabalhar de graça? Quem trabalha de graça é relógio e quem faz força é guindaste.

GUIMARÃES: Eu não trabalho de graça. Sou pago para trabalhar.

GERVÁSIO: Você ganha para trabalhar um expediente. Eu não tenho nada com isso. Você gosta. O que é de gosto, regalo da vida. Gostos não se discutem. O que é isso aí? É o caso dos maquinistas?

GUIMARÃES: É.

GERVÁSIO: Você chegou a alguma conclusão?

GUIMARÃES: Há muito tempo. Que existe a incidência, nem há dúvida. A questão jurídica, vamos dizer, a questão fiscal é absolutamente clara. O imposto sempre foi devido e sempre foi sonogado. A dúvida está no quantum. Acho que a coisa atinge cifras astronômicas!

GERVÁSIO: Mas... Houve má fé por parte dos maquinistas? Eles sabiam que deveriam pagar?

(Dalva sai sem avisar, após uma troca de olhar com Gervásio. Guimarães não percebe o jogo.)

GUIMARÃES: Eu não estou convencido de que houve má fé. A lei é clara. E eles sempre são bem assessorados.

GERVÁSIO: Então, além do imposto em débito, vai haver multa?

GUIMARÃES: Penso que sim, que

devem ser multados. Houve sonegação de má fé.

GERVÁSIO: Mama mia! Então a coisa vai longe! Você não tem medo de uma represália? Afinal de contas, toda uma classe a ser prejudicada!

GUIMARÃES: Que é que eu posso fazer? Sou um modesto funcionário público. Limito-me a cumprir ordens. Não estou inventando nada, nem criando problemas.

GERVÁSIO: É que eles podem fazer uma representação, pelo Sindicato. A coisa pode até tomar um aspecto político.

GUIMARÃES: E daí?

GERVÁSIO: Governo pode derrubar a situação.

GUIMARÃES: Melhor para eles. E melhor para mim, também. Não tenho percentagem na arrecadação e muito menos na multa. Para mim é igual. Se lá em cima revogarem a cobrança, melhor.

GERVÁSIO: Mas você fica com uma cara de tacho. Vão chamar você de perseguidor. Guimarães, o Javert do fisco.

GUIMARÃES: Não vejo razão para isso. Nem sou um perseguidor e nem eles são miseráveis de roubar um pão.

GERVÁSIO: Eu não topava um negócio desses. É antipático.

GUIMARÃES: Meu velho: eu recebo ordenado para fazer levantamentos de débitos fiscais. Não me cabe ser simpático ou antipático. Ao contrário: até ajudo os contribuintes, dou orientação, ensino, coisa que não tenho a menor obrigação de

fazer. Mas sonegação é sonegação.

GERVÁSIO: Quanto você está ganhando agora?

GUIMARÃES: O mesmo que você, não é? Vinte e oito contos, fora os descontos. Com a reforma vou passar para uns 40.

GERVÁSIO: Como isso?

GUIMARÃES: Claro. Você também; isto é: você um pouco menos porque tem menos tempo de serviço. Eu vou ser aumentado e reclassificado.

GERVÁSIO: E se não sair a reforma?

GUIMARÃES: Como, não sair! Então você não acompanhou os trâmites?! Já está tudo pronto, aprovado e sancionado. Na semana que vem está na rua.

GERVÁSIO: E se você não for promovido, nem aumentado?

GUIMARÃES: Não pode ser.

GERVÁSIO: Nesta terra tudo é possível.

GUIMARÃES: Então, seria o caso de se rasgar o Estatuto do Funcionalismo Público. Mais ainda: jogar fora a Constituição.

GERVÁSIO: E quantas vezes já se violou a Constituição? Não seria a primeira e nem a última.

GUIMARÃES: É. Por incrível que pareça, isso pode acontecer. Você sabe de alguma coisa? Vão dar com tudo para trás?

GERVÁSIO: Não sei de nada. É só uma hipótese. Estou argumentando para provar que você não está com toda a razão nesse seu caso aí. Nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Você não pode se transformar num escravo incondicional de suas obrigações, quando a instituição a que você

serve não merece essa incondicionalidade. Ninguém é profeta em sua terra. Não. Não é esse o provérbio. Não se deve ser mais realista que o rei. Se o Governo pode amolecer com os maquinistas, por que há de ser você que vai endurecer? Vai preparar o prato para eles comerem lá em cima?

GUIMARÃES: Isso é da vida, meu velho.

GERVÁSIO: O bom bocado não é para quem o come. Bem. Eu já vi que a coisa vai ser dura. Tenho um assunto a propor a você. Vou falar por desincumbimento de consciência, e digo mais, para seu bem, para seu bem estar e de Floripes e da Dalva também. De tostão a tostão se faz um milhão. Uma ova! Não é na enxada que se fica rico! Não! a gente fica rico explorando o trabalho dos outros. Matheus, primeiro os teus. Essa é a ordem. olha, Guimarães: o advogado do sindicato dos maquinistas é meu primo e mais que parente: meu amigo. Parentes os dentes, diz o ditado. Mas o homem é meu amigo aqui do peito. Posso falar porque tenho a máxima confiança. É aqui, entre quatro paredes. Eu falo, está falado, se você não topar azar o seu. Os homens estão apavorados com esse processo aí que está nas suas mãos. Se essa sua autuação vingar, eles estão perdidos. Vai ser uma quebradeira geral. É uma questão de vida ou de morte.

GUIMARÃES: Mas eles podem pagar em prestações.

GERVÁSIO: E a multa?

GUIMARÃES: É possível que se releve a multa. O advogado, seu primo, criou uma teoria sobre a não incidência do imposto. É uma teoria absolutamente falsa. Puro sofisma. Mas tem sua habilidade, não há dúvida. Talvez por meio dela, com boa vontade, relevem a multa, quem sabe?

GERVÁSIO: Pois olhe, meu velho: eles estão com medo. E estão com tanto medo que me incumbiram de falar com você. Se você der um jeito nisso...

GUIMARÃES: Como é que eu posso dar um jeito nisso?!

GERVÁSIO: O chefe já sabe de suas conclusões?

GUIMARÃES: Claro que sabe. Pois foi ele que levantou a lebre.

GERVÁSIO: Foi você.

GUIMARÃES: Sim. Ele cismou com os maquinistas. Pediu-me para fazer a verificação. Ele está a par de tudo.

GERVÁSIO: Não tem importância. Deixa o chefe comigo que eu controlo...

GUIMARÃES: Controla, como?!

GERVÁSIO: Minha primeira etapa é aqui com você. Os homens estão dispostos a lhe dar três milhões em gaita viva, para você dar para trás com essa incidência. Três milhões! Três mil abobrinhas! Nem mais e nem menos!

GUIMARÃES: Mas não é possível!!

GERVÁSIO: O que não é possível? Arquivar esse negócio?

GUIMARÃES: Não. Não é possível eu vender.

GERVASIO: Vender... Comprar... não são êsses os termos exatos. Três milhões é uma pequena fortuna.

Nem você vai se vender, nem eles vão lhe comprar. É uma questão de tese. Você vai ao jurista. Vai consultar o advogado. Vai pedir um parecer. Você faz a consulta e ele pergunta "O senhor quer sim ou não?" - Porque? Porque se o senhor quiser uma resposta afirmativa, tem o que citar os livros do lado esquerdo". Então? Tudo é interpretação. Eles pedem a sua boa vontade para uma interpretação favorável. O caminho já está preparado. Você concorda com a tese do advogado, meu primo, que é mais inteligente que você e conhece direito e pronto. Estará com uma renda aí de sessenta contos por mês. Mais que o dobro de seu ordenado. E não cria inimigos e não planta para os outros colherem. E ninguém pode falar nada, meu velho, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

GUIMARÃES: E o chefe?

GERVÁSIO: Tem rabo de palha. Deixa que eu controlo ele. Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto.

GUIMARÃES: Eu não posso fazer isso.

GERVÁSIO: Por quê? São três milhões, meu velho. Pagos na boca do cofre, em moeda corrente do país. Não fica rabo, não. Você está louco! É sua independência! É um automóvel. É um apartamento melhor para sua família! Não pense só em você, meu velho!

GUIMARÃES: Nunca pensei nessa hipótese.

GERVÁSIO: Porque um dia é da caça e

outro do caçador. A araruta também tem seu dia de mingau.

GUIMARÃES: Já ouvi esse ditado. Não, Gervásio, não posso aceitar essa proposta.

GERVÁSIO: Você é um louco!!

GUIMARÃES: Você quer dizer outra coisa: que eu sou uma besta. Burro! Burro!

GERVÁSIO: Quer dizer que você recusa os três milhões?

GUIMARÃES: É. Recuso. Dá dó, mas recuso.

GERVÁSIO: Por honestidade?

GUIMARÃES: Não sei. Talvez, sim. Por princípio.

GERVÁSIO: Que loucura! Você vai é botar na mão do Chefe esses três milhões, você vai ver!

GUIMARÃES: Paciência.

GERVÁSIO: Ele já está rico. Agora é sua vez! Isso é de amargar! Ele vai dar para trás com a sua autuação, com todo o seu trabalho. Vai virar herói e se encher da gaita! À sua custa! Vai ver que já fez isso de propósito! Tocou você na frente para criar a dificuldade e vai vender a facilidade. à sua custa. E quem faz o papel de bobo será você. Tem dó, Guimarães, tem dó!

GUIMARÃES: Eu sou assim, que é que você quer eu faça? Você pensa que eu gosto de ser assim? Não gosto.

GERVÁSIO: Você disse que ainda não concluiu o serviço?

GUIMARÃES: Falta muito, ainda.

GERVÁSIO: Quantos dias?

GUIMARÃES: Uns quinze, trabalhando aqui em casa.

GERVÁSIO: Então você tem tempo para pensar. Não apresente o

trabalho sem primeiro falar comigo. Não me vá fazer essa falseia.

GUIMARÃES: Não adianta nada.

Mostre ou não mostre, o que está feito está feito.

GERVÁSIO: Não. Você vai pensar. Não se jogam três milhões assim pela janela, não. Você vai pensar. Tem quinze dias para pensar. Se você não voltar atrás, azar seu, não posso forçar, nem fazer mais do que fiz.

(Entram Floripes e Dalva. Floripes vestida para sair saia e blusa, com um sanduíche na mão e um copo de leite na outra.)

GERVÁSIO: Que tal? Floripes?

FLORIPES: Bom dia. Gervásio.

GERVÁSIO: Que leite é esse? Vocês não vão almoçar? Vim filar a bóia. Hoje é dia de feira, não?

FLORIPES: Estamos sem empregada. Ela foi despedida. Ou melhor, despediu-se, porque eu a proibi de ver televisão.

GERVÁSIO: Bem. Então vamos todos almoçar no Gigetto. Eu estou convidando. Marca-se o ponto e vamos todos ao Gigetto. Por minha conta e risco. Eu vinha filar a bóia, mesmo. Não havendo, é justo que eu os convide. Pode deixar esse leite e esse sanduíche.

FLORIPES: Eu aceito.

GERVÁSIO: Há males que vêm para bem. Vamos, Guimarães.

GUIMARÃES: Não. Eu não vou. Fica para outra ocasião.

FLORIPES: Que cara é essa, Guima? O que foi que aconteceu, que o Guima está com essa cara de organização social de luto?

GERVÁSIO: Claro. Não é para menos.

Acaba de jogar fora, pela janela, assim, olhe (vai à janela e faz gesto de quem atira.) três milhões de cruzeiros! E sabe quem está lá em baixo? O chefe. O chefe dele, para pegar a gaita que ele jogou fora!

FLORIPES: Como?! Três milhões?! Onde estão?!

GERVÁSIO: Aí. Nessa papelada. uma questão de interpretação. Nada mais. Se ele chegar à conclusão de que o imposto não é devido, ele ganha três milhões, ali, na batata.

FLORIPES: E qual foi a sua conclusão, Guima?

GUIMARÃES: Estou convencido de que o imposto é devido.

FLORIPES: Estava convencido, mas não está mais.

GUIMARÃES: Não é assim, como você pensa, Floripes.

FLORIPES: Se você pensa que eu vou deixar você jogar três milhões pela janela, você está muito enganado! Só louco é que rasga dinheiro. Eu não estou louca. Você está, Dalva?

GERVÁSIO: Bem. Ainda há tempo. A resposta não é definitiva. O Guimarães tem 15 dias para pensar.

FLORIPES: Isso nem tem o que pensar. Vamos almoçar. Deixe o louco aí. Depois nós conversaremos. Vamos embora. Se ele não aceitar esse negócio eu me mato. Isto é, mato ele primeiro, que nasceu antes de mim. Não. A miséria tem que acabar nesta casa. E só ver os outros comendo a carne, na cara da gente, e a gente roendo osso?! Não. Isso vai acabar.

Chega de filosofia. Chega de psicologia. Hoje o que vale é o metal sonante. A gaita. L'argent, money, plata... O resto é conversa. Cião, meu Robespierre de araque. Vamos embora. Vem, Dalva. Vamos fazer este gaúcho gastar uns cobres.

(Floripes sai. Dalva beija o irmão, que ficou perplexo, estatelado na cadeira.)

GERVÁSIO: Até logo, Guimarães. Que o Espírito Santo ilumine tuas idéias.

(Saem os três. Guimarães fica estático por uns momentos. Está pensando intensamente. Quase fala sozinho. Começa a arrumar a papelada. põe a gravata. Veste o paletó, quando entra Edwiges.)

EDWIGES: Eu voltei, seu Guimarães.

GUIMARÃES: Você não encontrou o pessoal aí fora?

EDWIGES: Eu vi eles, mas eles não me viram. Me escondi nas escada. Quando tomaram o elevador, eu entrei. Eu ainda tenho a chave. Eu voltei só por sua causa, seu Guimarães.

GUIMARÃES: Muito obrigado.

EDWIGES: É verdade. Não é brincadeira, não. Com Dona Floripes empregada nenhuma fica no emprego. Eu sei. Conheço minhas colegas. Patroa que implica com um ovo, com televisão, com não sei o quê, não guarda empregada. Não ficam nem um mês na casa. Eu ganho 4 mil cruzeiros por mês... Olhe, seu Guimarães, nem por oito mil. Ninguém aceita. Com implicância ninguém aceita. Eu fico, por sua causa. O senhor não merece ficar sem empregada. Depois eu sei que o senhor já se acostumou

com minha comida... O senhor não almoçou? Vou preparar o seu almoço...

GUIMARÃES: Obrigado, Edwiges, mas não há mais tempo.

EDWIGES: Um instantinho só. Eu frito dois ovos, passo um bife na chapa...

GUIMARÃES: Não há tempo. Olhe: eu como isto aqui. (E pega no copo de leite e no sanduíche que Floripes deixou em cima do móvel. E principia a comer.)

EDWIGES: É pena. O senhor trabalha muito. Precisa comer bem. Assim, ninguém agüenta.

GUIMARÃES: Você me prepare um jantar bem reforçado. Agora não tenho fome. Aconteceu tanta coisa aqui em casa, hoje de manhã, que eu perdi a fome.

EDWIGES: O senhor me desculpe, mas essa gente não compreende o senhor. Eu compreendo...

GUIMARÃES: Não chame minha mulher de essa gente...

EDWIGES: Eu pedi desculpas. Eu não tenho educação, mas tenho sentimento. Eu compreendo o senhor. E eu gosto do senhor. Não é gostar de... de coisa... Não. Eu gosto do senhor espiritualmente. O senhor é como meu falecido padrinho. O senhor é um bom. E hoje em dia, com o progresso contra o subdesenvolvimento, ninguém compreende uma pessoa boa. E é tão fácil compreender. Mas tudo está voltado para o mal: diz que foi a bomba atômica que espalhou mal pelo ar. Eu não sei. Mas gente boa está fora de moda.

GUIMARÃES: Até logo, Edwiges. Então, um bom jantar, hein? Olhe as

ordens de Dona Floripes...

EDWIGES: Já sei: nada de televisão, neca de levar coisas para casa e neca de receber visita. Está certo. (Guimarães já saiu, com sua papelada que pôs numa pasta. Edwiges cantarola baixinho. Pega na vassoura. Vai principiar a limpeza da sala. Ela agora é a dona. Senhora da situação, vai à televisão e liga, com a maior calma deste mundo. Nem dá bola. Continua cantarolando e inicia a limpeza. Surge a imagem no aparelho de televisão.)

PANO

FIM DE PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Mesmo cenário. Nove horas da noite, uma semana depois. Floripes em cena, procura qualquer coisa pela sala. Chama pela empregada.)

FLORIPES: Edwiges! Edwiges!

VOZ DE EDWIGES: Senhora!

FLORIPES: Onde é que está o "Grande Hotel", que estava aqui na sala? (Edwiges aparece.)

EDWIGES: Grande Hotel?!

FLORIPES: Sim. O último número.

EDWIGES: Acho que seu Guimarães emprestou para Dona Hermengarda.

FLORIPES: Porque havia de emprestar?!

EDWIGES: Ela sempre pede e ele sempre empresta. Os números atrasados.

FLORIPES: O que estou procurando é o número desta semana, que comprei há dois dias. Ainda não li e ele já foi emprestar!

EDWIGES: Vai ver que ele não sabia

que era o último número.

FLORIPES: Não estará com você?

EDWIGES: Ora, Dona Floripes! Que desconfiança! Para que eu quero aquilo?! Eu nem sei ler!

FLORIPES: Não precisa saber ler. É história de quadrinhos.

EDWIGES: Juro por tudo quanto há de mais sagrado que não buli nessa revista!

FLORIPES: Então, pede à vizinha. Se está com ela, que devolva. As coisas nesta casa, quando emprestadas, tem dois V.

(Edwiges vai à janela e chama.)

EDWIGES: Dona Hermengarda! Dona Hermengarda!

VOZ DE HERMENGARDA: Que é?

EDWIGES: O patrão lhe emprestou o último número de Grande Hotel? A senhora tem ele?

VOZ DE HERMENGARDA: Emprestou hoje de manhã. Está aqui comigo.

EDWIGES: É que a patroa ainda não leu. A senhora me devolve que depois ela empresta.

VOZ DE HERMENGARDA: Não tem dúvida. Eu também posso comprar a revista. Se quiser, não precisa emprestar.

EDWIGES: Não é isso. Ela não está reclamando. Ela quer é ler. Depois que ler não interessa, que ela não faz coleção.

VOZ DE HERMENGARDA: Já sei. Já sei. A gente não deve é pedir as coisas emprestado para não passar por esses carões. Vou devolver aqui, pela janela mesmo.

EDWIGES: Pela janela não, que pode cair lá embaixo. Eu vou buscar aí na sua porta. Um momento.

(Edwiges sai da janela.)

FLORIPES: Além de malcriada, é mal agradecida essa Hermengarda.

EDWIGES: É uma infeliz!

(Sai. Instantes depois volta Edwiges com a revista.)

EDWIGES: Está aqui, dona Floripes.

(Floripes pega a revista, prepara uma luz junto poltrona, enquanto Edwiges sai para a cozinha. Floripes liga a televisão e depois se acomoda na poltrona, iniciando a leitura. A imagem surge. Ela levanta-se da poltrona para acertar o som. Volta. E mergulha na leitura da história de quadrinhos.

Edwiges aparece pronta para sair.

Terminou o serviço diário e Edwiges vai se embora para sua casa. Leva uma bolsa grande, quase um balaio. Sente-se que ela quer esconder o balaio de Floripes.)

EDWIGES: Até amanhã, dona Floripes.

FLORIPES (distraindo na leitura): Até amanhã.

(Edwiges passa, está quase à porta, quando Floripes dá com o balaio.)

FLORIPES: O que é que você está levando aí, nesse balaio?

EDWIGES: Não é balaio, não senhora. É bolsa.

FLORIPES: Bolsa desse tamanho?

EDWIGES: Que é que a senhora quer? São exigências da moda!!

FLORIPES: Que é que você vai levando nessa bolsa?

EDWIGES: Nada.

FLORIPES: Nada?! A bolsa recheada desse jeito?! Abre aí, quero ver.

EDWIGES: Ora, dona Floripes! Não posso abrir! São coisas íntimas!

FLORIPES: Não tem importância. Só eu estou aqui. Abre.

EDWIGES: São umas coisas à toa. É um pouquinho de comida que

sobrou. O seu Guimarães não veio jantar. Sobrou alguma coisa. Não adianta guardar para amanhã. Não dá. Tem que fazer arroz novo, mesmo. Eu não vou misturar arroz novo com arroz velho. Assim, nem um nem outro. Estraga tudo. Se tivesse qualquer serventia, eu juro, dona Floripes, que eu deixava. Eu não levava. Nesse ponto eu sou muito direita, nunca roubei casa de patroa, Deus me livre! Mas, não tendo serventia...

FLORIPES: Porque você não fala antes? Não pede licença? Eu não sou pão dura! O que não acho direito é você levar as coisas sem me falar.

EDWIGES: É que a gente tem vergonha de pedir essas mixarias. Parece que a gente está passando fome! A gente sente vergonha.

(Edwiges começa a falar chorosa e depois chora mesmo.) O pior é que a gente precisa mesmo. O Dito está sem emprego. Deu de beber. E assim piora tudo. Bebe porque não tem trabalho. Não tem trabalho porque bebe. E a fome bate na porta da gente. É uma infelicidade! A senhora não sabe. Mas a vida está dura. Muito dura. Dizem que aqui no Brasil ninguém passa fome! Uma ova! Passa, sim senhora. Tem muita gente que não come nada. Almoço e jantar todo o dia é luxo. Só quem está bem.

FLORIPES: Eu não faço questão nenhuma que você leve as coisas. Olhe: pode até levar uns ovos. Amanhã é dia de feira vou comprar mais. Hoje não precisa.

Quantos tem lá na cozinha?

EDWIGES: Tem três.

FLORIPES: Devia ter quatro.

EDWIGES: Puxa, vida, que a senhora conta!

FLORIPES: Conto, mesmo. Não gosto de passar por boba.

EDWIGES: Pois, desta vez, com perdão da palavra, a senhora boiou, porque tinha um ovo que estava podre. E eu não boto ovo podre na comida. Então, tive que quebrar outro. Nesse ponto eu sou muito honesta. Não tenho costume de roubar patrão, não. A senhora pode se informar nas casas onde estive. Se saí foi por incompatibilidade de gênio. Meu gênio não combina com o da patroa. É como aqui. A senhora é boa, mas tem mau gênio. Eu não combino com a senhora. Mas combino com o patrão. O seu Guimarães é muito boa pessoa. Eu gosto dele. Não pensa que é outra coisa. Não é, não senhora. Eu gosto de seu Guimarães sem malícia. Nunca dei bola para patrão. Com bebida ou sem bebida, tenho o meu Dito, lá em casa, que me dá muito trabalho. De homem estou cheia. De homem quero sossego. Gosto de seu Guimarães porque ele é um santo. E de santo a gente não gosta para safadeza. Agora, se a senhora quer que eu devolva essa mixaria de resto de janta, que eu levo, eu devolvo, mas é para botar no lixo, porque não tem serventia.

FLORIPES: Não precisa devolver nada. E se vocês estão precisando, pode levar os ovos. Pode levar o

que quiser. O que não gosto é de fazer papel de idiota. É uma questão de disciplina. Eu sou a patroa. Tenho que controlar a casa. Gosto de saber o que estou dando. Gosto de saber o que se está passando na casa. Não é pãodurismo, não. É minha obrigação de dona de casa. Ninguém gosta de ser roubada.

EDWIGES: Mas ninguém está roubando a senhora. Isso não é roubo.

FLORIPES: Não sendo seu e não tendo licença, é roubo, sim. É pequeno. Roubinho sem importância, mas não deixa de ser roubo. Então o que é?

EDWIGES: É... É... É sobejo.

FLORIPES: Está bem. Seja o que for. O nome não tem importância. Pode levar. Leve os ovos também.

EDWIGES: Deu. Está dado. Amanhã eu levo.

FLORIPES: Quando houver qualquer sobra, você me fale, mas pede licença, que eu dou. Eu deixo levar. Não vá fazer sobrar de propósito, que aqui em casa não nadamos em dinheiro. Nós também temos nossas dificuldades. Não é por gosto que moro aqui neste cortiço.

EDWIGES: A senhora fala à toa. A senhora não sabe o que é cortiço. Isto aqui é palácio, perto donde eu moro. É palácio, dona Floripes. A senhora nem deve falar, que Deus castiga...

FLORIPES: É tudo muito relativo, Edwiges. Enfim não tem importância. Até amanhã. E venha cedo, que é dia de feira. Não vá me fazer como da semana passada.

EDWIGES: Sim, senhora, dona Floripes.
Amanhã às oito horas estou aqui.
Então, até.

FLORIPES: Até amanhã.

EDWIGES: Muito obrigada, dona
Floripes. Desculpe qualquer má
palavra.

(Edwiges sai. Floripes considera um
pouco sua saída e volta à sua leitura,
depois de desligar a televisão.
Momentos depois entram Dalva e
Gervásio. Dalva acende a luz maior
da sala.)

GERVÁSIO: Que tal?

FLORIPES: Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO: Onde está o Guimarães?

FLORIPES: Como vai, Gervásio?

GERVÁSIO: Onde está o Guimarães?

FLORIPES: Não veio jantar. Tinha que ir
a uma reunião depois do serviço.
Até agora não apareceu.

GERVÁSIO: Como vai o nosso negócio?

FLORIPES: Que negócio?

GERVÁSIO: Dos três milhões.

FLORIPES: Não progrediu nada.

GERVÁSIO: Você falou mais vezes com
ele?

FLORIPES: Falei. Falei duas vezes.

GERVÁSIO: Estou achando que você
não está muito empenhada.
Olhe que são três milhões! No
mínimo sessenta mil por mês! Se
quiser apurar no juro, serão uns
noventa mil por mês. Não é para
se desprezar.

FLORIPES: Eu sei, Gervásio. Eu sei.
Ninguém está mais interessada do
que eu. Mas é preciso ir com
calma. Já falei. Já insisti. Nada.
Ele parece nem me dar atenção.
Fica me olhando como se eu
fosse uma parede. Estou
esperando uma ocasião. Um
determinado momento. Não sei.

Ainda não dei o ultimatum.
Ainda não briguei, nem ameacei.
Vamos ver. Se ele deixar escapar
esta ocasião, nem sei o que
faço...

GERVÁSIO: Devagar com o andor que
o santo é de barro, diz o ditado.

FLORIPES: Ele tem muita esperança na
reforma. Tem certeza de que vai
ter um bom aumento, vai ser
promovido. A ocasião não é
muito propícia...

GERVÁSIO: A ocasião faz o ladrão. Pois
parece que ela se apresentou.
Nem que fosse encomendada!
Agora, acho que a coisa será
fácil. É aproveitar o momento
psicológico. A reforma saiu e ele
não foi promovido, e nem
aumentado...

FLORIPES: Será possível?!!

GERVÁSIO: Será, não. É. Consumatum
est. O melhor da festa é esperar
por ela. A coisa saiu e ele
continua na mesma. Na mesma,
não. Muito pior, porque muita
gente passou na frente dele.
Bem... Mal de muitos consolos é...
Ele não ficou sozinho. Toda a
classe dele foi prejudicada. Só
onde ele trabalha foram uns 15.
Fora os outros setores...

FLORIPES: Então, ele já sabe?

GERVÁSIO: Deve saber, com toda a
certeza.

FLORIPES: Sabe. Achei ele meio
transtornado quando me disse
que não viria jantar. Essa reunião
deve ser lá com o pessoal...

GERVÁSIO: É. Já foram se reunir para
tomar providências. Hão de
cavar alguma coisa! Cavar
nada! Aqui é assim: não dão
valor a quem tem valor. Ah! Se

fosse comigo! Deus dá nozes a quem não tem dentes. Eu no lugar do Guimarães estaria podre de rico. Eram dois golpes desses por ano!

FLORIPES: Mas foi uma enorme injustiça! Como puderam fazer isso? Guima disse que já estava tudo resolvido!

GERVÁSIO: Levaram ele no bico. Direitinho. Passaram ele para trás. Agora é malhar o ferro enquanto está quente. Hoje ele vem aqui tinindo. Com raiva de todo o mundo. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Tonight or never.

FLORIPES: O Guima é de muito boa fé. Por isso que fazem isso com ele.

GERVÁSIO: Pois agora acabou-se. Amor com amor se paga. Se fizeram a sujeira com ele... Quem rouba ladrão tem cem anos de perdão... Bem... O resto é com você. Você sabe o que faz. Conhece o marido que tem. Não vou ensinar Padre Nosso ao vigário. O momento psicológico está aí dando sopa. Não é que eu estivesse torcendo para o Guima ser prejudicado. Mas... Há males que vem para bem... Assim, ele aprende o caminho. Eles mesmos é que mostraram. Agora se agüentem. E não têm que agüentar nada. É tudo assim. Quem tem o seu vintém bebe logo. Não se aflija, que eles não aumentaram e nem melhoraram a classe do Guimarães, já pensando nisso. Eles sabem que a turma come mesmo. E comendo, não precisam, não reclamam.

Malandro não estrila...

DALVA: Mas o Guima nunca fez isso!

GERVÁSIO: Ah! Até que enfim você deu o ar de sua graça.

DALVA: Estive ouvindo. Vocês não me deram chance.

GERVÁSIO: Minha filha: a regra é a desonestidade. Essa é a verdade. Nós sabemos que o Guimarães é um sujeito batata. Que não está na gaveta de ninguém. Quem lida com ele sabe disso. Mas os de cima não sabem. Para eles, todos são iguais. E estão certos. O Guimarães é que está errado. Gente como o Guimarães, hoje não existe. Bem... Eu vou indo. É melhor que ele não me encontre aqui. O trabalho é vosso. Olhe que são três milhões; é um barbadão. Em menos de 15 dias o Guimarães estará com a mão na massa...

FLORIPES: E você não leva nada nisso?

GERVÁSIO: Pura camaradagem. É para servir o meu primo e também vocês. Vocês são daqui do peito. É justo que vocês tenham uma folga. Bem... Você entra com o jogo direitinho. É melhor deixar vocês operarem. Vocês são da família. Roupa suja lava-se em casa. O momento é ultra psicológico. Não vá entornar o caldo. Vá com diplomacia. Com cuspe e jeito... Bem... Esse, não. Esse é impróprio. Mas você já sabe, não é? Você também, Dalva. Ele é seu irmão. Gosta à bessa de você. Você ajuda...

DALVA: Eu não me meto nisso. Deixa a Floripes...

GERVÁSIO: Como não se mete nisso? Você também tem seu interesse,

ora bolas!

DALVA: Não gosto de interferir na vida dos outros.

GERVÁSIO: Isso não é interferir. Estamos pedindo apenas a sua colaboração...

FLORIPES: Deixa a Dalva. Ela parece que tem medo do irmão...

DALVA: Não. Não é medo. É respeito. Acho que é um assunto muito delicado esse de bulir com consciência...

FLORIPES: Consciência! Consciência! Isto é conversa! Onde é que está a consciência do pessoal que fez a reforma? Onde? A consciência está no estômago e não na cabeça. O homem trabalha dia e noite, todos os dias. Traz serviço para casa, todos os dias! Alguém reconheceu isso? Nada. Reconheceram nada. Ao contrário. Coice. Só deram coice! O idiota do Guima ficou para trás! Idiota mesmo. Pois agora é pagar na mesma moeda...

GERVÁSIO: Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Bem, minha gente: parece que estamos entendidos. Cíão. Amanhã vocês me contam o resto. A Dalva me conta. entra com jogo, Floripes. Deixa a Dalva, que é meio mole. É como o irmão. Quem sai aos seus não degenera. Cíão!

FLORIPES: Até amanhã, Gervásio. O pior é se a gaiata não sair. A gente ter todo este trabalho de convencer o cabeçudo do meu marido e no fim eles passam o bolo e não dão o dinheiro!

GERVÁSIO: Isto é comigo. Quando chegar na hora, é comigo. Manja aqui o papai. Já está tudo

pensado e combinado. Não tenha o menor receio. É macuco no embornal. Depende de vocês. Cíão!

(Gervásio sai, Dalva o acompanha, Floripes pega a revista. Instantes depois Dalva vem de volta.)

FLORIPES: Eu não sei porque esse camarada não casa você!

DALVA: Eu também não sei.

FLORIPES: Sujeito gozado ele! Fala do Guima! Fala de todo o mundo! Mas onde está o dinheiro dele? Ele devia ganhar muito dinheiro, com as teorias dele!

DALVA: O cargo dele é diferente do de Guima. Mas ele ganha muito dinheiro. Gasta. Gasta tudo.

FLORIPES: Mas não gasta com você. Pelo menos, que gastasse com você.

DALVA: E porque havia de gastar comigo?

FLORIPES: Então, gasta com outras?

DALVA: Acho que não. É desperdiçado. Gasta em besteiras. Joga. Perde um dinheirão nos cavalos. De vez em quando vou com ele às corridas. Vejo quanto ele perde.

FLORIPES: Você devia controlar...

DALVA: Eu não! O dinheiro é dele!

FLORIPES: A coisa está muito mole para ele. Você é que é boba...

DALVA: Cada qual sabe de si.

FLORIPES: Comigo a coisa fiava fino. Ele não é solteiro? Você não é solteira? Então, porque não se casam?

DALVA: E porque havia de casar? Ora essa? Eu não posso obrigá-lo a se casar comigo. Nem estou interessada.

FLORIPES: Nessa não caio.

DALVA: Não me interessa. acho que cada qual sabe onde lhe aperta o sapato... Que injustiça que fizeram com o Guima, heim?!

FLORIPES: Foi bem feito! Quem manda ele ser de boa fé?

DALVA: O que é que você queria que ele fizesse? Foi traído. Disseram que iria ser promovido e aumentado. aliás, ele tem direito.

FLORIPES: Está certo. Agora aprendeu. Ele não podia ter feito nada. Agora pode. Agora, ele sabe como são com ele. Vamos ver o que vai fazer.

DALVA: Com toda a certeza vai recorrer à justiça; ele e os demais colegas que foram prejudicados.

FLORIPES: Boa noite! E adianta? Leva anos e anos discutindo. Quando ganhar a questão, já está no Araçá. Se ganhar...

DALVA: Se tiver de ganhar, ganha. E no fim recebe toda a diferença...

FLORIPES: Vá esperando! E a mágoa? A mágoa da injustiça, quem é que paga? Não, ele tem de dar um jeito. Nem que seja por vingança. Mas deixa isso comigo. Só peço que você não me atrapalhe. Sua colaboração, sei que não vai adiantar. Você é mole como ele. Mas comigo, não. Eu não sou de apanhar e ficar quieta, não. Sujo por sujo, vamos ver quem sai ganhando. Você é testemunha de que, até agora, não forcei. Só pedi. Pedi só, sem grande empenho. Não quero transtornar ninguém. Não quero que digam que virei a cabeça de ninguém. Fiquei quieta, como sempre fico. Bico calado. Só apreciando. Esperando. Afinal de

contas, ele ia ser promovido; aumentado. Está certo. Vai ganhar bem, melhorar de posição. Está certo. Vamos agir direitinho. Bom por bom, ninguém é melhor que eu. Me fizeram sujeira, passaram ele para trás. Nem aumento, nem promoção e muito menos satisfação. Não. Essa, não! Agora, a coisa é comigo. Eu não tenho sangue de barata, não. Deixa ele vir aí, que eu vou dar o baile! Pode ser até que não precise. Pode ser que ele venha e diga logo: "Floripes, chama o Gervásio. Vamos resolver o negócio". Aí, vai ser ótimo! Mas ele é um tímido. Não tem peito para fazer o Gervásio casar. Então, eu entro. Porque não durmo de botina. Até agora fiquei calada. Esperei. Agora é minha vez.

DALVA: Bateu a porta do elevador. Deve ser ele.

(Floripes se cala. As duas ficam em expectativa. Barulho de porta. Entra Guimarães. Aspecto normal. Talvez com a fisionomia um pouco carregada. Nada mais. Entra calmamente. tira o paletó. Senta-se. Floripes ataca a conversa.)

FLORIPES: Como foi de reunião?

GUIMARÃES: Fui bem.

FLORIPES: Você jantou?

GUIMARÃES: Não.

FLORIPES: Não comeu nada?

GUIMARÃES: Não.

FLORIPES: Você não está com fome?

GUIMARÃES: Nem um pouco.

FLORIPES: Posso fazer qualquer coisa para você. Ovos fritos. Você não pode ficar sem comer. Vou ver dois ovos quentes. Ovos quentes,

um copo de leite, pão com manteiga e depois um cafezinho.

GUIMARÃES: Não, Floripes. Não precisa. Estou completamente sem apetite. Aceito um cafezinho.

FLORIPES: Guima, meu bem. Você precisa se alimentar. Vou ver um café e uns biscoitos. Um momentinho só. Você deve estar muito cansado. Aborrecimento também cansa muito a gente.

(Floripes sai.)

DALVA: Esqueceram mesmo de você na reforma? Totalmente?

(Guimarães confirma com a cabeça as duas perguntas.)

DALVA: Era de se esperar isso?

GUIMARÃES: Não. As informações eram positivas. Não posso imaginar o que houve. Ninguém, na reunião, soube explicar... Não havia razão... Motivo... Ainda não compreendo... Foi de fato, uma decepção. Nós todos ficamos perplexos. A princípio, poderia parecer um erro de impressão. Essas publicações oficiais muitas vezes saem com incorreções... Com omissões... Fomos ver, fomos consultar. Estava tudo certo. A classe toda foi preterida.

DALVA: É incrível que isso aconteça! E o que é que vocês vão fazer?

GUIMARÃES: Já resolvemos tudo. Vamos fazer uma representação ao Governo. Uma reclamação administrativa. Se não formos atendidos, entraremos com um mandato de segurança.

DALVA: Não vai demorar muito?

GUIMARÃES: Eu fui contra o administrativo. Por mim, entrávamos logo com o mandato de segurança. Assim não se

perderia tempo. Depois de muita discussão e de muito falatório, encontrou-se uma solução intermediária: se dentro de três semanas não atenderem o pedido, vamos ao judiciário.

DALVA: E na Justiça não demora muito?

GUIMARÃES: Mandato de segurança, não. É imediato e não há jeito de se perder.

DALVA: Foi uma injustiça muito grande. Acho até que foi uma desconsideração. Afinal de contas...

GUIMARÃES: Foi uma grande besteira deles, isso sim. Incapacidade... Incompetência. Nem sabem o que estão fazendo! Nós não vamos perder nada. Nem tempo. Porque vão pagar todos os atrasados. Perde a administração pública, porque um fato dessa tira todo o estímulo. A turma não gosta muito de trabalhar.

DALVA: Você gosta. Trabalha fora expediente. serviço extra sen ganhar nada.

(Entra Floripes com chinelos, para Guimarães. Floripes está muito solícita. Tira os sapatos de Guimarães e lhe calça os chinelos.)

FLORIPES: Eu sempre dizia para ele. Porque trabalhar fora de expediente? Eu sempre disse. Já pus a água no fogo. Vamos tomar um café fresquinho. Tem presunto lá, meu bem. Você não quer um sanduíche de presunto?

GUIMARÃES: Não. Café com biscoito... Está bem. Muito obrigado.

FLORIPES: Sujeira grossa fizeram com você, hein, Guima?!

GUIMARÃES: É.

FLORIPES: Não há de ser nada. Você agora pega a sua vingança. Que foi um desaforo, foi.

GUIMARÃES: No fim, dá tudo certo.

FLORIPES: E a raiva? Eu não posso com injustiças. Até faz mal para a gente. Essas injustiças é que acabam com a gente. A maioria dessa gente aí, que morre do coração, é por causa das injustiças. A pessoa já vive cansada de trabalhar muito, ainda sofre um desgosto, é o coração que paga. Bem, vou ver o café.

(Floripes pega o paletó e os sapatos de Guimarães e sai. Assim que ela sai, Dalva bate três vezes na madeira.)

GUIMARÃES: Que é isso?

DALVA: Nada. É uma cisma.

GUIMARÃES: O Gervásio andou por aqui?

DALVA: Foi ele que nos contou.

GUIMARÃES: Que é que ele acha?

DALVA: Como você. Ficou admirado. Ele não acredita muito no sucesso de suas reclamações.

GUIMARÃES: O que é que se há de fazer? O caminho é esse. É o único caminho indicado. Greve não é possível. Funcionário público não faz greve. Temos que ir pela justiça.

DALVA: E por que não vão pela política?

GUIMARÃES: Isso também já foi discutido. É impossível. É tudo do contra. Não tem um lá, que tenha pistolão seguro. As opiniões políticas na classe são muito divergentes. Quem vai pedir? E a quem?

DALVA: Vai ver que foi por isso que vocês não foram contemplados.

Por política.

GUIMARÃES: Não creio. O fato é que a reforma saiu e eu não fui promovido e nem aumentado. Isso é de amargar, hein?! E o pior é que não se sabe a razão. Francamente, é de deixar a gente desanimado. Palavra de honra. Eu senti uma decepção... Quando vieram me contar, não acreditei. Devia ser erro, omissão. Qual! Era verdade. A gente sente um vazio... Uma coisa assim... Sei lá. É amargura, é desilusão... Dá um desânimo na gente... Dá vontade que tudo acabe naquela hora. Então a gente trabalha, entra no serviço pontualmente todos os dias, anos...

DALVA: Você trabalha. você é dedicado, mas a maioria não é. Os justos pagam pelos pecadores.

GUIMARÃES: Isso não está certo. Deviam distinguir. Premiar os cumpridores do dever ou pelo menos castigar os faltosos. Assim, como fazem, iguala tudo... Por baixo. Quer dizer, ninguém mais se esforça... Se não há compensação?! O que é que adianta a gente trabalhar, trabalhar e no fim ser tratado como aqueles que não fazem nada? O negócio é igualar por baixo. Francamente, não adianta nada esconder. Eu sófri um grande desapontamento. Um grande desgosto. Uma grande mágoa.

(Entra Floripes com o café e biscoitos.)

FLORIPES: Pois é, meu bem. Essa mágoa, quem é que paga? Vamos que eles te paguem os

atrasados; vamos que você, um belo dia, ganhe esse tal mandato de segurança. A desconsideração... O desgosto que você passou, esse ninguém tira do seu coração. Não há dinheiro que pague. É uma ruga a mais no rosto. Um vinco a mais na testa. Uma mecha de cabelo branco e a gente vai envelhecendo mais depressa. Não, Guima. Meus avós nasceram na Calábria. Eu tenho sangue de calabresa nestas veias. Amor com amor se paga. Olho por olho, dente por dente. Só com vingança. Com desforra. É um prazer que compensa o desgosto.

GUIMARÃES: Mas que vingança a gente pode tomar num caso desses? Se o juiz conceder o mandato da segurança, já teremos plena satisfação. É um prazer termos nossos direitos reconhecidos na justiça.

FLORIPES: Um prazer, não. Um consolo. Uma reparação. Reconhecer nossos direitos não é vantagem nenhuma. É obrigação, ora essa! Está bom o café? Acho que agora você deveria descansar um pouco. Não falar mais nisso. Espairar as idéias. Quer ir a um cineminha comigo? Ainda dá tempo.

GUIMARÃES: Você veja: o salário está sempre atrasado sobre o custo da vida. O meu dinheiro só, não dá. E deveria dar. A regra geral seria o casal viver só com o dinheiro que ganha o marido. Se o homem trabalha, tem competência, cumpre suas

obrigações no emprego, teria que ganhar o suficiente para viver, ter mulher e filhos. A mulher cuidando da casa e dos filhos. Mas aqui, não. O nosso dinheiro dá, porque você trabalha e a Dalva também.

FLORIPES: Daqui a pouco, como vão as coisas, o que ganhamos juntos não vai dar mais e nós vivemos uma vida modestíssima. Daqui, só para a favela.

GUIMARÃES: É que o regime é amoral. É uma imoralidade não se poder viver com o fruto do próprio trabalho. Então, como é que vamos viver? Temos que roubar?

FLORIPES: É o que todo o mundo acaba fazendo. Você pensa que eles nasceram roubando? Não senhor! Todo o mundo entra no emprego com boas intenções. No funcionalismo também. Depois eles aprendem a dançar conforme a música. Mas passam a trabalhar o mínimo possível, para viver de outros bicos. Outros trabalham pela gratificação. Você veja esse pessoal que atende o público. Sem um dinheirinho por fora a coisa não vai. É que o ordenado não dá!

GUIMARÃES: Eu não acho que seja cem por cento assim. Há pessoas que são naturalmente boas e outras que não prestam. Quem é safado, é safado mesmo, com qualquer ordenado. Se ganham muito, querem ganhar mais. Há também os preguiçosos. Esses não fazem força, por natureza. Não adianta aumentar o ordenado.

FLORIPES: Há também os que trabalham como você. Dão duro,

conhecem o serviço, e não vão para a frente. Por quê?

GUIMARÃES: Não sei. O regime é imoral. É a regra do malandro não estrilar. Do desapertar para a esquerda. Mas enjoei, sabe? Enjoei. Depois dessa palhaçada, perdi a bossa por completo. Agora, eles não contem mais comigo. Chega já vi tudo. Não adianta nada.

FLORIPES: Ainda bem que você abriu os olhos. Eu sempre disse...

GUIMARÃES: Agora, não tem mais conversa. Trabalho só nas horas de expediente e olhe lá! Se o tempo der, melhor. Se não der, azar deles, eu é que não vou levar serviço para casa. Acabou-se. Agora, de noite é um cineminha, ouvir televisão, dormir. Trabalhar, não. Isso já está resolvido. Que ganhei trabalhando extra? Nada. Ao contrário. Enganaram-me. Preteriram-me. Está certo. Pois agora vou levar a coisa como eles. No mole.

FLORIPES: Ótimo! Isso mesmo! De hoje em diante você vai trabalhar para você. No seu próprio interesse.

DALVA: O Guima pode pegar bico, pode pegar outro emprego no período da manhã.

GUIMARÃES: Não sei o que possa fazer. Há anos que estou no funcionalismo. Não aprendi outra coisa. A gente mergulha a carcaça na repartição e é absorvido por ela.

DALVA: Você podia trabalhar em corretagem.

GUIMARÃES: Não dou para isso.

FLORIPES: Isso é bobagem. Não é na picareta que se ganha o dinheiro. Quem trabalha muito não tem tempo de ganhar o dinheiro. E isso é vida? Trabalha de manhã num serviço e de tarde noutro. Nem tem tempo de almoçar. É viver num corre-corre danado. Um ordenadinho aqui, outro lá. Isso adianta? Isso compensa?

GUIMARÃES: É. A Floripes tem razão.

FLORIPES: Claro que tenho, meu bem.

GUIMARÃES: Eu admito que um sujeito trabalhe quinze horas por dia, vamos dizer, durante cinco anos. Pra ficar rico. Agora, se matar no serviço para viver de ordenado, para ganhar um pouco mais, não é negócio.

FLORIPES: Naturalmente. O que o Guima tem quer fazer está na cara.

GUIMARÃES: Claro. Então eu sou idiota? Agora eu vou levar tudo na flauta. Em casa não trabalho mais. Durmo, leio, faço palavra cruzada...

FLORIPES: E se trabalhar, é para levar vantagem. Você sabe, Guima, foi bom ter acontecido isso. A injustiça veio na hora. Na hora H. Agora você sabe o que tem que fazer.

GUIMARÃES: Se sei! Vou terminar este serviço aqui e acabou-se. Este é o último serviço extra que eu vou fazer. Já está no fim. Paciência. Entrego. Amanhã ou depois entrego e basta.

FLORIPES: E agora a coisa está mais fácil. Não precisa fazer tantos cálculos.

(Dalva sai)

GUIMARÃES: As contas já estão feitas. É

só concluir.

FLORIPES: Pois é, meu bem: agora você também vai ter a sua satisfação. A sua primeira satisfação. Foi preciso levar na cabeça...

(Guimarães começa a arrumar os processos em cima da mesa e a máquina de somar, preparando-se para iniciar o seu trabalho. O diálogo prossegue.)

GUIMARÃES: Apanhando é que se aprende.

FLORIPES: É uma dupla satisfação: moral e material.

GUIMARÃES: Moral e material. É isso mesmo.

FLORIPES: Assim, nós vamos viver uma vida melhor; já não era sem tempo.

GUIMARÃES: Graças a Deus.

FLORIPES: E sua mulherzinha poderá andar mais bem vestida e você poderá ter o seu automóvel.

GUIMARÃES: Claro.

FLORIPES: Você quer que eu ajude você, meu bem? Quanto mais cedo você terminar isso, melhor. Eu acho que você deve ter cuidado ao entregar o relatório. Você deve falar antes com o Gervásio.

GUIMARÃES: Eu prometi a ele. Isso não tinha a menor importância.

FLORIPES: Ah, meu bem, eu estou tão satisfeita! Agora nós vamos viver. Viver bem. Antes, vegetávamos. Você, com o seu carrinho. Você precisa tirar carta. Carta de motorista.

GUIMARÃES: Tem tempo.

FLORIPES: Você entra na auto escola. É melhor entrar já. Sempre leva uns vinte dias aprendendo.

GUIMARÃES: Então! Temos tempo de

sobra. Agora, eu não vou fazer mesmo nada, de manhã. Até sair o mandato de segurança, receber os atrasados... Eu pretendo comprar o carro com os atrasados.

FLORIPES: Não precisa, meu bem.

Você pode comprar o carro com o dinheiro do Gervásio.

GUIMARÃES: Está maluca! Eu não! Não quero ficar devendo nada ao Gervásio.

FLORIPES: Que devendo o quê! Eles é que vão ficar ainda muito agradecidos.

GUIMARÃES: Eles quem?

FLORIPES: Os maquinistas.

GUIMARÃES: Coitados. Esses vão se estrepar direitinho. Que azar que eles tiveram! É como o soldado que morre de uma bala perdida depois do armistício. A guerra acabou e eles ainda estão morrendo. Por ignorância, porque a notícia demora um certo tempo para chegar. É azar.

FLORIPES: Não estou entendendo nada do que você está dizendo.

GUIMARÃES: Então. Eu sou o inimigo. A guerra acabou. Este meu relatório vai ser o último tiro. Azar deles.

FLORIPES: Não entendi mais nada. Quer dizer que...

GUIMARÃES: Confesso que não tenho nenhum prazer nisto. Perdi todo o entusiasmo.

FLORIPES: Como é que você vai concluir o relatório?

GUIMARÃES: Não tenho o que concluir. Os homens devem o imposto. É uma questão de máquina de somar.

FLORIPES: E os três milhões!? Você vai desistir dos três milhões?!

GUIMARÃES: Que três milhões?!

FLORIPES: Do Gervásio. Ele disse que se você concluísse pela não incidência do imposto, você ganharia três milhões do advogado dos maquinistas...

GUIMARÃES: Mas os maquinistas sonegaram o imposto...

FLORIPES: E que tem isso? Se não fosse você, ninguém saberia. Pois, agora você deixa tudo na mesma.

GUIMARÃES: Isso eu não posso fazer...

FLORIPES: E eles podiam te passar para trás, podiam? Não podiam, mas passaram. Agora, você desforra. Chegou sua ocasião. Não foi você quem começou. Quem deu o exemplo. Você não disse que ia levar as coisas no mole?

GUIMARÃES: Bem... no mole, é uma coisa. O que o Gervásio pretende são outros quinhentos cruzeiros. Isso eu não faço.

FLORIPES: É assim que você responde pela sujeira da reforma?

GUIMARÃES: Não. São duas coisas diferentes. Fui preterido: então, em compensação, não dou mais duro no serviço. Isso é uma coisa. O que o Gervásio quer é outra bem diferente. É crime... É desonesto. É porcaria e isso eu não faço...

FLORIPES: Não sei por quê.

GUIMARÃES: Eu sei e é o bastante. Esses negócios você não entende, Floripes. Você vê as coisas muito fáceis, onde elas são impossíveis.

FLORIPES: Ai meu Deus do céu! É de deixar a gente louca! Ia tão bem. Eu não entendo. Parece até castigo! Nossa Senhora de Fátima ma dai paciência para

convencer este burro...

GUIMARÃES: Burro, não. Apenas, honesto.

FLORIPES: Honesto! É muito fácil dizer! Honestidade à custa de quem? De mim. Que vivo nesta mixaria. Isso não é ser honesto. É ser egoísta. É orgulho. Orgulho idiota de quem não tem dinheiro.

GUIMARÃES: Você não pode se queixar. Temos vivido mais ou menos bem, até agora. Vida modesta, mas decente. Não devemos nada a ninguém O apartamento é quase nosso...

FLORIPES: E para que que eu quero esta porcaria?

GUIMARÃES: Você tem que se conformar. Ricos não somos e nem seremos. Nunca pensei em ser rico.

FLORIPES: Mas o dinheiro está aí. Na porta! Está querendo entrar e você não deixa.

GUIMARÃES: Esse é muito caro. A esse preço, não convém. Você não me compreende, Floripes?

FLORIPES: Quem é que pode compreender uma coisa dessas? Quem é você, para recusar três milhões de cruzeiros? Um pé rapado presunçoso. Cretino, que pensa que é melhor que os outros! Isso é de amargar! Só comigo é que acontece uma coisa dessas! É da gente ficar louca!! Três milhões de cruzeiros! Dez anos de ordenado! Trabalhando todos os dias! Será possível, meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Me dê uma inspiração.

GUIMARÃES: Não invoque Nossa Senhora para te ajudar. Dinheiro

ganho assim, não traz felicidade.

FLORIPES: Hum! Não traz felicidade! Só esta é que faltava agora! Dinheiro agora tem marca de fábrica! Dinheiro é dinheiro. Uma coisa só. Tudo igual. Venha de onde vier. Pergunte aí para os teus colegas que ganham menos da que você e que tem automóvel e que moram em bairro bom e que as mulheres luxam. Vai dizer pra eles que dinheiro não é bom.

(Entra Dalva.)

GUIMARÃES: Eu não tenho nada com a vida dos outros. Isso é lá com eles. Você está vendo, Dalva? A Floripes levou a sério aquela conversa do Gervásio. Dos três milhões do advogado dos maquinistas. O que é que você acha? Você acha que eu devia engolir aquela enorme sonegação e embolsar os três milhões de quem não conheço?

DALVA: Eu não acho nada.

GUIMARÃES: Como? Você não tem personalidade? Eu não sou seu irmão? Não temos o mesmo sobrenome? De sua opinião. Você acha que devo sujar as minhas mãos recebendo bola, só porque os outros recebem e porque fui desconsiderado?

DALVA: Bem. Acho que você tem razão. Dinheiro não traz felicidade.

FLORIPES: Dinheiro não traz felicidade, mas a vida é bem mais suportável com dinheiro.

DALVA: Meu irmão não seria feliz sentindo-se desonesto.

FLORIPES: Essa é muito boa! É de dar gargalhadas! Olhe só que vem

me falar em honestidade!

DALVA: Que é que tem? Pediram minha opinião, e dei! Não quero ofender ninguém e não admito que me ofendam.

FLORIPES: Você seria a última pessoa aqui a falar em honestidade.

DALVA: Não! Por que você me diz isso?

FLORIPES: Acho engraçado essas coisas! Até me irritam! E ainda pergunta? Essa eu digo! Não sou da falar por trás não. Digo e na cara. Comigo não há hipocrisia.

GUIMARÃES: Floripes!

FLORIPES: E você defendendo sua irmã! Você está de acordo com essa vida que ela leva? Você que tem a mania da honestidade, não devia consentir que sua mulher, sua família, vivesse aqui, com ela. Ela, que vive publicamente com um colega seu! Ela é moça solteira e vive de amigação! Está certo isso? Agora eu pergunto: - Está certo isso?

DALVA: Sou maior de idade. Tenho vinte e oito anos. Não tenho que dar satisfações de minha vida a ninguém. Não vivo à custa de ninguém. Se sou demais nesta casa é outro caso. A solução é fácil.

FLORIPES: Vai. Vai morar com o Gervásio. Aí completa tudo. Vocês, que são pela honestidade!

DALVA: Irei morar com quem quiser! Meu irmão não tem nada com isso! Você quer fazer dele um ladrão! Um venal. Isso é outra coisa! Honestidade é uma coisa. Imoralidade é outra.

FLORIPES: O Gervásio é um venal e você vive com ele! Está certo isso?

Me diga! Está certo? Não. Não. Isso é hipocrisia! E eu nesta miséria! A irmã faz o que quer e eu que agüente. Esta miséria de vida! E quando se apresenta uma oportunidade de sairmos do chiqueiro... Não... Porque é honesto... Porque não é venal, porque não sei o quê... Mas isso há de acabar. Eu aqui não fico mais. Eu fico louca!

(Floripes cai num pranto nervoso. Guimarães vai acudi-la. Faz apenas menção de movimentar-se em sua direção.)

FLORIPES: Não. Não venha cá. Estou farta! Chega! Não quero saber mais de vocês.
Vou embora. Chamem o Gervásio. Gervásio fica com ela. Eu me vou.

(Floripes sai da sala. Há uma pausa de estupefação.)

GUIMARÃES: Me desculpe, Dalva. Quem havia de esperar uma coisa dessas?!

DALVA: Um dia tinha que acontecer! Eu sabia. E a culpa é minha. Ela tem razão. Ela não é obrigada a viver comigo. Sou demais aqui.

GUIMARÃES: Mas você paga. Nós não estamos fazendo favor!

DALVA: É impossível. Eu tenho mesmo minha vida. Guima. O que ela disse é verdade.
Eu vivo com Gervásio.

GUIMARÃES: Ninguém tem nada com sua vida!

DALVA: Ela tem direito de reclamar...

GUIMARÃES: Ela está furiosa por outra coisa e você sabe bem o que é. O seu caso não lhe afeta. Ela disse isso na raiva. É desabafo. Você sabe como ela é nervosa.

Sofre dos nervos. É uma insatisfeita. E eu compreendo... Não teve filhos. A gente tem que dar desconto.

DALVA: Naturalmente. Eu compreendo, Guima. Não tenho raiva dela. Mas... É impossível eu continuar aqui. Tudo estava mesmo por um fio. A gente sente essa situação. É falsa. É quase uma situação imposta. Um dia vem o desabafo e sai tudo para fora...

GUIMARÃES: Se você sente-se mal aqui...

DALVA: Não é por você... Mas... sempre é um constrangimento.... Eu preferia morar aqui... É uma segurança... Uma situação... Como você já disse... Mas agora é impossível.

GUIMARÃES: Está bem. Você faça como quiser. De qualquer modo, você pode contar sempre com este seu irmão. Em qualquer circunstância. Eu não sou daqueles que apontam o dedo, não. Eu compreendo a vida.

(Entra Floripes com uns papéis na mão e enxugando as lágrimas, momento de surpresa e constrangimento.)

FLORIPES: Dalva. Você me desculpe, Dalva. Não fiz por mal. Eu gosto de você, Dalva. Foi nervoso. Eu me descontrolei... É um desespero.

DALVA: Não tem importância. Não se fala mais nisso.

FLORIPES: Você não precisa sair daqui, Dalva. Eu lhe peço que você não saia. Eu sei que você não precisa desta casa. Eu sei. Mas você nos faz companhia. A casa irá ficar muito triste sem você. É uma casa vazia sem crianças... (Chora.)

DALVA: Não se preocupe, Floripes.

Ninguém falou nada... Tudo continua na mesma... Tá!?... Agora se acalme... Que no fim tudo dá certo.

FLORIPES: Obrigada, Dalva. Não vá ficar com raiva de mim. Eu sou muito infeliz... Mas não há de ser nada. Agora eu lhe peço. Me deixe aqui um pouco sozinha com meu marido. Quero falar em particular com ele. Um momento só. Não é nada. Estou calma. O nervoso já passou. Você me desculpe, Guima. Fiz uma cena idiota. Estou com raiva de mim mesma.

DALVA: Está bem. Com licença. Se precisarem de mim...

(Sai. Pausa. Floripes se recompõe, pensa. Reflete bem, escolhendo como atacar o assunto. Afinal, resolve-se.)

FLORIPES: Guima: sou sua mulher. Há oito anos que sou casada com você. Não é?

(Guima confirma com a cabeça.)

FLORIPES: Se não lhe dei filhos, você sabe, a culpa não é minha. É a coisa que mais desejo ter... Um, dois... três, uma porção... Mas Deus não quis, e a gente também tem que se conformar com isso...

GUIMARÃES: Esse é um assunto superado. Não interessa mais falar sobre isso.

FLORIPES: Sempre fica no coração da gente. É uma mágoa que a gente não supera. Nem eu e nem você. Paciência. Vamos nos conformar. Bem... Mas fora disso... Eu tenho cumprido minha obrigação. Sou honesta. Você faz tanta questão de honestidade. Sou honesta. Sempre me comportei como sua

mulher. Nesse ponto você não pode ter a menor queixa...

GUIMARÃES: Mas, eu nunca me queixei...

FLORIPES: Eu sei. Você nunca se queixa de nada. Mas que eu sou honesta, sou. Nunca olhei para homem nenhum. Nunca criei dificuldades para você. Até trabalho. Trabalho, não é só para ajudar... Mas o trabalho ajuda a viver... A passar o tempo. E a gente ganha. Está certo? Eu estou mentindo?

GUIMARÃES: Não. Absolutamente. Mas... Para que você está se preocupando...

FLORIPES: Deixa eu falar. Eu preciso falar. Eu podia ser uma mulher sem-vergonha. Homem não falta por aí. Eu podia lhe enganar e você nem perceberia nada... Eu podia não ser econômica. Ser gastadeira. Fazer você gastar mais do que ganha... Viver em dificuldades... Não. Não faço nada disso. Controlo a casa. Você não tem a menor preocupação. O dinheiro dá. Eu faço o dinheiro dar. Tudo isso tem valor, não tem?

GUIMARÃES: Claro que tem. Tudo isso tem valor. Eu reconheço tudo isso, Floripes. Sou muito reconhecido. Talvez tenha sido um pouco ríspido...

FLORIPES: Não interessa. A gente é como é. Tenho meus defeitos...

GUIMARÃES: Você tem muito mais qualidades que defeitos.

FLORIPES: Então?! Nunca lhe pedi nada, Guimarães. Nunca!!! Não sou mulher de pedir. Você sabe disso muito bem. Agora eu vou

lhe pedir um favor. Um favor só. É preciso ser uma coisa que muito interessa, senão não estava aqui implorando. Se me reconhece direitos... Se eu tenho algum direito de pedir alguma coisa a você... Agora eu lhe peço. Está aqui. Está aqui. Foi o Gervásio que me deu. É um parecer de um advogado. De um grande advogado. De um professor da faculdade de Direito. Está aqui. Aqui está escrito e provado que os maquinistas nada devem. Você pode ter razão aí no seu relatório. Mas é uma questão de interpretação. Se tem um professor que diz, que escreve e assina, com toda a sua responsabilidade de professor, que o imposto não é devido... É uma questão de interpretação. Veja. Você tem costas quentes. Você não estará sozinho. Veja. Leia.

(Entrega o papel a Guimarães. Este o pega e passa os olhos por cima.)

GUIMARÃES: Esses pareceres não adiantam nada, Floripes. Você sabe como são feitos. Depois, eu não posso mudar de opinião. Minha opinião já é conhecida. Você tem o direito de pedir o que quiser, que esteja ao meu alcance. Isso que você quer é impossível!

FLORIPES: Você nem leu! Como é que pode saber?!

GUIMARÃES: Sei. Sei de sobra. Eles também sabem. Senão não estariam aí a me comprar.

FLORIPES: Guimarães: seja razoável, meu bem. Pensa um pouco. É tua mulher que te pede. É muito

importante, para a nossa vida. Você nem imagina! Mas eu sei. Eu estou vendo. É uma interpretação. Não tem a menor importância. Ninguém irá lhe querer mal por isso. Ao contrário, você facilita as coisas, ganha amigos. Ganha dinheiro e amigos. Não ganha inimigos. A vida fica mais fácil, mais alegre. Eu lhe peço, Guimarães, com toda humildade. Não é por orgulho. Eu me ajoelho. Eu peço de joelhos. Olhe. Estou me ajoelhando. Peço de joelhos. Como uma escrava que pede a sua libertação. Esse relatório é nossa libertação. Minha e sua também, Guima, meu bem. É um favor. Para mim. Para a sua mulherzinha. Tem gente que rouba, que mata pela sua mulher, não tem? Então Guima?

GUIMARÃES: Levante-se Floripes. Você perdeu completamente a capacidade de raciocinar. Você está obececada! Nunca pensei que o dinheiro lhe transtornasse tanto!! Eu compreendo que se roube, que se mata para matar a fome. Mas aqui ninguém está passando fome, Floripes. Vivemos bem. Melhor que oitenta por cento da população. A grande maioria vive pior que nós. É até um sacrilégio você tomar um atitude dessa, por causa de um infame dinheiro. Eu faço tudo por você, Floripes. Mas você não tem o direito de me pedir uma coisa dessas. Que adianta esse dinheiro? Não, Floripes. Você está me criando uma situação terrível, mas não pode ser. Eu não posso fazer isso.

FLORIPES: Está bem. Não insisto mais.

Assim você quer. Está bem. Mas não conte mais comigo. Não quero mais saber de você. Desse inferno! Nunca! Fique aí com seus relatórios, com sua honestidade... Fique aí. Seu burro! Seu cretino! Idiota! Imbecil! Mediocre! Há de ser um pé-rapado toda a vida. Pensa que vai ganhar o mandato de segurança? Pensa que vai receber os atrasados? Nunca. Nunca há de receber nada. Só coices. Você gosta de receber coices. Você é como cachorro: apanha e vai lamber a mão de quem bate. Pare de escrever isso aí. Vem me ouvindo. Seu burro! Burro! Tira isso daí! Essa porcaria! Vá trabalhar na repartição. Aqui não. Aqui é minha casa! Não quero!

(Nesse momento entrou Dalva. Floripes no auge do desespero, procura espalhar os papéis pelo chão, rasgá-los. Faz um espalhafato dos diabos. Por pouco não inutiliza os processos. Rasga tudo. Quase histeria. Dalva assiste à cena, estagnada. Guimarães é obrigado a agir prontamente e com energia. Agarra Floripes pelos pulsos, com certa violência. Não é seu feitio, mas necessário torna-se salvar todos os processos da destruição. Floripes grita, inteiramente fora de si.)

FLORIPES: Burro! Cretino! Pé-rapado!

Pé-rapado! Covarde!! Covarde!

(Ouve-se a voz de Dona Hermengarda pela janela, que estava aberta.)

VOZ DE HERMENGARDA: Hei! Olha a

Rádio Patrulha! Olha esse barulho

aí!! Eu chamo a Rádio Patrulha!

(Há um silêncio repentino. Floripes estaca, perplexa. Guimarães fecha repentinamente a janela. A mulher

dando acordo de sua atitude, corre para dentro. Pausa. Perplexidade. Guimarães, com muita calma, começa a ordenar os papéis novamente. Cata as folhas esparsas pelo chão. Dalva o ajuda. Cena silenciosa. Os dois se entendem. Há folhas esparsas, folhas rasgadas e folhas amassadas. Em dado momento Dalva mostra dois pedaços de folha, consultando Guimarães. Este passa os olhos pelos dois pedaços e os guarda, recebendo-os de Dalva. A cena muda é um tanto longa. Um minuto e meio mais ou menos. Depois de coordenados os papéis, Guimarães senta-se na poltrona, muito mais desanimado que cansado.)

GUIMARÃES: Que coisa, hein?! Você podia pensar numa coisa destas?! Você viu o problema?! Vai ser por toda vida! (Pausa.) Bom. Paciência. Vamos ver.

DALVA: Saia um pouco, Guima. Vá se espairecer.

GUIMARÃES: Eu não! Ela é capaz de vir aqui e me queimar tudo isso. Ela ficou louca! Você já viu uma coisa destas?!

DALVA: Eu saio com você, Guima. Vamos a um cineminha. Isso passa. Tudo passa. No fim dá tudo certo.

GUIMARÃES: Não é bem isso. A gente se acostuma com tudo. Se conforma com tudo. E parece que deu tudo certo. Mas é uma mentira.

DALVA: Você viu que eu não posso mais continuar aqui, não é?

GUIMARÃES: Não há nada com você, Dalva. Posso lhe garantir que não há nada com você.

DALVA: Mas não convém, você não acha?

GUIMARÃES: Bem. Você não tem nenhuma necessidade de agüentar este ambiente. De passar pelo que eu passo. Eu sei. Não quero prender você comigo. Nunca. Acho que você deve sair. Para seu bem. Há coisas que não tem mais conserto. Mas não saia já. Assim, de repente. Por uma questão de situação. Não vá pedir nada ao Gervásio. Dentro de uma semana, você se compõe com uma amiga, uma colega, e vai morar com ela num apartamento de sociedade. Ou numa pensão. Onde queira. Mas não dê parte de fraca ao Gervásio. Com ele, você tem que se impor, senão estará perdida. Gervásio pode saber que você gosta dele. Que você o ama. Mas não deve sentir que você necessita dele economicamente. Nem você necessita. E se precisar, eu ajudo. Hei de lhe ajudar. Você deve sempre guardar a esperança de se casar. Não que eu reprove a sua vida. Não aprovo e nem reprovo. Compreendo. Não discuto. Nem quero saber. Sei que você é uma moça direita. Mas casar, sempre é melhor.

DALVA: Um dia ainda hei de lhe contar toda a minha vida. Há de me fazer bem.

GUIMARÃES: Está bem. Está bem. Não quero saber de sua vida. Não que não me interesse por ela. Está claro que me interessa. Não para julgar ou condenar. Mas para aconselhar. Encaminhar, se adiantar alguma coisa. A experiência dos outros não

adianta nada. A gente aprende à própria custa. É sempre assim. Também... Eu não tenho experiência alguma. Fui sempre um menino besta... Sem mocidade alguma. Casei-me... Nem sei porquê... Porque gostava. Sim, eu gostava de Floripes. Não era nada de extraordinário. Nada em mim é extraordinário. Vai ver que você tem mais experiência que eu. Engraçado! E eu aqui a dar conselhos! Enfim. Uma coisa é certa. Não se entregue, Dalva. Não cave sua ruína. Defenda-se. Arranje uma companheira de apartamento. De quarto. Defenda-se.

DALVA: Muito obrigada, Guima. Eu vou dar um jeito. Floripes não tem importância. Tudo se acomoda. Compreendo bem o que você quer dizer. Vou agir com calma. Também sair daqui não é sangria desatada. Quem viveu tantos anos aqui, pode esperar mais uma semana. Vou conversar com a Inês. Ela, uma vez, me convidou para morarmos juntas, de sociedade. Vou falar com ela. Muito obrigada, meu irmão. Boa noite. Se for possível, uma boa noite depois de tudo isso.

(Guimarães levanta-se e vai arrumar a mesa para o seu trabalho. Coloca a máquina de calcular a seu alcance na mesa e começa a dispor da papelada.)

DALVA: Não trabalhe mais. Descanse. Afinal de contas... Não é pelo dinheiro que o Gervásio lhe ofereceu... Mas será que esse trabalho valerá todo o sacrifício?

GUIMARÃES: Não sei. Nem quero

pensar. É um perigo, pensar. Se pensar muito, acabo cedendo. Sou capaz de me vender, por uma situação cômoda. Não. É melhor eu terminar de uma vez. Entregar e... pronto. E agüentar o baque.

DALVA: Você sabe o que deve fazer.

Boa noite. Obrigada. Deixe eu beijar você, Guima. Nós nunca fomos afetuosos. Somos secos, ríspidos por natureza. Você precisa de carinho, Guima.

(Dalva beija e acaricia o irmão.)

DALVA: Boa noite. Trabalhe bem. (Sai.)

(Guima se prepara para o trabalho. Já está refeito da briga. Aliás, a cena de Floripes não o transtornou muito. Guima é um forte. Ajeitou a máquina. Colheu uns papéis. Apagou a luz central. Efeito de luz sobre Guimarães, trabalhando à mesa. Surge Floripes com uma mala na mão. Floripes atravessa a sala, lentamente, em silêncio. Vê-se claramente, que abandona o lar. Quase que desafiando o marido. Este, suspende o olhar do trabalho, fita a mulher, com tristeza. Acompanha o seu trajeto, sem dizer palavra, sem um gesto, sem um sinal de contrariedade, plácido, triste, porém, calmo, quase tranqüilo. Floripes sai. Guima, quase que automaticamente faz a máquina de cálculo funcionar e mergulha no serviço. No malfadado serviço, enquanto o pano se fecha lentamente.)

PANO

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(O mesmo cenário, três semanas

depois .Hora do jantar. Guimarães e Dalva estão à mesa, em final de jantar servidos por Edwiges. Guimarães abre uma garrafa de champanhe. Cena silenciosa, cujo silêncio é rompido pelo estouro do champanhe. Guimarães serve a bebida. Levanta-se, com o copo na mão, como quem vai fazer um discurso. Sente-se que está ligeiramente tocado pelo álcool.)

GUIMARÃES: Dalva... Minha irmã. Mais que irmã... Minha amiga.

Festejamos hoje o seu aniversário.

Aniversário triste. Faltam duas

pessoas nesta mesa: Floripes e

Gervásio. A ausência de minha

mulher é problema meu. A de

Gervásio é uma imposição sua. É

a sua greve em prol do

casamento. Há três semanas que

vivemos sós nesta casa. Neste

solar da mediocridade. Levanto a

minha taça... Taça não... Copo...

Para beber à saúde, neste seu

melancólico natalício, fazendo

votos que você vença a sua

greve e que Gervásio se case

com você, dando-lhe uma

situação jurídica e moral, a que

você tem direito por todos os

títulos. Amém e tenho dito.

(Tomam os copos e bebem. Há uma pausa.)

DALVA: Guima: eu rompi com

Gervásio. Eu exigi o casamento.

Eu disse a ele que se não quisesse

se casar comigo, não me

procurasse mais. Ele me tem

procurado e eu não tenho

recebido...

GUIMARÃES: Este champanhe que

estamos bebendo e a sobremesa

que comemos foram presente

dele.

DALVA: Pois é. Mas não saí mais com ele. Agora vou te contar uma coisa, não está certo o que você disse. Eu não tenho direito. Nenhum direito. A greve que estou fazendo é uma chantagem.

GUIMARÃES: Não sei porquê. Toda moça tem direito ao casamento.

DALVA: Não. meu irmão. Quero que você saiba que Gervásio não tem a menor responsabilidade. Ele... Ele não foi o primeiro. Não posso me queixar dele. É um bom companheiro. Sei que ele gosta de mim. Nós nos amamos. Eu tenho certeza.

GUIMARÃES: Então, porque ele não se casa com você, ora essa?! Nada impede.

DALVA: Foi o que eu pensei. Por isso fiz a greve. Se ele gosta de mim, tem que se casar comigo. Foi assim que eu pensei. Foi uma chantagem.

GUIMARÃES: Não sei porquê.

DALVA: Eu sou moça estragada, como vocês dizem. Não tenho direito. Só se ele quiser casar. Se ele tiver vontade de se casar, para construir família. Mas quem é que vai construir família com uma moça estragada?

GUIMARÃES: Você está completamente errada e complexada com esse negócio de...

DALVA: Negócio de quê? Diga. Você não tem jeito, não é? Você está vendo? Negócio de virgindade. Pela nossa lei, pelos nossos costumes, a moça deve ser virgem.

GUIMARÃES: Há muita moça virgem que não vale nada e muita mulher como você que dava

ótima esposa e mãe.

DALVA: Pode ser. Mas aqui, de acordo com as nossas leis, o homem que se casa fica preso à mulher durante toda a vida. Aqui não há o divórcio. O homem fica marcado, vinculado. Há também a questão econômica: o homem é obrigado a sustentar a mulher durante toda vida. Mesmo depois de separado. Por que tudo isso? Porque ele tirou uma moça virgem da casa dos pais. Porque essa moça, depois, não tem mais chance de se casar. A lei foi toda feita nesse sentido.

GUIMARÃES: Num sentido mais econômico do que moral. Mas tudo isso evoluiu.

DALVA: A lei continua a mesma. O Código não foi alterado. Modernizou-se. A coisa hoje não é mais assim.

GUIMARÃES: A lei devia ser diferente.

DALVA: Pois é. Eu também acho. Mas não é. O que é que você quer que a gente faça? Eu acho que a lei devia variar conforme o caso. Por exemplo: Com mocinhas saídas da casa da família, virgens... O casamento como está na lei. Com todas as responsabilidades. Com as moças estragadas como eu, casamento com direito a divórcio. Assim é que seria justo. Por isso é que é bom esse casamento que não vale nada. Esses casamentos de pessoas desquitadas. No México. É uma forma de resolver uma situação...

GUIMARÃES: Sem responsabilidades irremediáveis. Quer dizer: o marido tem responsabilidade

moral de sustentar a mulher. Mas não fica vinculado a ela por toda vida...

DALVA: Tudo isso é muito complicado. Mas não é justo.

GUIMARÃES: O justo é quem se gosta, se casa. Podendo se casar, é claro. E o Gervásio e você nem podem casar.

DALVA: Eu só queria que o Gervásio chegasse pra mim e dissesse: está bem, Dalva. Você fez chantagem comigo. Mas eu não posso viver sem você. Vamos nos casar. Eu juro, Guimarães: estava tudo salvo. Eu não me casaria com ele. Iria viver com ele. Continuava assim, vivendo com ele, ou morando juntos, ou separados, não tem importância. Mas eu queria que ele capitulasse.

GUIMARÃES: E filhos? Você não gostaria de ter filhos?

DALVA: Ah! Isso é outro caso. Então, eu me casaria. Tenho certeza de que Gervásio casaria. Mas, não quero assim. Gervásio deve querer casar-se comigo, por mim mesma. E não para legitimar o filho. Você me compreende?

GUIMARÃES: Como não? Está tudo tão claro! Agora vamos beber pelo seu casamento e pelo seu futuro filho.

(Guimarães enche novamente os dois copos. Os dois brindam e bebem.)

GUIMARÃES: Filhos... O problema é filhos... Ter filhos. É o caso da Floripes. É frustração. Ela não era tanto assim. Foi ficando. Com o tempo. Mas olha aqui. Já resolvi. Antes tarde do que nunca. Está vendo isso aqui? É uma consulta. Mil cruzeiros. No ginecologista. Só

daqui a semana. Puxa vida! Como ganham esses médicos! A turma faz fila, a mil cruzeiros por cabeça! Mas vale a pena. Eu vou acabar com esta alegria. Com esta folga. Vou buscar o meu tormento. Vou tratar dela. Vamos ter um herdeiro.

EDWIGES: Deixa estar que dona Floripes, numa gravidez, deve ser de amargar.

(Edwiges serve o café.)

GUIMARÃES: Nem é bom pensar. Mas vou agüentar a mão. Coitada da Floripes. Gênio mau. Como é que vai viver sem mim? Sozinha, ela não pode. Os pais não agüentam. Nem sei como suportaram tanto tempo. Três semanas. Ela encrensa logo na casa dela. Só quem agüenta aquele gênio sou eu mesmo. Ela sabe disso. Tenho a certeza de que ela voltará. Mas não vou esperar mais, não. É egoísmo. Não vou fazer ela quebrar o orgulho. Amanhã mesmo vou buscá-la. E eu gosto de tudo no seu lugar. A situação assim desgovernada não me agrada. Não está caminhando bem. Afinal de contas, quem está com a razão? Ela ou eu?

DALVA: Nós dois com os nossos problemas, hein?!

GUIMARÃES: E o pior não é isso. É um nunca acabar de problemas. Resolve-se um, aparece outro. Você não se casa com o Gervásio. Pronto. Acabou-se. Resolveu o problema da felicidade?

DALVA: Não. Não é assim. Nesta vida a gente luta para ser o menos infeliz

possível. Acho que nós estamos muito pessimistas, e que não é próprio para um dia de aniversário. E agora tenho que sair. Barriga cheia, companhia desfeita, como diria o bandido do Gervásio. Tenho que dar o fora porque ele pode aparecer aqui.

GUIMARÃES: Você tem medo dele no seu próprio reduto?

DALVA: Tenho sim. Se me encontrar com ele hoje, sou capaz de capitular. E por isso vou ao cinema. Já devo estar atrasada. Marquei encontro com a Inês, às oito horas na porta do cinema. Venha comigo, Guima. Vamos espalhar um pouco. Não é bom a gente ficar aqui, ruminando amarguras.

GUIMARÃES: Não. Não vou ao cinema. Não gosto de ir ao cinema sem Florípes. Engraçado... Ela briga desde a escolha da fita. Implica. Eu quero uma e ela logo escolhe outra. Encrensa no ônibus. Fala no cinema. Comenta alto. Dá alteração. A turma olha duro. Nada de lugar. Quando a fita é policial, então, é um desespero. Não entende nada. Quer que eu explique. Me aperta o braço. Dá gritos... O engraçado é que me acostumei com tudo isso. Sinto falta. No cinema, sinto falta. Nem vejo a fita até o fim. A natureza humana é gozada, não?

DALVA: Isso é vocação para faquir.

GUIMARÃES: Nem tanto. O negócio também é recíproco, Porque eu sou um chato, hein? Chato de galocha! Eu tenho me analisado ultimamente e cheguei a

conclusão de que sou um grande chato. O Gervásio é um camarada divertido. É exuberante, Exagerado. Gosta de movimento. Se agita. Vibra. E eu? Eu sou uma múmia. Pensando bem, ela também precisa ter estômago para me aturar.

DALVA: Quer dizer que a vida é isso? É um aturar o outro?

GUIMARÃES: Eu acho que é. Não sei. O problema é viver. A gente vai vivendo. O tempo vai passando e a gente vai se acomodando. Desgraçado daquele que reage. Que não se acomoda. E no fim, como aquele sábio da história universal: eles nasceram, sofreram e morreram.

DALVA: Belíssimo panorama! E para que vou casar. Então? Para que você quer um filho?

GUIMARÃES: Faz parte do programa. É a rotina melancólica da vida.
(Dalva prepara-se para sair.)

DALVA: Até logo, meu irmão.

GUIMARÃES: Não quer beber mais um pouquinho?

DALVA: Não. E você tenha juízo. Não vá beber demais.

GUIMARÃES: Já ando cansado de ter juízo.

(Guimarães despeja champanhe no seu copo e bebe.)

DALVA: Está certo. Vou ao cinema. Só quero te dizer uma coisa. Vou agüentar esta greve mais uma semana. Se o Gervásio não se render, quem vai capitular sou eu.

GUIMARÃES: Seria a primeira greve fracassada na história das greves nesta terra.

DALVA: Paciência. Mas vai ser assim. Só mais uma semana. Cião!

(Dalva beija o irmão no rosto e sai. Guimarães, só com seus pensamentos, tira o paletô, a gravata, abre a janela que dá para a área interna do edifício, senta-se na poltrona e acende o seu cigarro, Edwiges entra e sai da sala, tirando a mesa.)

EDWIGES: Boa moça. Muito boa moça e foi gostar do seu Gervásio. Aquele cavalão de homem! E ele fazendo luxo para casar! Tomara ele pegar uma esposa como a Dona Dalva!

GUIMARÃES: Pois é. Os dois vão se casar, você vai ver.

EDWIGES: Não sei, não. Os homens andam muito ariscos. Está tudo virado hoje em dia. Ninguém quer falar em casamento. Eu acho que é porque tem muita mulher sobrando por aí. O senhor veja o meu caso, seu Guima: até aquela peste do Benedito...

GUIMARÃES: Você não é casada com o Dito, Edwiges?

EDWIGES: Casada, não senhor. Amancebada, sim senhor. Eu vivo maritalmente com ele, há quatro anos. Também não carece de casar. Agora nem tem mais graça.

GUIMARÃES: Mas você não gostaria de ter uma situação definida? De ter certidão de casamento?

EDWIGES: Isso não adianta nada. A gente apanha do homem, com certidão ou sem certidão. O senhor veja aí a vizinha, Dona Hermengarda. Ela é casada no civil e no religioso...

GUIMARÃES: Continuam brigando?

EDWIGES: E não. Uma ou duas vezes por semana eles dão o show.

GUIMARÃES: Dizem que ele bate

porque ela não lhe é fiel.

EDWIGES: Isso é conversa, patrão. Ele bate porque ele é de bater. Tem uns que são de bater e outros que não. E o Dito? Também não bate em mim? E eu não passo ele pra traz, não senhor. Eu sou pessoa séria. De respeito. Também não levo desaforo para casa, não. Medo de homem eu não tenho.

GUIMARÃES: Isso é uma questão de educação. Com gente bem educada, não há dessas coisas.

EDWIGES: Ora, seu Guimarães, deixe disso. Eu já fui empregada em casa de gente rica. De gente granfina que mora no Jardim América. E vi o pau comer muitas vezes. E minhas colegas também sabem disso.

GUIMARÃES: Eu falei: com gente bem educada e não com gente rica. Uma pessoa pode ser muito rica, morar no Jardim América, ter automóvel e tudo e não ter educação. E outra pode ser pobre e ser bem educada.

EDWIGES: É mais difícil. É mais fácil rico ser bem educado do que pobre. Dinheiro ajuda muito. Mas esse negócio de bater é questão de sentimento. Às vezes, a gente bate porque gosta. Outras vezes, porque não gosta. O que há é muita sem-vergonhice por aí.

GUIMARÃES: É. Talvez você tenha razão.

(Guimarães levanta e vai servir-se de champanhe.)

EDWIGES: O senhor devia era sair um pouco. Ir a um cinema. Passear com os amigos. Assim o senhor acaba neurastênico. Nem

aproveitou as férias.

GUIMARÃES: Que férias?

EDWIGES: As férias conjugais. Dona Floripes lhe deu folga, o senhor não aproveitou.

GUIMARÃES: E as férias vão terminar, porque amanhã mesmo irei buscá-la.

EDWIGES: Ah, patrão! Espera mais uma semana, para completar um mês.

GUIMARÃES: Não, Edwiges. Essa separação já durou muito tempo. Durou demais para o meu gosto. Ou a gente é ou não é. Ou bem eu me separo ou então continuo casado. Cem por cento, de um lado, ou cem por cento do outro.

EDWIGES: Tá bom. O senhor sabe o que faz. Por mim, eu esperava mais um pouco. Mas eu sou uma errada. Não dou palpite.

(Edwiges sai. Toque de campainha. Volta Edwiges resmungando.)

EDWIGES: Quem será? Que já vem encher a gente? Estou vendo que não saio cedo hoje!

(Edwiges vai atender a porta. Barulho de vozes no vestibulo.)

VOZ DE GERVÁSIO: Boa noite, moça. O patrão está aí?

VOZ DE EDWIGES: Está, sim senhor.

VOZ DE GERVÁSIO: Já acabaram de jantar?

VOZ DE EDWIGES: Já, sim senhor. Dona Dalva saiu. Foi para o cinema. Seu Guimarães está em casa. Esse é como caranguejo. Não larga a casca.

(Os dois entram na sala.)

GERVÁSIO: Boa noite, meu velho.

GUIMARÃES: Boa noite, Gervásio. Muito obrigado pela lembrança. A sobremesa estava muito boa, e este champanhe está ótimo. Quer

provar um pouco?

GERVÁSIO: Quem dá e toma fica corcunda.

GUIMARÃES: Eu estou oferecendo. Vamos beber à saúde dos ausentes, mas que estão presentes no nosso coração.

GERVÁSIO: Então, que vá!
(Guimarães serve a bebida, os dois, de pé, brindam e bebem silenciosamente.)

GERVÁSIO: Bom champanhe. É quase tão bom quanto o estrangeiro. Mas nós chegaremos lá. É uma questão de tempo. Fuma um charuto? Puro baiano.

GUIMARÃES: Espere o café. Edwiges, traz um cafezinho pra gente.

GERVÁSIO: Está bom. Então vamos esperar pela rubiácea.

(Pequena pausa.)

GERVÁSIO: E não, a Dalva saiu. Foi ao cinema. Nem esperou pela gente. No dia de seu aniversário. E eu tenho novidades para contar. Duas grande novidades. E trouxe também um presentinho para aquela ingrata. Aqui está, neste embrulhinho. Não veio numa caixa em condições, porque eu comprei no contrabando. Mas que é legítimo, é. De primeira qualidade. O que vale é o conteúdo, e não o rótulo. Está aqui. Manja só que beleza!

(Gervásio abre o embrulho e mostra um colar de pérolas de três voltas que Guimarães examina.)

GUIMARÃES: Muito bonito. Mas isto deve ser um presente muito caro, mesmo no contrabando. Aqui vai pelo menos um mês de ordenado!

GERVÁSIO: Bote coisa nisso, velho. Dois

meses de ordenado! E isso porque eu sei comprar. Para qualquer trouxa seria muito mais.

GUIMARÃES: Quer dizer que você anda de caixa alta?

GERVÁSIO: Graças a você. Eu disse, meu velho: você vai preparar o prato para os outros comerem. Foi o que aconteceu.

GUIMARÃES: É. Eu soube. Todo o mundo já soube. Atenderam a representação do sindicato dos beneficiadores. E arquivaram a autuação, tudo. Que me importa? Melhor assim. Vamos beber a saúde do seu primo. O advogado dos beneficiadores, pela vitória que teve.

GERVÁSIO: Vitória?! A vitória foi minha! Estava na cara. Eu disse. Cantei a bola direitinho. Você não topou. Foi melhor para mim.

GUIMARÃES: Melhor, por quê?

GERVÁSIO: Bem. Vou te contar. Antes, vamos virar mais um copo. In vino Veritas. Hoje vamos sair do sério. Eu e você vamos encher o caneco. (Servem e bebem vinho.) Saúde! Eu menti quando disse a você que não estava levando nada. Menti. Você sabe, o segredo é a alma do negócio. E eu sou safado mesmo. Não com os amigos. Com os amigos sou batata. Amicus certus in re incerta. Mas negócio é negócio e ninguém precisa saber com quantos paus se faz uma canoa. A bolada era de cinco milhões. Os homens entravam mesmo era com cinco milhões. Eu dava três a você e engavetava dois. Você não quis. Eu tinha que me virar. São Paulo não pode parar. Então

trabalhei o chefe. Eu disse a você. Você jogou fora a pepineira. Jogou pela janela e o chefe estava lá em baixo para pegar. Mas eu não fui besta. Meti a conversa no chefe. Não deu trabalho: nem foi preciso muito rodeio. Foi barbada. Só que inverti o programa. Dois milhões para ele e três para mim. E dito e feito. O homem achou que você era uma besta. Um exagerado. Que não conhecia direito fiscal. Achou que eu é que era um crânio. Baseou-se no parecer do jurista e pronto. Dois milhões para lá e três para cá. Está bem?

GUIMARÃES: É todo mundo na repartição já soube do fato. Só se comenta isso. Que eu não topei; que eu recusei milhões e que o chefe entrou na bola.

GERVÁSIO: Quer dizer que você está de herói?

GUIMARÃES: Herói?! O contrário. Olham-me como um idiota. Como um louco. Ou como um cretino, pretensioso. Passei a ser uma figura incômoda na repartição. O chefe, com culpa no cartório, trata bem todo mundo. Releva falta. Aquilo está uma bagunça! A turma toda tem medo de mim. Me olham com reservas. Não tenho mais serviço. O ambiente lá, para o meu lado, está muito desagradável!

GERVÁSIO: Mas, como foram saber? Foi tudo entre quatro paredes!

GUIMARÃES: Deve ter sido a Floripes. Você sabe como ela fala.

GERVÁSIO: E um assunto desses! Não tem importância. O que está feito, está feito. E a gaita já entrou. É o

principal. O que desceu pelo esôfago e caiu no estômago eu não vomito mais.

GUIMARÃES: Não sei como o chefe acomoda sua consciência. Afinal de contas, ele é um chefe... Como é que ele se organiza?... A disciplina... Moral...

GERVÁSIO: O corcunda sabe como se deita. Essa é a grande verdade. O corcunda sabe como se deita. Você vai ver que ele se ajeita muito bem. Dois milhões, meu velho, resolve muitos problemas.

GUIMARÃES: E três, ainda mais, não é, doutor Gervásio? Você sabe, Gervásio. Perdemos a representação. Você se lembra? Pois, não deram bola. Um parecer de lá, uma informação de cá e um indeferimento em seco. Nem houve fundamentação. Nem considerando nada. Um despacho em seco: "Não assiste razão aos petionários" "Indefiro a representação de folhas ". Quatro linhas. Escrevemos 16 laudas e, em quatro linhas foi tudo por água a baixo. Tenho a impressão exata de que houve desconsideração. A classe não se impõe, por causa dessas coisas.

GERVÁSIO: Isso é uma injustiça. Pouca gente pode atirar a primeira pedra. Até me revolta, sabe? Mas vocês não vão entrar com o mandato de segurança? Vocês querem ir no mole?! Toca um mandato de segurança na cabeça deles e acabam com essa conversa! Ora bolas! O que é que estão pensando?

GUIMARÃES: Era o que havia resolvido, naquela região. Mandato de

segurança. Aliás, eu queria entrar imediatamente com a ação judicial. Agora ninguém mais quer entrar com mandato, está bem?! Ninguém! Dizem que é melhor deixar, É melhor não procurar encrenca. Que o aumento sai mesmo. Você está vendo? É um pessoal de amargar!

GERVÁSIO: Malandro não estrila; desaperta para a esquerda. Eles resolvem o problemas pela laterais. Qual é o deles? Eu disse a você. Você estava com a faca e o queijo na mão. Agora...

GUIMARÃES: Eu vou entrar com o mandato de segurança. Eu vou. Sozinho. É direito meu, Ora essa! Eles que se danem!

GERVÁSIO: É um direito que lhe assiste. E ganha. Não há dúvida. E aproveita a todos. É sempre assim.

GUIMARÃES: Paciência. Eu vou entrar com mandato. Não tenho nada com a desonestidade deles. Não tenho rabo de palha.

GERVÁSIO: Eles são umas bestas! Poltrões, para não dizer outro nome. Não tem classe! Estão passando o recibo. Foram preteridos porque são ladrões, porque são safados. Porque pegam tudo. E passam o recibo. Ficam quietos. Não reagem. Falta de classe! Comigo não tinha conversa. Continuava roubando e estrilava. E abria a boca e cantava de galo. Comigo não. Enquanto eles vão com o milho, eu já volto com o fubá. Ninguém pode apontar o dedo para ninguém.

(Entra Edwiges com o café. Os dois tomam o café em silêncio.)

GERVÁSIO: Ótimo café! Excelente!
Dona Edwiges está de parabéns.
E cá estão 200 mangos para
minorar os seus males (E Gervásio
tira do bolso uma carteira
recheada de notas e dá o
dinheiro à criada.)

EDWIGES: Muito obrigada, doutor
Gervásio.

GERVÁSIO: Você está vendo, colega?
A força do dinheiro? Já fui
promovido. Dinheiro põe até Dr.
na frente do nome da gente.
Dinheiro dá até diploma.

GUIMARÃES: Ser doutor não é
documento. Eu conheço uma
família... São quatro irmãos. Três
formados. Dr. José, Dr. Edgar, Dr.
Valêncio. Tudo pronto, vivendo de
ordenado. O Geraldo não se
formou. Está rico. O filho do Dr.
José dizia: quando crescer quero
ser seu: Seu José.

GERVÁSIO: E não deixa de ter suas
razões.

GUIMARÃES: Eu não sei se estou certo
ou errado. Penso diferente da
maioria. Puxei pelo meu pai. Não
há nada que pague o direito de
estriolo. O indivíduo muito rico, o
grande industrial, o tubarão, tem
muitas responsabilidades a zelar...

GERVÁSIO: Tomar conta de dinheiro
também dá muito trabalho.

GUIMARÃES: É isso mesmo. Você sabe,
o rico é ambicioso; quanto mais,
melhor. Tem patrimônio a
defender. Posição para sustentar.
Então vivem na dependência de
muita gente. Tem que agradar e
engolir milhares de pessoas.
Gente do governo. Políticos. Café
Society. Até cronista social! O
diabo! Vivem sorrindo amarelo. E

com dinheiro, hein! Eu não. Não
tenho nada, mas nada devo. E
não abaixo a crista para
ninguém. Vivo modestamente.
Mas não tenho que dar
satisfação a ninguém. O direito
de estrilo ninguém me tira. Sou
pobre mas em compensação
posso gritar e estrilar. Não preciso
bajular ninguém. Idiota é o pobre
que ainda bajula. Esse tem alma
de cachorro. Pois, se a gente não
tem nada a perder, ainda vai
suportar panca dos outros? Não.
Só imbecil. Buliu comigo, levou
troco. Essa é a vantagem do
pobre. Veja esses industriais.
Quinhentas fábricas. Bilhões e
mais bilhões. Tem que agradar o
Governo. Tem que fazer rapapé
para senador, para deputado,
senão é espeto. Aumentam o
imposto. Tocam-lhe uma
fiscalização. É o diabo. E com os
jornalistas ainda é pior. E com os
comunistas. Você sabe que tem
muito tubarão aí que comparece
com dinheiro para o partido
Comunista? Eles querem sossego.
Então, procuram cobrir-se de
todos os lados. Vida miserável!
Não invejo a vida dessa gente,
não.

GERVÁSIO: Nem eu. Se eu pudesse ter
o dinheiro, sem as
responsabilidades... É impossível...
Todo o mundo se incomoda com
os ricos. Quando não é por
interesse, é por inveja.

GUIMARÃES: Vá se preparando, que
você vai indo pelo mesmo
caminho. Hoje três milhões.
Amanhã, cinco...

GERVÁSIO: Quem? Eu? Ainda estou

muito longe! Quem nasceu para dez réis não chega a vintém! Você não sabe da missa a metade. Há gente por aí que ganha três milhões por dia! Três milhões por dia! De renda, está bem? Eu podia meter os peitos. Botava um negócio aí. Contrabando. No fim de um ano teria dez milhões. Ou bunda de fora ou calça de veludo. Ou bem cabeludo, ou careca de tudo. Para quê? Para sair do meu natural? Deixa.

GUIMARÃES: Está certo. Um dia lhe apreendem a muamba e lá se vai todo o lucro. E não há remédio, porque é negócio imoral e extra-legal.

GERVÁSIO: Extra-legal, de acordo. Mas imoral, não. Todo o mundo faz contrabando. Você vai a Nova Iorque, encontra a brasileirada, lá. Só pensam em contrabando. Só falam em contrabando. Você nem queira saber!

GUIMARÃES: É. Essa corrida atrás do dinheiro... Do dinheiro... A corrida não pára... Depois do dinheiro... A notoriedade... A fama... A glória. Vaidade. É uma coisa louca!

GERVÁSIO: O expresso não pára. É a reação em cadeia. Uma coisa puxa a outra. Você sabe que tem milionário aí que dá para artista. Não sabem mais o que fazer com o dinheiro e então botam panca de artista.

GUIMARÃES: Pois eu penso diferente. Talvez seja por eu não ser rico. Quem sabe, se fosse rico, naturalmente agiria como rico. Mas, não se tendo dinheiro, o panorama é outro. É levantar a

cabeça. É não entrar na gaveta de ninguém. O estrilo é livre. Exigir e não pedir. Lutar pelo meu direito. É uma condição humana. A gente tem que manter a condição humana!

GERVÁSIO: Muito bem, Guimarães! Bravo! É isso mesmo! Você é um braço! Você é que está com a razão! Às vezes eu fico pensando, pensando... Eu sou um ladrão de galinha, colega! Desta vez eu entrei na bolada. Mas já me vendi por gorjeta, Por quinhentos mil réis. Com qualquer gorjetinha eu facilitava as coisas. Eu não tenho dignidade. Eu falo isso aqui, para você. Entre amigos. Ninguém me diz isso na cara, que eu reajo à altura. Mas é a verdade. Eu não passo de um ladrão de galinha. De um achacador! Cá para nós, hein? Invino Veritas. Eu tenho uma profunda admiração por você, colega! Você é que está certo!

(Pausa. Guimarães levanta-se e avança para o centro da cena, lentamente, com um copo de vinho na mão.)

GUIMARÃES: Eu não sei se estou tão certo assim, Gervásio. Não estou nada convencido da minha certeza. Eu também estive pensando, pensando... Você sabe... Três semanas. Há vinte dias que a Floripes saiu... Eu tive bastante tempo para pensar... Não tenho feito outra coisa... Não sei...Dúvida... A dúvida. A princípio parecia absolutamente certo. Convencido. Agora, não. Eu não me vendi. Não comi bola. Três milhões de cruzeiros... Em moeda

corrente do país... Está certo. Você pensa que eu recusei por patriotismo, em nome da Pátria, por civismo? Não. Nada disso. Minha recusa foi automática. Inconsciente. Nem ponderei prós e contras. Não como bola, acabou-se. Foi um problema íntimo. Todo pessoal. A coisa é cá por dentro. Não pensei em ninguém. Talvez só em mim. Aí é que está. Isto também é cá pra nós, hein? Vai por conta do vinho e de nossa amizade. Minha recusa foi ato puramente egoístico. O que eu ganhei com isso? Nada. Não agi dessa maneira, atrás de compensações. Não. Foi automático, já disse. A moral da repartição não melhorou. Até piorou. Porque a venalidade veio de cima. Do chefe. E eu sabia que ele cederia. Mas o problema não era só meu. Havia a Floripes. Eu joguei fora uma chance de ficar rico. Uma chance de Floripes melhorar consideravelmente de vida. Eu encarei o problema do meu lado exclusivamente pessoal. Egoísmo. Vaidade. Sou um grande pretensioso. No fundo, não passo de um idiota pretensioso. Vou reformar o País? Vou moralizar a Nação? Eu? Quem sou eu, para recusar três milhões... Em moeda corrente do País? Eu faço questão de que você saiba, Gervásio, que não estou arrependido. Não estou chorando o dinheiro que deixei de ganhar. Não. O que está se passando comigo é que não estou tão convencido de estar com a razão. É isso. Está

tudo bailando, aqui na minha cabeça. Estou confuso. É isso. Confusão. Não sei mais onde está a verdade. Talvez a verdade esteja dentro desta garrafa. Vamos a ela.

GERVÁSIO: Mas se todo mundo pensar assim, então, este país não tem mais salvação!

GUIMARÃES: Eu sei lá! O fato é que todo mundo se vende e o País vai indo para a frente. Eu acho que é como nesse negócio de terras. O desbravador do sertão nada mais é que um grileiro. Ele rouba a terra do Estado. E leva o progresso para a região. A história da terra vem dos posseiros. Do grilo. De um roubo. Na indústria é a mesma coisa. O capitalista, com o dinheiro, ajeitando as coisas, uma facilidade de cá, uma licença de exportação, uma moleza cambial por baixo do pano. E monta a fábrica. Depois dana-se a vender sem nota. Compra tudo que é fiscal. Esconde o lucro na contabilidade. Fraude. Ajuda na caixa do partido da situação... E está aí mais fábrica... Mais um fator de progresso. E a verdade é que todo o mundo ganha com isso. Você está vendo a confusão?

GERVÁSIO: Quer dizer que a ordem é roubar?

GUIMARÃES: Eu não quero dizer nada. Estou pensando alto. Estou considerando os fatos. E agora vamos nos despedir desta bebida. Vamos, colega. Meu colega rico. O colega pobre e o colega rico. Você com a gaita no Banco e eu

com a conta no empório. Mas o tal sou eu? Está bom, Guimarães, pobre, porém honesto. Bonito... Não há dúvida! Hein! Edwiges! O que é que você acha disso tudo?

EDWIGES: Eu não acho nada. Cada qual sabe onde lhe aperta o sapato.

GERVÁSIO: Boa, Edwiges! Nada como a sabedoria popular.

GUIMARÃES: Adeus, meu bom champanhe. Desculpe, se não o saboreei como mestre de cerimônia. Seu gazua! Abridor de cofres de segredo!

EDWIGES: Quer mais café? Está na hora de tomar café sem açúcar.

GUIMARÃES: Vocês pensam que eu estou bêbado? Absolutamente. Estou apenas um pouco alegre. Assim, no ponto de dizer umas verdades. E mais este e pronto. Adeus. Vamos voltar à rotina. Amanhã a rotina. Trezentos e sessenta e cinco dias de rotina. E nos bissextos 366. E a gente vai vivendo. Vai-se se tocando o barco para frente. Viva a mediocridade! Peito! Bem que a Floripes disse. Peito! Me falou para aceitar os três milhões. Eu sou um medíocre. E hei de ser isso toda vida. E viva a mediocridade!

GERVÁSIO: Guimarães, você é que está certo. Um tipo honesto, direito, correto. Pode gritar, não está na gaveta de ninguém. Tem um nome para deixar para seus filhos. Uma tradição de honestidade...

GUIMARÃES: Pobre de mim! Nem filhos tenho. Ainda bem. Senão eles tinham que herdar um nome honrado. O que você prefere:

herdar um nome honrado de um pai liso como bunda de anjo, ou receber uma fortuna de um pai sujo como pau de galinheiro? Vamos, meu colega. Responda. Um nome honrado, ou gaita? Está aí. Vamos ouvir o senso comum do povo. Edwiges, responda você.

EDWIGES: Eu, seu Guima? Quem sou eu para herdar qualquer coisa? Nem dinheiro, nem nome honrado. Que meu pai, como muito pernambucano, era ladrão de cavalo.

GUIMARÃES: Mas o que é que você preferiria?

EDWIGES: Dinheiro, seu Guima, dinheiro não tem cor, nem procedência. Vale por si...

GUIMARÃES: E quem responder o contrário, está mentindo. O dinheiro tem uma força descomunal. Você tem um padrinho rico. Ele lhe faz bem, lhe encaminha na vida, lhe socorre nas suas dificuldades. Você lá quer saber se o dinheiro dele é roubado? Você é naturalmente amigo de quem lhe ajuda. Votará nele se for o caso. O resto é teoria. Você veja o que aconteceu comigo. Continuo pobre, fui preferido, sou uma figura indigesta na repartição onde trabalho. Briguei com minha mulher e durante toda a minha vida vou ouvir dela esse queixume: idiota, imbecil, medíocre. Há de ser um pé-rapado toda a vida. Coitada da Floripes! Deve ter amargurado.

GERVÁSIO: Não adianta, Guimarães.

Você é que está certo. Você sabe disso. Eu não sei provar. Não sei demonstrar. Sou um ignorantão. Só sei provérbio. E me virar por aí. E quando é preciso eu me viro mais que charuto na boca de bêbado. Mas você é que está certo.

GUIMARÃES: Acho engraçado você dizer isso com esse charutão na boca! Com esse ar de prosperidade. De industrial em férias. Você é quem está certo, Gervásio. Todo mundo se vendendo por aí. A turma dos dez por cento. Não sai um empréstimo sem correr o dez por cento. Não se paga um fornecimento, sem o dez por cento. Não se vence uma concorrência. Não se constrói uma casa. É a caixinha, a moleza, sei lá! E o Governo a aumentar os impostos! O pior cego é aquele que não quer ver. E está na cara. É só fiscalizar. É só fazer pagar o que já é de lei. Se não houvesse sonegação, a arrecadação atingiria cifras astronômicas. Mas não, aumentam-se os impostos. Os trouxas irão pagar mais. Pagam pelos águias. Qual, seu Gervásio. É uma situação muito cômoda.

GERVÁSIO: Eu não sirvo de exemplo para ninguém. Até nem fica bem estar falando assim. Mas você acredite se quiser, ainda que pareça mentira, eu preferiria ser como você, Guimarães. Ter moral, a sua têmpera. Você é como um sacerdote. Como um militar. Já tem a sua trilha certa. Não sai do regulamento. Tem o regulamento

e não há problema. Não há a encruzilhada para se escolher. Você me entende? O caminho já está traçado. É mais simples.

GUIMARÃES: É mais simples. Já sei tudo que me vai acontecer na vida. Trabalho mais quinze anos. Subo duas letras. Me aposento. E fico esperando a morte sentado. É. De fato. É mais simples. Mais fácil, é a expressão. Há muita coisa que não entendo. Nós não somos donos da verdade. Por isso é que não se deve ir julgando, nem condenando. Você veja a minha irmã. Dalva. Ela tem a mesma formação moral que eu. A mesma educação. E gosta de você. E irá com você para onde você for. Que importa a ela que você tenha sido um venal, um... ladrão de galinhas? É como você diz. Onde é que está a sanção?

GERVÁSIO: Puxa! Você, agora, tocou na ferida. E está na hora da segunda novidade. Você já sabia. Mas esta é: eu vou procurar a Dalva. Ela ganhou a parada. Há males que vem para bem. O casamento é contra a minha religião, mas vou me casar com ela. Eu vou dividir esses três milhões com ela. E depois você diz que não adianta ser honesto. Vou me casar com ela porque ela é assim como você. Batata! Cem por cento! Vinho da mesma pipa! Quero lhe pedir a mão da sua irmã. Você é o irmão mais velho. Meu colega, meu amigo e meu futuro cunhado. Venha de lá um amplexo.

(Guimarães levanta-se e abraça

longamente Gervásio.)

GERVÁSIO: Entreguei os pontos direitinho, hein?! Eu gosto dela, sabe? E te digo francamente. Há muito tempo que já estava resolvido. Vou me casar com a bichinha. Entro nos três milhões e caso com ela. Há mal que vem para bem.

EDWIGES: *Meus parabéns, doutor Gervásio...* Agora, o senhor falou com sabedoria.

GERVÁSIO: Em que cinema que ela foi? Quero me encontrar com ela. Já. Quero lhe dar os parabéns pelo aniversário. Este modesto presente. Oitenta mil cruzeiros e a grande novidade.

GUIMARÃES: Não sei qual o cinema. Sei que marcou com a Inês na sessão das oito.

EDWIGES: Acho que ela foi ver Ben-Hur no cinema Regina.

GERVÁSIO: Quatro horas de projeção! Enche, hein? Não faz mal. Isso já vai por conta do casamento. Vai começar a minha via sacra. Bem. Até logo, meu futuro cunhado. Até logo. Depois você escreve um tratado de filosofia. Até logo, Edwiges.

(Gervásio sai e Guimarães o acompanha ao vestibulo. Edwiges já terminou o serviço da sala. Tudo em ordem. Sai em direção à cozinha. Guimarães volta. Apaga a luz maior

da sala, pega uma revista. Prepara seu cigarrinho e vai refestelar-se na poltrona. Aparece Edwiges pronta para sair, carregando o balaio de costume.)

EDWIGES: Até amanhã, patrão.

GUIMARÃES: Até amanhã, Edwiges.

Muito obrigado pelo jantar. Estava ótimo. He! Edwiges!

(Edwiges, que ia saindo, pára na porta.)

EDWIGES: Pronto, patrão.

GUIMARÃES: Balaio cheio, hein?!

Aproveita, que essa alegria vai se acabar. O controle vem aí.

EDWIGES: O diabo não é tão feio quanto se pinta, patrão. Nós dá um jeitinho. Bye, bye.

(Edwiges sai, Calma, sossego, tranqüillidade. Há uma pausa longa. Guimarães larga a revista e vai acender a TV. Acende e volta à sua poltrona, cigarro na boca. De repente, entra Floripes, como saiu no final do segundo ato. Com o mesmo vestido e a mesma mala na mão. Só que a direção de sua marcha é diferente. Antes saía. Agora volta. Floripes pára no centro da sala e quase sem voltar para Guimarães, exclama, secamente, sem ser perguntada)

FLORIPES: Eu voltei.

(E entra para o interior. Guimarães nem se mexe. Fuma e o pano se fecha lentamente.)

FIM

Observações:

1) A peça "Em Moeda Corrente do País" foi representada pela primeira vez em São Paulo, no Teatro Federação, em 16 de dezembro de 1960. Tendo como elenco: Cacilda Becker (Floripes), Walmor Chagas (Guimarães), Kleber Macedo (Edwiges), Alzira Cunha (Dalva), Fredi Kleemann (Gervásio), Sidnéia Rossi (D. Hermengarda).

2) Toda e qualquer representação desta peça, seja por que processo for, depende de autorização prévia da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

3) O direito de exclusividade de representações desta peça pertence ao TEATRO CACILDA BECKER, por cessão onerosa feita pelo autor, não podendo, por conseguinte, qualquer outra companhia teatral profissional ou de amadores representar... "EM MOEDA CORRENTE DO PAÍS" sem permissão expressa e escrita do autor. Da mesma forma, fica proibida qualquer apresentação pelo rádio ou pela televisão, no todo ou em parte, sob pena de responsabilidade por perdas e danos.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores

Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à

Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPrensa OFICIAL
DO ESTADO S. A. IMESP
SÃO PAULO - BRASIL
1997